U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

A Memória da Matéria.
Proposta de intervenção na Quinta das Lages.

Joana Dias Bandeira de Aguiar

M

2024

A Memória da Matéria.
Proposta de intervenção na Quinta das Lages

Joana Dias Bandeira de Aguiar

Sob orientação de
Professora Doutora Ana Isabel da Costa e Silva

Volume um de dois

Porto, 2024
Dissertação de Mestrado Integrado de Arquitetura
Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Nota prévia:
A presente dissertação foi redigida segundo as regras do novo acordo ortográfico, porém, poderão existir exceções, como no caso de transcrições, onde se opta por manter a grafia original.
As citações originais em línguas estrangeiras foram livremente traduzidas pela autora.
Todas as imagens e desenhos apresentados nesta dissertação foram redimensionados, cortados e editados pela autora, e têm a respectiva referência no índice iconográfico. Os desenhos (à mão livre e rigorosos) que não se encontram numerados neste índice, foram todos realizados pela autora.
Por último, importa referir a eventual ausência de rigor nos desenhos correspondentes ao levantamento, uma vez que foram realizados com recurso a fita métrica e laser no meio dos espaços em ruína e muitas vezes de difícil acesso.

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que colaboraram, orientaram, encorajaram ou contribuíram de alguma forma para a concretização deste trabalho.

Ao senhor Miguel Rocha, atual proprietário da Quinta das Lages, agradeço a disponibilidade em colaborar na dissertação, permitindo as visitas à quinta, libertando-a da imensa vegetação.
À Rita Ferrão, por todos os esforços de memória e pela ajuda disponível.
Ao arquiteto Ricardo Coelho da Câmara Municipal de Penafiel e ao Arquivo Municipal de Penafiel, pelo material dispensado. Ao Museu e à Biblioteca Municipal de Penafiel, pela partilha generosa de livros e documentos.
À Fotografia Borges pela cedência da antiga reportagem videográfica da Quinta das Lages.
Ao Telmo Coelho pelas fotografias aéreas cedidas.
Ao meu pai e aos meus amigos Filipe, Fábio e Ricardo pela ajuda incansável nos levantamentos. Ao Gonçalo, pelo empréstimo do material fotográfico.

À minha orientadora, professora Ana Isabel, pelos seus ensinamentos, críticas e partilhas de conhecimento, que foram fundamentais para o equilíbrio e desenvolvimento deste trabalho, desafiando-me sempre a fazer/ser melhor.
Às boas amizades que a faculdade me deixou, em especial à Maria pela companhia e apoio, principalmente nesta fase final. Aos amigos de sempre, por compreenderem a minha ausência.
Ao meu pai, companheiro de aventuras e de trabalho, pelo desafio proposto, por toda a dedicação, acompanhamento e constante ajuda. À minha mãe pela confiança e compreensão desmedidas e pela atenta revisão ortográfica desta prova. À minha irmã pela paciência e amizade. À minha família por todo o apoio incondicional.

Abstract

This dissertation is motivated by a personal concern about the abandonment of Quinta das Lages, which, despite its historical and architectural value, has fallen into oblivion. It is proposed, then, to reflect on how to intervene in the ruins of the property, transforming it into a space to welcome visitors and adapting it to current needs.

The work explores the relationship between the place and the subject matter, which from this investigation finds themes for the project. The questions and hesitations provided by the confrontation between the architect, the place and the matter that exists in it, built the project based on theoretical research that fuelled the design process.

Throughout the process, questions emerged about the place, the buildings and the owners, going beyond the objective of finding a solution for Quinta das Lages. In this sense, the design process oscillates between reading the specificity of the place and its social and historical context, while exploring the way of thinking and intervening in the preexistence.

In this work, the paths and directions of the project are recorded in order to find a possible solution for Quinta das Lages. Elements are collected that make it possible to recognise and value a dormant territory waiting for an intervention that is sensitive to the memory of the place.

Keywords:
Quinta das Lages; Ruins; Memory; Matter; Project; Intervention.

Resumo

A presente dissertação é motivada por uma inquietação pessoal perante o abandono da Quinta das Lages que, apesar do seu valor histórico e arquitetónico, caiu no esquecimento. Propõe-se, então, refletir sobre como intervir nas ruínas da propriedade, transformando-a num espaço para acolher visitantes, adaptando-a às necessidades atuais.

O trabalho explora relações entre o lugar e a matéria que, a partir dessa investigação encontra temas para o projeto. As interrogações e hesitações, proporcionadas pelo confronto entre quem projeta, o lugar e a matéria que nele existe, propiciaram o projeto, com base na investigação teórica que foi alimentando o processo de projeto.

Ao longo do processo deambulou-se em torno de questões que se foram levantando relacionadas com o lugar, os edifícios e os proprietários, ultrapassando o objetivo de encontrar uma solução para a Quinta das Lages. Neste sentido, o processo de projeto oscila entre a leitura da especificidade do lugar e do seu contexto social e histórico, ao mesmo tempo que explora o modo de pensar e de intervir na preexistência.

Neste trabalho, registam-se os caminhos do projeto para encontrar uma solução possível para a Quinta das Lages. Colecionam-se elementos que permitem reconhecer e valorizar um território adormecido à espera de uma ação de intervenção, sensível à memória e ao lugar.

Palavras-chave:
Quinta das Lages; Ruínas; Memória; Matéria; Projeto; Intervenção.

Índice

Introdução 11

1. O Lugar **15**

1.1. A cidade e o rio 21
1.2. A Quinta das Lages: capítulos do tempo 29
A casa senhorial. Uso dos espaços. Interiores.

2. A Matéria **53**

2.1. Permanências temporais 55
2.2. Matérias de Projeto 59
Desenhos de levantamento. Análise da preexistência.

3. O Projeto **71**

3.1. Princípios de intervenção 73
3.2. Construção do programa 77
3.3. Relação interior-exterior 91

Considerações Finais 98

Referências Bibliográficas 101

Referências Iconográficas 105

Introdução

Na procura de um caso de estudo para a presente dissertação, uma vez que se pretendeu desenvolver algo com características práticas, a Quinta das Lages surgiu quase de imediato. É um lugar de relativa proximidade uma vez que ali passava todos os dias a caminho da escola. Foi-se testemunhando, ao longo do tempo, um processo de degradação progressiva a partir do momento em que foi abandonada pela família detentora deste património. Assim, a escolha da Quinta das Lages como objeto de estudo permite uma abordagem complementar e específica à formação base do curso de arquitetura e ainda uma oportunidade de se desenvolver uma resposta concreta para um desafio em contexto real.

Os tempos áureos da Quinta das Lages remontam ao século XVII, uma vez que detinha forte relevância no território urbano onde se localiza, na cidade de Penafiel. Durante séculos, várias gerações da família dos Barões das Lages habitaram a Quinta e, apesar de toda a história familiar, sucessivos acontecimentos nos últimos anos do século XX conduziram à venda da propriedade, abandonada pelos seguintes proprietários, tendo sido alvo de vários furtos e atos de vandalismo.

Por outro lado, a Quinta apresenta uma implantação única cuja paisagem sobre o rio Cavalum garante uma atmosfera muito própria. Além de toda a envolvência natural, a propriedade integra um conjunto de construções preexistentes composto por uma casa senhorial, uma capela, habitações para caseiros e respetivas dependências ligadas às atividades agrícolas. Junto ao rio, dispõe ainda de seis moinhos que já não se encontram em atividade.

O presente trabalho tem como objetivo principal construir uma possível solução para um problema real, através do desenvolvimento de um projeto de intervenção na Quinta das Lages, e assim, contribuir para a valorização deste património. O propósito é revitalizar a Quinta das Lages, propondo novos espaços que acolham e originem novos hábitos e símbolos rurais, próprios dos tempos que viveram. Assim, é fundamental fazer uma leitura da especificidade do lugar e do seu contexto, estudar a topografia e os seus materiais, reconhecer e enaltecer os seus traços essenciais, elevan-

do-os a novos cenários, proporcionando novas vivências.

A escassa informação sobre a Quinta das Lages não foi um impedimento para a investigação, nem para a especulação de acontecimentos históricos que ditaram certas mudanças na Quinta. O levantamento dos elementos que compõem o lugar em conjunto com o estudo das casas nobres do norte de Portugal, possibilitaram o reconhecimento funcional, formal e espacial dos edifícios em ruína, numa tentativa de criar uma narrativa mais coesa.

Dada a ausência de peças desenhadas do conjunto arquitetónico, a metodologia que serve de base ao presente estudo desenvolve-se através do cruzamento das cartografias disponibilizadas pela Câmara Municipal de Penafiel – que se mostram insuficientes no que diz respeito à Quinta das Lages – e um intensivo trabalho de campo que visou complementá-las. Este processo de levantamento arquitetónico, com base na produção de desenhos e fotografias, foi uma ferramenta de trabalho primordial quer para investigar, quer para compreender e especular uma possível ação de projeto. Também as memórias de antigos habitantes da Quinta, quer sobre a sua composição formal, quer sobre a funcionalidade dos diferentes espaços, foram essenciais para a compreensão do conjunto.

O processo de projeto foi a base para a organização da estrutura desta dissertação, representando diversos momentos de reflexão e pondo em evidência temas inerentes ao próprio objeto de estudo. O presente trabalho divide-se em dois volumes separados: o primeiro, a dissertação propriamente dita, onde se apresenta as reflexões teóricas, e o segundo, onde se apresenta a consequência dessas reflexões traduzidas em peças desenhadas.

No primeiro volume, o corpo da dissertação é estruturado em três capítulos que tentam articular diferentes temas e momentos do processo, cuja intenção se foca, sobretudo, em proporcionar ao leitor os dados necessários, de forma gradual, para uma interpretação precisa e fluida dos temas. Os dois primeiros capítulos resultam de momentos prévios de reconhecimento e análise que, simultaneamente, auxiliam a definição do propósito do projeto.

O primeiro capítulo, intitulado *O Lugar*, é o ponto de partida, dedicado ao reconhecimento do lugar, da cultura e da história. Procura construir o en-

quadramento arquitetónico e a sua contextualização no espaço e no tempo. Recorre-se a diferentes escalas que permitem uma aproximação gradual ao território e, paralelamente, explica-se os diferentes acontecimentos que marcam a evolução da Quinta das Lages.

No segundo capítulo, intitulado *A Matéria*, desenvolve-se uma aproximação de carácter mais particular que se divide em duas partes. A primeira parte, *Permanências temporais,* procura entender como a ruína pode ser tanto um elemento físico quanto um repositório de narrativas que influenciam o processo de projeto. Por sua vez, a segunda parte, *Matérias de Projeto*, organiza os desenhos de levantamento numa reflexão sobre o desenho da ruína como suporte e matéria de projeto.

O terceiro capítulo, *O Projeto*, expõe a proposta na qual se desenha e expressa um plano de intervenção geral para a Quinta das Lages, procurando definir linhas para a organização do espaço. Constrói-se um possível programa, de modo a atrair visitantes aos novos espaços da Quinta, visando o contacto com o meio natural e com os costumes da região. Desenvolve-se a ideia de projeto através de duas problemáticas que surgem logo à partida: a conservação do conjunto arquitetónico, tendo presente a memória que lhe é atribuída e potenciar a sua conexão natural com o Vale do Cavalum.

Esta proposta de intervenção destaca a necessidade de preservar a identidade única da Quinta das Lages, respeitando a sua história e essência do lugar, ao mesmo tempo que oferece uma visão de como este património poderá ser resgatado e redescoberto. Do mesmo modo, pretende-se despertar o interesse para a valorização de outros edifícios abandonados com potencial cultural, impulsionando a requalificação consciente deste tipo de património histórico.

O segundo volume compila todo o material produzido pela autora, complementando as reflexões teóricas do primeiro volume. Dividido igualmente em três partes correspondentes aos três capítulos do corpo da dissertação, inclui um *Registo Fotográfico* das visitas à Quinta das Lages, *Desenhos de levantamento* e *Desenhos de projeto* que são colocados a variadas escalas para uma melhor compreensão e para que possam ser consultados a par da dissertação sem comprometer a sua leitura.

1. O Lugar

"Começo um projeto quando visito um sítio (…) Outras vezes começo antes, a partir da ideia que tenho de um sítio" [1]

[1] SIZA, Álvaro - *01 Textos*. Lisboa, Parceria A.M. Pereira, 2019; p.22

O ato de conhecer é um processo complexo que envolve a aquisição, assimilação, organização e compreensão de informações sobre o mundo que nos rodeia. Este processo é fundamental para a nossa interação com o lugar. A perceção é o ponto de partida para o conhecimento. Esta envolve a utilização dos sentidos para captar informações sobre o lugar e, a partir do que apreendemos, formamos as primeiras impressões do ambiente à nossa volta.

Vários filósofos têm visões distintas sobre como adquirimos conhecimento, contribuindo para uma compreensão mais ampla da teoria do conhecimento ao longo da história. Entre eles, Aristóteles que considera a experiência sensorial e a observação empírica como fundamentais para adquirir conhecimento. O filósofo defende que os sentidos são a base para a obtenção de informações sobre a realidade física.

Por outro lado, René Descartes defendeu o racionalismo, que é a ideia de que a razão é a principal fonte do conhecimento humano. Para ele, a razão é capaz de chegar ao conhecimento, independentemente da experiência sensorial. O raciocínio é o processo mental de conectar e inferir informações, permitindo-nos tirar conclusões e formar ideias abstratas a partir dos dados disponíveis. O raciocínio lógico e crítico é fundamental para analisar, avaliar e sintetizar informações. O ato de conhecer, muitas vezes, envolve uma avaliação crítica das nossas próprias crenças e disposição de revisá-las quando confrontadas com novas informações ou evidências.

Na procura de reconciliar o empirismo e o racionalismo, Immanuel Kant fez uma distinção entre conhecimento a priori e a posteriori. O primeiro é independente da experiência e é baseado em princípios inatos da mente humana, enquanto o segundo é baseado na experiência sensorial. Deste modo, as nossas experiências e o conhecimento prévio influenciam a nossa forma de interpretar novas informações.

Quando Siza menciona começar um projeto a partir da visita ao lugar, está a enfatizar a importância da experiência direta e sensorial. Do mesmo modo, assume que começa um projeto a partir da ideia prévia que tem do lugar, demonstrando que a sua abordagem envolve também a influência das ideias preconcebidas. Aqui, pode ver-se uma correspondência com a visão de Kant sobre como o conhecimento é formado através da interação entre a experiência e as estruturas mentais inatas.

Contudo, o conhecimento não é apenas um acúmulo de informações, é o resultado de uma procura intencional para aplicá-las num contexto específico. O conhecimento distingue-se da informação porque está associado

a uma intencionalidade, neste caso, a de projeto.

Assim, o (re)conhecimento do lugar é algo pessoal e sensível ao contexto sobre o qual o arquiteto vai atuar. "*O que já existe anteriormente tem a sua própria história e [...] o projeto entra a formar parte da história do lugar*"[1]. O projeto é, então, o resultado de uma contínua confluência da razão e do conhecimento empírico de relação direta com o lugar. "*Projetar significa, em grande parte, entender e ordenar*"[2].

O lugar, de acordo com vários arquitetos, transcende a própria matéria e forma, possuindo uma essência particular que enriquece com a emoção humana. Autores como Norberg-Schulz, Gregotti, Zumthor e Palasma compartilham uma visão central sobre o conceito de lugar, mas destacam aspetos distintos e complementares nas suas abordagens.

Norberg-Schulz explora o conceito de *Genius Loci*, termo do latim que se refere à essência e à alma de um lugar. O lugar é considerado pelo autor como um organismo vivo, sujeito a mudanças ao longo do tempo. Apesar das variadas transformações, o lugar conserva sempre a mesma identidade, continua intacto e inalterável - é intemporal. O autor enfatiza ainda o papel singular da localização na definição da identidade do lugar. "*Os lugares não podem ser descritos [apenas] através de conceitos analíticos e científicos*"[3], eles também são definidos em termos geográficos. Segundo o autor, "*a identidade do lugar é [também] determinada pela localização, pela configuração espacial e pela articulação característica*"[4], ou seja, o seu ponto de localização é, de forma particular, o mentor da sua singularidade e do seu carácter.

Vittorio Gregotti reflete sobre a necessidade de os arquitetos compreenderem profundamente o lugar sobre o qual irão intervir, considerando não apenas os aspetos físicos, mas também as camadas culturais e históricas que compõem o lugar. O autor debate sobre a importância de uma abordagem sensível ao contexto, onde a arquitetura não se encaixa apenas no tecido urbano, mas também responde e contribui para a identidade do lugar e das comunidades que o habitam. "*A cidade induz o indivíduo a considerar-se centro de uma situação, protagonista [...] de uma dinâmica de desenvolvimento, e considerar-se habitante de um ponto do território historicamente privilegiado e dono dos significados que representa para o grupo*

[1] ZUMTHOR, Peter - *Pensar la Arquitectura*. Barcelona, Editorial Gostavo Gili, 2005; p.20
[2] ibid.
[3] NORBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci: towards a phenomenology of architecture*. New York, Rizzoli, 1980; p.8
[4] ibid.; p.179

social"[5]. Aqui, o autor destaca a influência do lugar na construção de uma identidade cultural de uma comunidade onde o papel do Homem, dentro do território, é fundamental pelo que é ele que lhe dá identidade.

Peter Zumthor, por sua vez, acredita que a vivência humana do lugar é essencial para compreender sua essência e atmosfera. Ele afirma que o lugar não é apenas um cenário passivo para a arquitetura, mas um participante ativo na criação de espaços significativos. Além disso, o autor também destaca a capacidade de um edifício "*ser capaz de absorver as marcas da vida humana*"[6]. Ele reconhece a importância das experiências vividas no lugar, como as atividades humanas, as histórias compartilhadas e as emoções associadas, que enriquecem "*essa peculiar atmosfera do espaço*"[7].

A relação entre o lugar e o ser humano molda a arquitetura como *habitante do lugar* de acordo com Juhani Palasmaa. O autor considera que a arquitetura deve enraizar-se na sua história e na sua memória coletiva para proporcionar uma experiência mais rica e significativa às pessoas. A arquitetura tem a capacidade de evocar memórias e emoções através dos sentidos. "*Toda a experiência arquitetónica é multissensorial; qualidades do espaço, matéria e escala são medidas igualmente pelo olho, ouvido, nariz, pele, língua, esqueleto e músculo.*"[8] É, por isso, essencial percorrer, ver, tocar, ouvir e cheirar o lugar para compreender as suas múltiplas significações.

Todos estes autores convergem na ideia fundamental de que o lugar possui uma identidade única moldada por uma combinação complexa de fatores físicos, históricos, culturais e sociais. Todos reconhecem a importância da relação entre o ser humano e a arquitetura, defendendo que esta deve ser sensível e responsiva às características peculiares de cada lugar.

Assim, ao realizar uma leitura e análise da especificidade do lugar surgem vários temas de trabalho. A compreensão da relação entre o nosso objeto de estudo e a sua envolvente permite a identificação de elementos que possam ser explorados e considerados no processo de projeto.

---

[5] GREGOTTI, Vittorio - *Território da Arquitetura*. São Paulo, Editorial Perspectiva, 1994; p. 69
[6] ZUMTHOR, Peter - *Pensar la arquitectura*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2005; p. 23
[7] ibid.
[8] PALLASMAA, Juhani - *The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses*. Chichester: Wiley-Academy - John Wiley & Sons Ltd, 2005; p.41

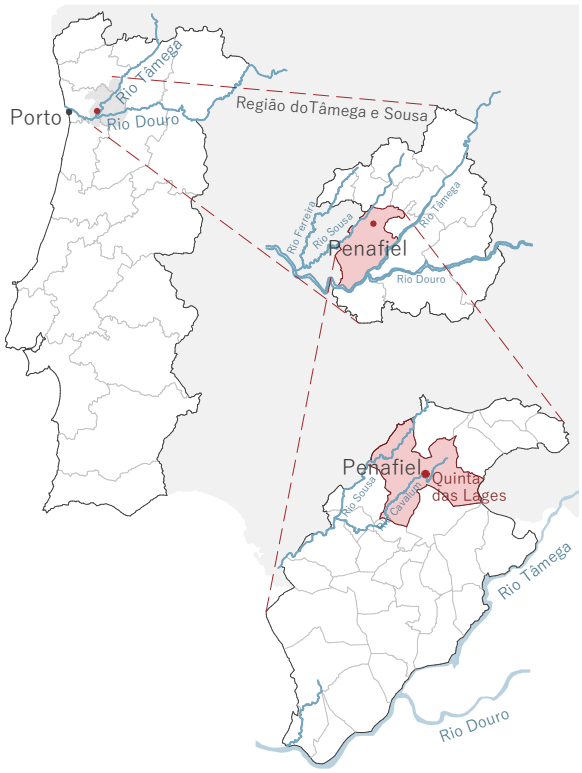


Figura 1. Esquema de enquadramento territorial.

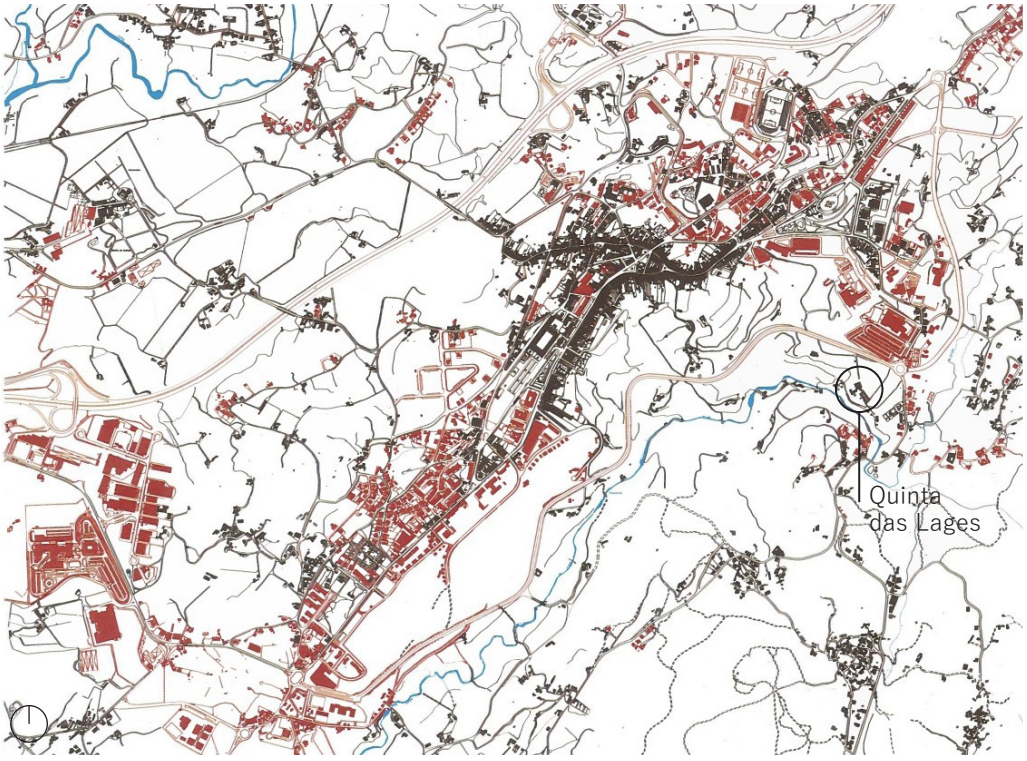


Figura 2. Cidade de Penafiel. Edificado até 1975, a preto; edificado até 2000, a vermelho.

1.1. A cidade e o rio

A cidade de Penafiel, aproximadamente a 40 quilómetros da cidade do Porto, é a capital da sub-região do Tâmega e Sousa[1], pertencendo ao Distrito do Porto e à Região do Norte. Situa-se no topo de uma pequena colina conhecida como Arrifana, com uma altitude de 302 metros, entre os rios Sousa e Cavalum, afluentes do lado direito do rio Douro. A sua envolvente possui inúmeras quintas, vinhas e campos agrícolas, onde a agricultura e a produção de vinho assumem grande importância económica.[2]

A topografia deste lugar, entre colinas e rios, influenciou o desenho dos caminhos que posteriormente deram lugar ao traçado viário, suporte do tecido edificado. O ambiente urbano da cidade é caracterizado pela sua história e desenvolvimento ao longo dos séculos. O centro histórico de Penafiel[3] apresenta uma configuração de ruas estreitas e sinuosas, com edifícios que refletem diferentes períodos do seu desenvolvimento.

"*O traçado da ligação terrestre do Porto para Vila Real e para Trás-os-Montes, explica a formação deste burgo: uma mancha longitudinal que se desenvolve ao longo de uma linha de festo*."[4] Ao longo dos séculos XVI e XVII, esta povoação[5] foi-se desenvolvendo ao longo da estrada medieval que atravessava o rio Sousa. A partir do fim do século XVIII, depois de adquirir o estatuto de cidade[6], formaram-se traçados e edifícios que hoje integram o pequeno centro histórico da cidade de Penafiel. Ainda no final do século XIX, com a construção da Estação Ferroviária, desenharam-se novas ruas

---

[1] Esta aglomeração policêntrica corresponde à união das antigas sub-regiões do Vale do Sousa e do Baixo Tâmega, agrupando os municípios dos vales dos rios Sousa e Ferreira e do vale inferior do Tâmega. Região urbano-industrial, cuja densidade tem vindo a aumentar devido ao desenvolvimento dos setores industriais da madeira e do mobiliário, do calçado e do vestuário.

[2] As 28 freguesias do município são, na sua maioria, bastante industrializadas, embora algumas apresentem ainda um cunho bastante rural. Para além do setor agroalimentar e a vinicultura, grande parte da estrutura económica do concelho concentra-se no setor secundário, com destaque para as áreas da construção civil, da manufatura e produção têxtil. Assumem também, particular relevo o comércio, indústria, extração e transformação de granitos.

[3] S. Martinho de Moazares é o nome medieval do lugar que hoje corresponde ao núcleo antigo de Penafiel.

[4] DOMINGUES, Álvaro – Penafiel. In *Cidade e Democracia: 30 anos de transformação urbana em Portugal*. Lisboa: Argumentum, 2006. p.186

[5] denominado Arrifana de Sousa, que adquiriu o estatuto de vila em 1741.

[6] Arrifana de Sousa adquire o estatuto de cidade em 1770, sendo alterado o topónimo da localidade para Penafiel. A origem do nome Penafiel varia em diversas lendas, no entanto, a mais comum indica que a origem do nome advém do Castelo da Pena, que se situava na margem sul do rio Sousa. várias vezes atacado pelos mouros, nunca se rendeu, valendo-lhe o apelido de "fiel", permanecendo assim, conhecido como Castelo de Penafiel.

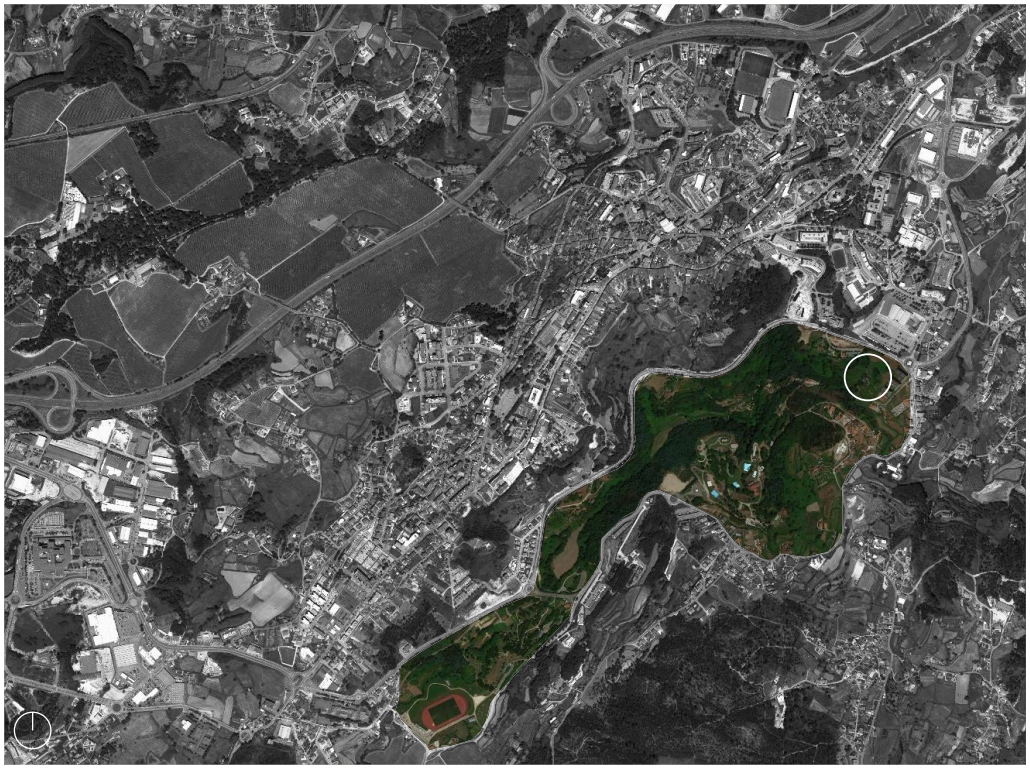


Figura 3. Delimitação da Área de Reabilitação Urbana do Vale do Cavalum.

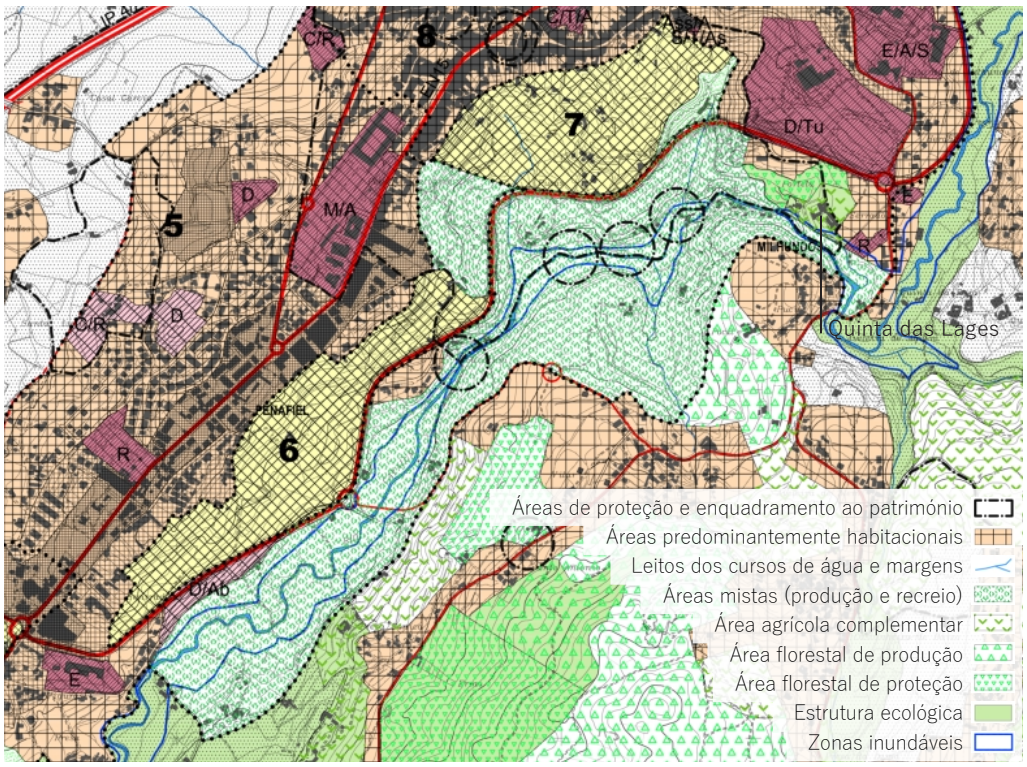


Figura 4. Planta de Ordenamento do Plano Diretor Municipal de Penafiel.

que acabaram por expandir a cidade e direcionar o foco para fora do antigo centro.

A expansão e modernização da cidade culmina na construção da Igreja do Sameiro, entre 1889 e 1897, dando-se continuidade à construção do parque circundante, que seria concluído décadas mais tarde. Esta obra, ainda hoje, é o principal elemento de referência da cidade, graças à sua paisagem e à proeminência do conjunto composto pelo santuário e pelo parque.

Até à década de 1990 esta cidade de *risco-ao-meio* permaneceu perfeitamente contida na linha de cumeeira atravessada pela N15, a estrada para Vila Real. A ligação ao nó da A4 e a construção da Variante Cavalum ao atravessamento da N15 modificaram drasticamente a forma urbana e marcaram outras tendências e formas de expansão. Deste modo, o núcleo urbano mais denso estabelecido pelo eixo longitudinal da N15, vai-se expandindo em direção à Variante pelo vale do rio Cavalum.

O vale a sudoeste da cidade de Penafiel, na mediação entre a urbe e as margens do rio Cavalum é uma zona com um carácter vincadamente rural, marcada pela presença e atravessamento do rio, que escapou e sobreviveu às pressões da expansão e desenvolvimento urbano ao longo do tempo. Esta é uma zona de excelência da cidade, caracterizada por uma relação única entre o rio, o vale e a cidade, constituindo habitats de fauna e flora essenciais para o equilíbrio ambiental e ecológico da cidade.

Existe um projeto que propõe a valorização e salvaguarda dos elementos patrimoniais e paisagísticos deste vale (*Área de Reabilitação Urbana do Vale do Cavalum*[7]), que alerta para a reabilitação dos edifícios que se encontram devolutos, a requalificação das margens do rio Cavalum e a ampliação do polo de lazer, travando o processo de degradação que esta área urbana encerra.

O crescimento urbano que se desenvolve em torno dos eixos viários é desordenado, sendo que nesta zona, o uso dominante é o residencial devido ao grande potencial paisagístico desta área. A *ARUVC*, segundo o Plano Diretor Municipal, apresenta grande parte da sua área classificada como solo urbano inserido na estrutura ecológica urbana, como área mista de produção e recreio. Contém algumas zonas inundáveis, abrangendo o leito e margens do rio Cavalum[8], onde se encontram pequenas áreas de proteção e

[7] Projeto solicitado pela Câmara Municipal de Penafiel aos serviços da Divisão de Projetos de Arquitetura e Ordenamento Territorial em 2015.

[8] Da freguesia de Croca, onde nasce, até à de Irivo, onde se junta ao rio Sousa, o rio Cavalum tem uma extensão de aproximadamente 17km e só no inverno tem algumas enchentes.

Fig 5. Moinho da Quinta das Lages

Fig 6. Ruínas de um moinho da Quinta das Lages

Fig 7. Turbina num moinho da Quinta das Lages

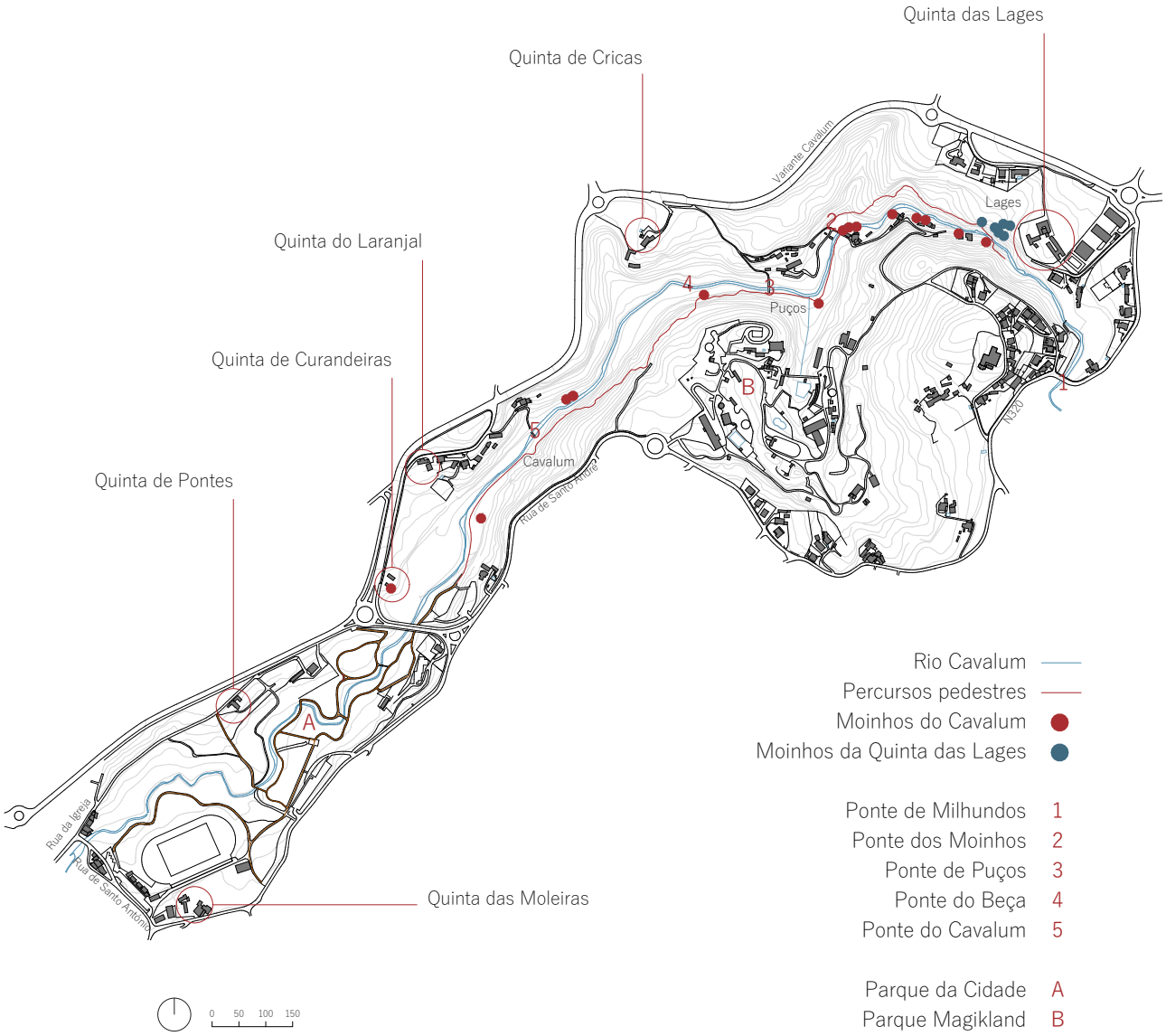


Figura 8. Planta da Área de Reabilitação Urbana do Vale do Cavalum – Enquadramento

enquadramento ao património.

O rio Cavalum constitui o núcleo da importância agrícola que este concelho tem desde tempos muito distantes. No decorrer dos séculos, sedimentaram-se tradições, enraizaram-se usos e costumes, desenvolveram-se velhas técnicas entre elas teias de açudes, presas e levadas que, por vezes percorriam quilómetros para transportarem a água até aos moinhos mais distantes e regarem os campos que se estendiam nas margens do rio.

Eram, esses moinhos, alimentados por levadas específicas que conduziam para eles a água, as quais terminavam num acentuado declive, quase sempre rasgado em caleiro de pedra, para que a água entrasse no moinho em queda forte, capaz de fazer girar o rodízio que obrigava a mover a mó. Assim, ao longo do rio, deparamo-nos com a localização estratégica dos moinhos, por vezes aglomerados em certos pontos das margens, e alguns outros mais dispersos porque a corrente não teria a intensidade suficiente para fazer mover mais do que um ou dois desses equipamentos. Uns eram exclusivamente privados, sendo utilizados apenas pelos seus proprietários, outros tinham consortes. Na generalidade, pelo que se observa dos seus vestígios, pelas culturas típicas das margens deste rio e pelas descrições das matrizes prediais que ainda existem, eram moinhos negreiros, isto é, moinhos destinados à moagem do milho e do centeio.[9]

De todas estas características do rio Cavalum e a utilização da sua água, advém o aumento do aproveitamento da sua força motriz que representou, durante muito tempo, um grande impulso no desenvolvimento da economia local, designadamente na indústria da moagem. Como em muitos rios com condições propícias para o aproveitamento motriz das águas, que atraíram para as suas margens aglomerados de moinhos, o rio Cavalum foi impressionantemente produtivo nessa vertente com os seus 66 moinhos identificados localmente.[10]

Destacando apenas os moinhos situados na *ARUVC*, seguindo o sentido de montante para jusante, encontramos os primeiros moinhos no Lugar das Lages, atualmente todos em ruína, conservando-se apenas a levada, de abundante caudal, que os movia. Pertencem à Quinta das Lages e, segundo a descrição do registo predial, seis moinhos com sete rodas e casas de habitação. Esta quinta de exploração agrícola estendia-se até ao rio Cavalum através dos vários moinhos que a família possuía. Do rio, narram-se histórias do aproveitamento da sua água por parte do Barão das Lages para a

[9] CARNEIRO, Virgílio - *O Vale do Cavalum e os Moinhos*. Penafiel: Editorial Novembro, 2007; p. 25, 26
[10] CARNEIRO, Virgílio; op. cit.; p. 24, 25

Fig 9. Moinhos de Milhundos, postal de 1919

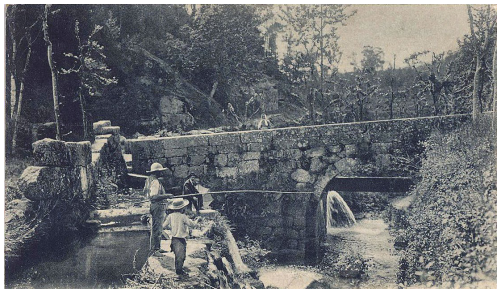


Fig 10. Ponte de Puços, postal de 1919

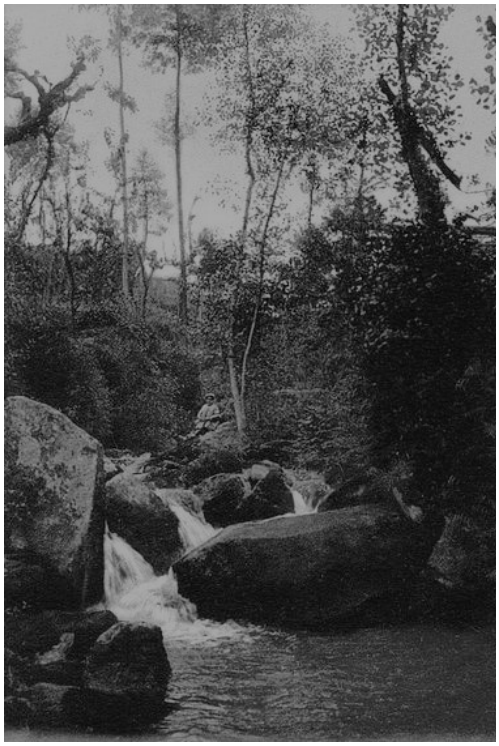


Fig 11. Quedas de água no rio Cavalum, 1920

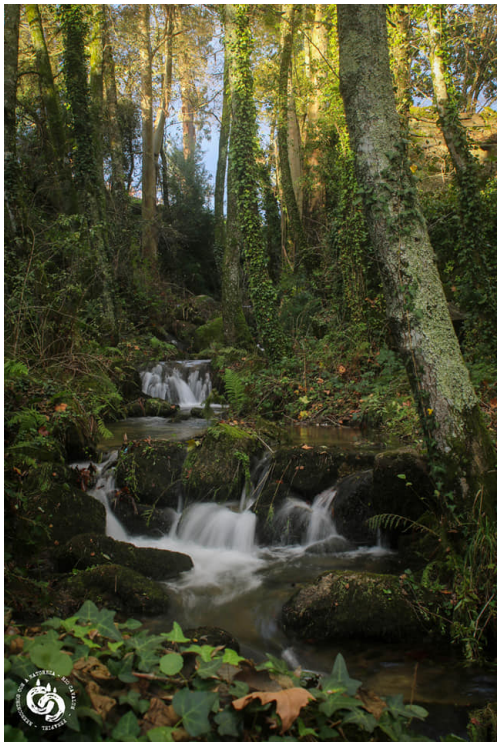


Fig 12. Quedas de água no rio Cavalum, 2021

produção de energia elétrica. Restam ainda vestígios da instalação de uma turbina do período em que a cidade de Penafiel ainda não detinha eletricidade, situação única que ilustrava a importância da Quinta.

Em seguimento ao Lugar das Lages, o rio Cavalum continua entre altas margens pelo lugar de Moinhos de Milhundos, onde nos deparamos com duas casas recentemente reabilitadas, que possuíam três moinhos no seu todo. Seguidamente, num lugar onde as margens perdem um pouco de altitude e onde o vale se alarga, conhecido pelo nome de Moleiros de Marecos, junto a uma ponte de características medievais, chamada de Ponte dos Moinhos, existiram três moinhos: dois de quatro rodas e um de uma. Sobre os moinhos de quatro rodas, erguia-se a residência dos ditos moleiros, o que significa que ali se exerceu uma intensa atividade profissional ligada a esta indústria. Destes moinhos localizados na cave, já nada resta, salvo as residências que foram restauradas para fins habitacionais.

Mais adiante encontramos a Ponte de Puços, ou como outrora era conhecida, a Ponte das Curadeiras, construída em 1826, com um arco perfeito e tabuleiro plano, com largura e altura suficientes para que as maiores enchentes não a pudessem exceder. Muito próxima desta, situa-se a Ponte do Beça: é particular e denominada de Beça por se encontrar entre os bens pertencentes a este proprietário.[11] Depois surge o Lugar de Cavalum e aí, escondidos nos silvados, persistem as ruínas de três moinhos. Este lugar deu origem ao nome de mais uma ponte, a Ponte do Cavalum.

Atualmente, estas pontes são usadas essencialmente por quem cultiva os campos localizados nas margens do rio. Existem também percursos pedestres que estão a ser recentemente requalificados, facilitando as caminhadas da população e a exploração da natureza na área circundante ao rio.

O vale do Cavalum contém todo o potencial para ampliar e enriquecer este centro de lazer, da qual já fazem parte o Parque da Cidade e o parque de diversões Magickland, uma vez que aqui coexistem memórias rurais das atividades associadas ao rio Cavalum, oferecendo uma oportunidade única de desenvolvimento para esta área recreativa.

[11] ALMEIDA, António d' - *Descrição Histórica e Topográfica da Cidade de Penafiel*. Penafiel: Biblioteca Municipal de Penafiel, 2006; p. 117 - 119

Fig 13. Casa das Lages vista da Variante Cavalum

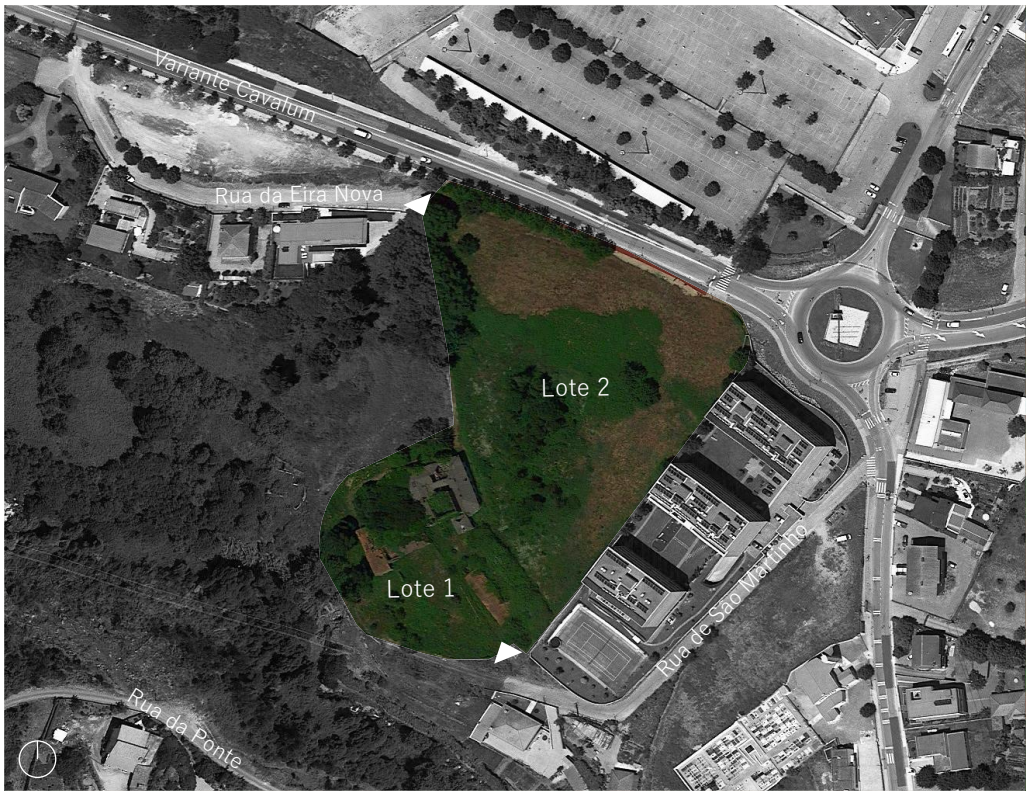


Figura 14. Terrenos da Quinta das Lages.

Figura 15. Quinta das Lages vista da Rua da Ponte

1.2. A Quinta das Lages: capítulos do tempo

A propriedade, com aproximadamente 18 000 m² de área, é dividida em dois lotes e delimitada a norte pela Variante Cavalum; a sul, pelo remate da Rua de São Martinho; a nascente, pelo conjunto habitacional *Pátio das Camélias* e a poente, por uma área florestal.

Ao percorrer a Variante Cavalum têm-se o primeiro contacto visual com a Quinta das Lages. Das suas ruínas destaca-se a torre ameada que se eleva da casa, onde se avistam alguns vãos que anunciam algo para lá das paredes: um espaço interior desabitado. A sul, atravessando a rua da Ponte, deparamo-nos com uma vista panorâmica sobre a Quinta, onde distinguimos com alguma clareza os seus elementos compositivos e o portão de entrada.

Tanto a norte como a sul existe uma entrada na Quinta. A entrada norte desenvolve-se ao longo de um caminho com sensivelmente 95 m de extensão, que se inicia no fim da Rua da Eira Nova e finda na frente da fachada principal da Casa das Lages. A entrada a sul realiza-se por um portão que se localiza no fim da Rua de São Martinho. Ruas estas, sem saída, que terminam nas duas entradas da Quinta das Lages.

Estes dois momentos são essenciais para o reconhecimento dos importantes elementos na composição do conjunto. São momentos em que os espaços se apresentam de modo diferente. Neste sentido, considera-se relevante uma abordagem à propriedade a partir das duas entradas posicionadas opostamente entre si, para um reconhecimento que desperte a relevância dos elementos compositivos existentes pela posição onde se encontram relativamente ao espaço, de modo a entender as dinâmicas existentes na propriedade - circulações, pontos de vista e espaços de interesse.

A entrada principal da Quinta das Lages, a norte, até finais do século XX, realizava-se pelo Largo de São Bartolomeu, onde existia um portão com uma pedra de armas que apresentava um escudo de fantasia onde lhe assentava um coronel de Barão[1]. Este portão dava início a um caminho com aproximadamente 820 metros até à Casa das Lages. Durante séculos,

[1] O escudo era ladeado por dois ramos floridos, cruzados em ponta, que decoravam a superfície do tímpano do frontão onde se salientava a pedra de armas. Tinha uma composição partida e eram as suas armas: duas cabras passantes, uma sobre a outra, referentes à família Cabral e uma cruz florenciada, que indicava a família Pereira. (NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da - Pedras de Armas da Cidade de Penafiel. Heráldica de Família. In *Cadernos do Museu*. Penafiel: Museu Municipal, 1999; p. 45, 46) Estas armas encontravam-se esculpidas com alguns erros: além de se apresentarem invertidas, ostentavam erradamente a cruz florenciada dos Pereiras quando deveria ser a cruz potenteia dos Teixeiras. (MIRANDA, Abílio; Freguesia de Melhundos. In *Separata de O Penafidelense*. Penafiel,1942; p.86)

Figura 17. Portão norte.

Figura 18. Portão sul.

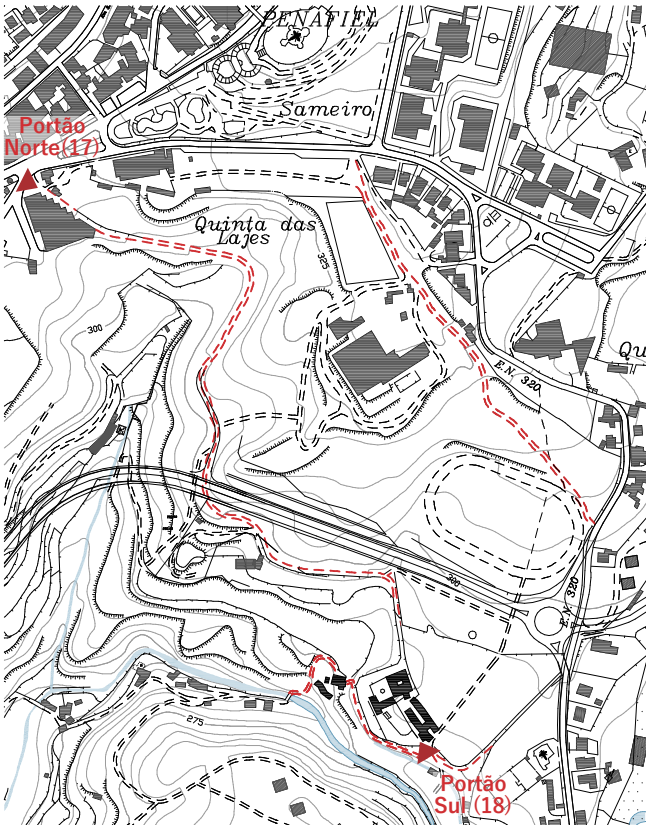
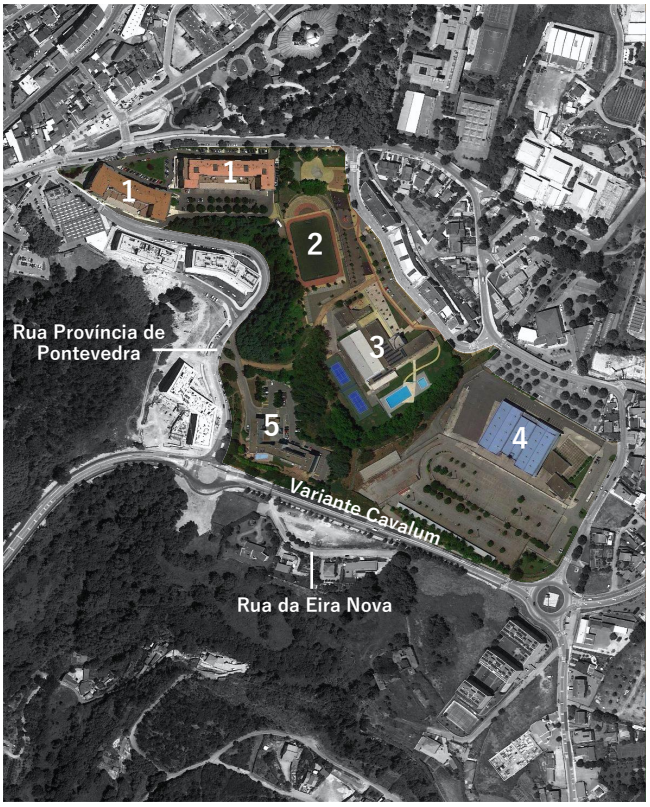


Figura 16. Caminhos de acesso à Casa das Lages. Cartografia de 1993. Escala 1:8000.



Edifícios de comércio e habitação-1
Parque Desportivo das Lages (2012)-2
Piscinas Municipais (1993)-3
Pavilhão de Feiras e Exposições de Penafiel (2001)-4
Penafiel Park Hotel & SPA (2007)-5

Figura 19. Equipamentos que atualmente estão implantados nos terrenos que pertenceram à Quinta das Lages.

a Quinta das Lages foi uma propriedade de vasta área, com arruamentos e mata de vasto arvoredo, vedada com altos muros. A partir da década de 80, grande parte dos seus terrenos foram hipotecados voluntariamente e mais tarde adquiridos pela Câmara Municipal, resultando na expansão urbana da cidade e na implantação de novos equipamentos e vias públicas. Assim, a Rua Província de Pontevedra é o nome atual do antigo caminho que se prolongava até à Casa das Lages, sendo interrompida pela Variante Cavalum.

O que resta deste antigo caminho e que hoje corresponde à entrada norte na Quinta das Lages, é uma vereda em terra batida que dá continuidade à Rua da Eira Nova. Aqui, não existe nenhum portão que bloqueie a entrada a visitantes indesejados, uma das razões pela qual a Quinta tem sido severamente vandalizada.

No portão sul, também conhecido como Porta de Milhundos, encontra-se numa das ameias, uma pedra de armas cortadas de Teixeira Cabral, sem elmo nem timbre. Contornando o alto muro de pedra que acompanha o portão, segue-se um percurso pedestre que vai ao encontro das ruínas dos moinhos da Quinta das Lages e até ao rio Cavalum. Ingressando na propriedade através da Porta de Milhundos, surge um caminho calcetado, que conduz às traseiras da Casa das Lages. É marginado pelas habitações dos caseiros e por um muro que as separa das dependências associadas à realização de atividades agrícolas, onde se destaca uma eira em xisto e a respetiva casa da eira - o que nos dá uma diferente perspetiva sobre a forma como apreendemos o espaço e os elementos compositivos da propriedade.

Na Quinta das Lages encontramos, então, uma casa senhorial, habitações para caseiros, uma eira com respetiva casa da eira, uma capela, uma garagem, um anexo e seis moinhos com respetivas habitações para os moleiros.

Podemos afirmar que a entrada norte tem um caráter mais formal. Por ela acediam apenas os proprietários da casa senhorial e os seus convidados. Contrariamente, a entrada sul apresenta um carácter rural e funcional, onde os caseiros e trabalhadores da Quinta chegavam mais rapidamente aos espaços onde realizavam as atividades agrícolas. O muro que encontramos logo após o atravessamento do portão sul não é alto, mas anuncia uma clara divisão entre a zona habitacional e a zona de trabalho. Podemos também observar uma orientação oposta entre os elementos mais importantes (a Casa das Lages, a capela e o jardim) que estão orientados a noroeste e os elementos dedicados aos trabalhadores que estão orientados a sudeste.

Figura 20. Esquema dos elementos compositivos da Quinta das Lages.

Fig 21. Caminho da entrada norte.

Fig 22. Fachada principal da Casa das Lages.

Fig 23. Garagem.

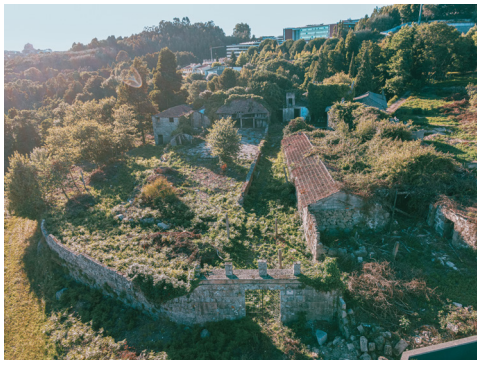


Fig 24. Vista aérea da entrada sul.

Fig 25. Vista pelo caminho da entrada sul.

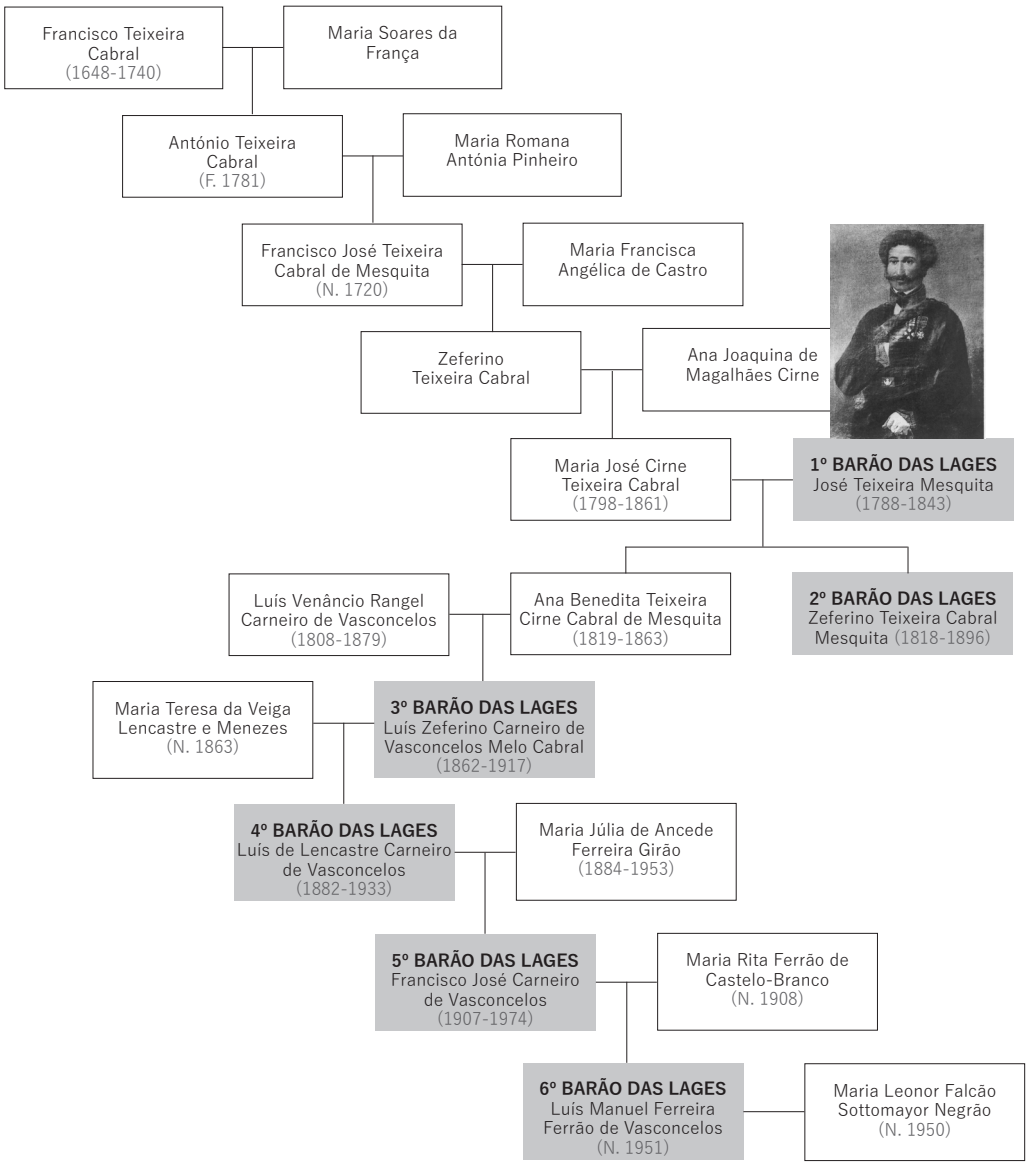


Figura 26. Esquema genealógico da Casa das Lages

As primeiras referências conhecidas relativamente à Casa das Lages datam 1628 com a herança de Filipa de Azevedo de Lemos, pelo falecimento de seu pai.[2] Também aqui se alojaram, entre 1662 e 1666, oito religiosos Capuchos do Convento do Vale da Piedade de Gaia, a convite do Capitão Inácio Andrade e Abreu (sobrinho de Filipa), com a finalidade de construírem um convento em Arrifana de Sousa. Organizaram as casas da Quinta de acordo com algumas funções de um convento, fazendo um pequeno dormitório temporário com algumas celas e serviram-se da capela da Quinta para rezar as missas.[3] Os frades saem da Quinta das Lages aquando o início da construção do convento.

Durante o século XVIII habitaram na Casa das Lages cinco gerações da família Teixeira Cabral.[4] Em 1840, o Capitão José Teixeira de Mesquita (esposo de Maria José Teixeira Cabral) foi agraciado com o título de Barão das Lages pela rainha D. Maria II, devido aos seus notáveis serviços à nação.[5] Posteriormente, foram também agraciados com o mesmo título o seu filho, neto e bisneto.

Após a Implantação da República Portuguesa e com o fim do sistema nobiliárquico, ainda usaram o título de Barão das Lages, Francisco José Carneiro de Vasconcelos e seu filho Luís Manuel Ferreira Ferrão de Vasconcelos, tendo sido o último proprietário da Quinta das Lages pertencente à 10ª geração desta família.

Em 1997, a propriedade foi penhorada e a família deixou de residir na Casa das Lages, posteriormente abandonada pelos proprietários seguintes e alvo de vários furtos e atos de vandalismo até aos dias de hoje.

As informações que os investigadores e genealogistas nos fornecem a respeito da história do edifício são muito escassas. Verifica-se, então, a necessidade de estudar a evolução da casa senhorial portuguesa com semelhanças à Casa das Lages para um melhor entendimento da mesma.

---

[2] A.M.R. - S. Martinho de Melhundos. In *Penafiel, Boletim de Cultura da Câmara Municipal, n.º 2.* Penafiel, 1975. p. 42-44

[3] DIAS, A. J. - Convento dos Capuchos de Penafiel. In *Penha-fidelis*, 1.º ano, n.º 7. Penafiel: Tipografia Minerva, 1928. p. 131–133

[4] VASCONCELLOS, Luiz de Lencastre Carneiro - *Noticia Genealogica da Casa das Lages de Penafiel.* Porto: Tipografia Mendonça, 1928; p.30 -47

[5] LAGES, Luiz Barão das - *Trinta e cinco anos de vida militar (1808-1845)*. Porto: Typografia Peninsular, 1908

Figura 27. Torre da Honra de Barbosa.

Figura 28. Casa da Honra de Barbosa, antes da reconstrução.

Figura 29. Casa das Lages, fachada sul.

Fig 30. Torre da Casa das Lages.

A casa senhorial

Designações como *Paço*, *Solar* ou *Quinta* são utilizadas para caracterizar edificações senhoriais. Transparecendo tradições que se foram entrecruzando ao longo dos séculos, o estudo da etimologia e evolução semântica destas diferentes designações fornecem-nos elementos para o entendimento da casa senhorial, partindo das suas origens medievais.

O termo *Paço* refere-se à casa senhorial da nobreza, residência real ou episcopal ou ainda uma casa onde o rei se tenha estado hospedado. Quanto ao termo *Solar,* este corresponde ao lugar ou casa onde uma família nobre, na Idade Média, estabelecia a sua origem. Cada família cultivava essa origem como uma honra, como se tratasse de um privilégio que lhes garantia o estatuto que os diferenciava das outras categorias sociais, mesmo das senhoriais. Esta designação fica mais ligada ao norte do país e a uma nobreza do início da formação de Portugal. Diferentemente de *Solar*, a origem do termo *Quinta* prende-se, na sua génese, com a tradição das propriedades agrícolas tardo-romanas e com a produção agrária diretamente ligada à manutenção de uma casa. Na sua etimologia, a palavra *quinta* vem do latim *quintana* que evoluiu, em termos semânticos, na época paleocristã indicando as cinco atividades agrárias que apoiavam a casa, nomeadamente a horta, o pomar, a pecuária, os cereais e a mata.[6]

A história da casa senhorial surge no norte do país com a ocupação de torres de vigia de antigos castelos que, no princípio, tiveram utilidade militar nas batalhas da Reconquista. Quando entram num período sem utilidade, as torres adquirem um significado ligado ao poder senhorial, tornando-se num símbolo de nobreza numa determinada povoação, com uma autorização régia, quando o monarca concedia privilégios às torres de determinado senhor. Entre foros e privilégios da nobreza, os mais importantes eram os coutos e as honras, que isentava os moradores de certos impostos e do serviço militar. No concelho de Penafiel, existe ainda a Torre da Honra de Barbosa, exemplo da casa-torre medieval com variadas reconstruções em épocas posteriores.

Estas torres caracterizam-se por grossas paredes, têm geralmente dois ou três andares e entrada alta num ponto acessível por meio de uma estreita escadaria de pedra. São geralmente de planta quadrada e algumas de planta retangular, possuem poucas aberturas e são coroadas com ameias. Durante muito tempo conservou-se um certo grau de fortificação,

[6] CARITA, Helder – *A casa senhorial em Portugal*. Alfragide: Leya, 2015. p. 19-22

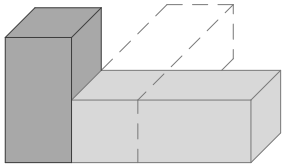


Figura 31. Esquema de casa-torre Tipo 1

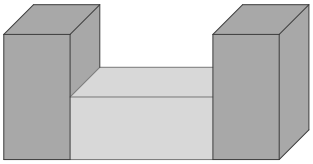


Figura 32. Esquema de casa-torre Tipo 2

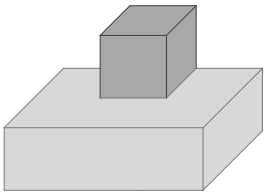


Figura 33. Esquema de casa-torre Tipo 3

Fig 34. Casa da Torre do Castro, Amares.

Fig 35. Casa da Torre de Gomariz, Vila Verde.

assinalado nas linhas das ameias mais antigas. Com o decorrer dos tempos, o carácter funcional das ameias desaparece tornando-se elementos decorativos.[7]

Não há dúvida que eram muito elementares as ideias de conforto. A luz, coada pelas estreitas frestas, fornecia certamente pouca iluminação e em algumas torres, as paredes chegavam a ser quase cegas. O aparecimento e a multiplicação das janelas é sinal de uma primeira evolução para garantir conforto interior. O primeiro passo, depois da fresta de tipo militar, foi a criação da janela de arco simples ou ogival protegida, muitas vezes, por batentes de madeira, como podemos encontrar na Torre da Casa das Lages.

O desenvolvimento contíguo de outras dependências demonstra a necessidade de incorporar outros espaços complementares, tornando o desenho da casa senhorial mais complexo. Surgem vários tipos de casas em que o elemento dominante é a torre, cujo aproveitamento funcional é feito de diferentes formas. Podemos classificar estas casas em três soluções: na primeira, a casa senhorial é constituída por uma ala residencial adossada a uma torre; na segunda, a casa adota duas torres e um corpo de ligação; a terceira, será o modelo mais próximo da Casa das Lages, em que a torre ocupa uma posição central.[8]

O primeiro, o mais simples, foi o que se tornou mais corrente e que surgiu como a primeira e mais genuína casa nobre portuguesa em meio rural. Este esquema de torre e residência, remonta ao fim do período medieval. No norte do país, a existência de granito em abundância facilitou a construção de pedra, no entanto, a madeira era o material utilizado para construir as dependências e abrigos que se multiplicavam. Assim se consolidou o primeiro tipo de residência senhorial, constituído por uma ala residencial adossada a uma torre. A Casa da Torre do Castro é exemplo deste tipo de habitação saído da tradição medieval, que representa com fieldade a disposição inicial. A torre é medieval e foi reedificada posteriormente, no século XVI. O corpo regular que fica no enfiamento da torre é também dos séculos XVI e XVII, mas tem vestígios de épocas mais remotas. Também a Torre de Gomariz, do século XV, emprega um corpo residencial muito regular, alinhado com a torre, reedificado no século XVIII.[9]

O segundo tipo de casa, saído ainda da tradição medieval, tem duas torres e um corpo residencial de ligação, geralmente mais baixo. Esquema

[7] AZEVEDO, Carlos de - *Solares Portugueses: introdução ao estudo da Casa Nobre*. Lisboa: Horizonte, 1969; p. 22
[8] ibid; p. 26
[9] ibid.; p. 26 - 30

Fig 36. Solar dos Pinheiros, Barcelos.

Fig 37. Solar do Requeijo, Arcos de Valdevez.

Fig 38. Casa da Torre de Lanhelas, Caminha.

Fig 39. Paço de Curutelo, Ponte de Lima.

Fig 40. Torre de Aguiã, Arcos de Valdevez.

Fig 41. Casa das Lages, Penafiel.

mais ambicioso e mais raro em épocas anteriores, mesmo assim estabelece um padrão, ressurgindo em pleno século XVIII, tendo sido adotado por algumas das casas mais monumentais que então se construíram. Pertence a este grupo o Solar dos Pinheiros, em Barcelos, que data 1448. Desta casa quatrocentista tão importante ao Solar do Requeijo, de meados do século XVIII, não é difícil estabelecer a filiação. A casa da Torre de Lanhelas é também uma das mais notáveis e importantes casas-torre do final da Idade Média, embora tenha sido alterada no século XIX pelo acrescento de uma terceira torre.[10]

A terceira solução é a que adota a torre no centro da casa. Embora menos popular que os dois precedentes, este esquema foi adotado em algumas casas importantes, continuado em épocas posteriores, por vezes em soluções que aproveitaram torres antigas (medievais ou quinhentistas), rodeando-as de construções que surgiram por necessidade de ampliação do espaço para habitação. Este tipo tradicional de residência senhorial encontra-se claramente traçado no Paço de Curutelo, do século XVI, de planta regular e bastante baixa, dominada pela massa da torre no centro do edifício. Outro exemplo mais ilustre é a casa da Torre de Aguiã, que aproveita uma torre do século XV que se eleva do centro da casa. O edifício setecentista, de planta simétrica e com uma fachada rasgada por dupla arcada, desenvolveu-se em comprimento e não em altura para poder exibir a torre.[11] A Casa das Lages apresenta também este modelo de integração da torre numa posição central. A partir dela formaram-se os corpos residenciais à volta de um pátio fechado, sendo estes os elementos fundamentais e geradores do programa habitacional.

A acentuação das volumetrias das fachadas liga-se, por sua vez, a uma outra característica da casa nobre medieval: a casa afirma-se pela constituição de dois pisos, o andar nobre assente sobre um piso de arrumos e apoios domésticos. Esta relação entre um piso nobre, em cima, e um piso de serviços em baixo, que se irá manter constante na casa senhorial ao longo dos séculos, encontra-se intimamente ligada com o sentido simbólico de alto e baixo. O *alto* afirma-se com uma conotação de superior e inatingível, enquanto o *baixo* é entendido nas suas dimensões de inferior e transitório. Nesta separação entre alto e baixo inscreve-se, ainda, um importante elemento arquitetónico da casa senhorial medieval: a escada exterior. Na

[10] AZEVEDO, Carlos de - *Solares Portugueses: introdução ao estudo da Casa Nobre.* Lisboa: Horizonte, 1969; p. 30, 31
[11] ibid.; p. 31 - 33

Fig 42. Frontão da fachada principal.

Fig 43. Pilastras nas janelas do pátio.

Fig 44. Escadaria exterior

Fig 45. Fachada principal da Casa das Lages, 1994

Fig 46. Fachada principal da Casa das Lages, 1994

Fig 47. Capela da Quinta das Lages, 1994

Fig 48. Interior da capela, 1994

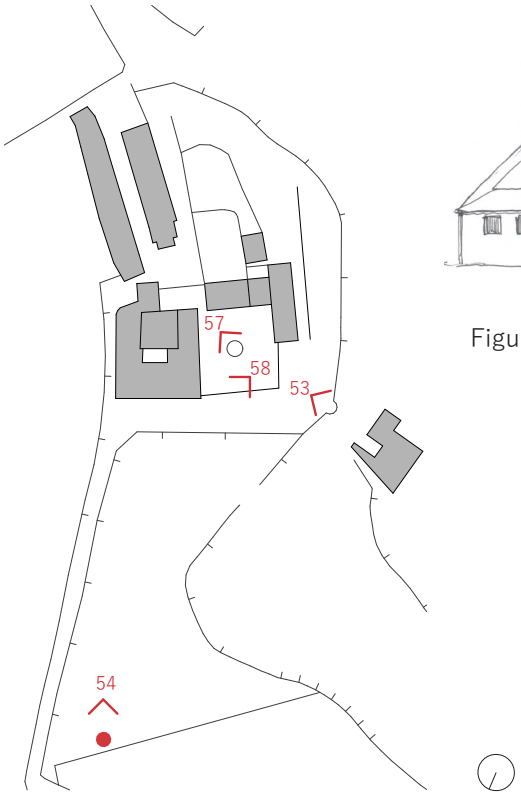
sequência dinâmica dos seus degraus, acentua naturalmente a subida para o piso nobre.[12]

As casas senhoriais do norte continuaram, até muito tarde, a repetir as torres medievais e os elementos renascentistas que dali surgem desempenham um papel secundário sem que a estrutura da casa sofra alterações; só mais tarde é que a gramática renascentista se generaliza. A partir do século XVII surgem algumas casas nobres que correspondem a um esforço para adaptar os conhecimentos obtidos na época renascentista. É, de certo modo, um período de transição, uma época em que a lição da arte clássica é posta em prática com vista à criação de uma casa original, mais ampla e que melhor correspondesse às necessidades do seu tempo. A composição dos alçados caracteriza-se por grande simplicidade, repetindo, um tanto monotonamente, as aberturas. São visíveis os traços clássicos nas fachadas da Casa das Lages: emoldurada por pilastras nos cunhais; numerosas janelas, largas e simetricamente distribuídas, mantendo uma composição linear; o frontão ao centro, que remata o andar nobre, exibindo o brasão de família.

Desde muito cedo que estas casas integram uma capela. Até ao final da Idade Média, a existência da capela mantinha-se como privilégio real. Com o passar do tempo vai-se alargando aos Paços construídos pela mais alta nobreza. A persistência da capela como elemento característico da casa senhorial emerge, assim, intimamente ligada a uma simbologia de privilégio que passa a significar nobreza e prestígio social.[13] A capela era o local onde as famílias realizavam as suas práticas religiosas sem terem a necessidade de se deslocarem à igreja local. As famílias nobres recebiam o padre em suas casas e, muitas vezes, permitiam que ele pernoitasse. Esta prática era comum, pois os padres dependiam da hospitalidade das pessoas para se abrigarem durante as suas viagens e ofícios.

A progressiva abertura da casa à vida social, que se assistiu ao longo do século XVIII, refletiu-se numa maior atenção ao tratamento dos espaços exteriores, sobretudo nas Quintas. A influência dos jardins renascentistas italianos pode ser reconhecida em muitos dos jardins portugueses, especialmente nos traçados geométricos, na presença de elementos arquitetónicos e na procura pela harmonia entre, arte, natureza e arquitetura. Estes jardins apresentavam frequentemente terraços elevados, conectados por escadarias ornamentais. Como característica peculiar dos jardins portugueses, o seu traçado conforma espaços autonomizados e estruturados

[12] CARITA, Helder – *A casa senhorial em Portugal*. Alfragide: Leya, 2015. p. 27, 28
[13] ibid.; p. 29, 30



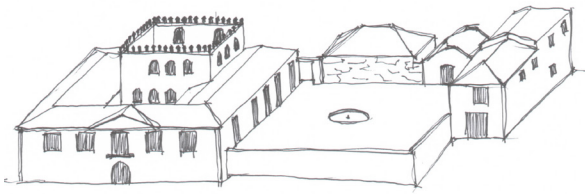


Figura 49. Desenho da relação do jardim com os edifícios envolventes.

Fig 50. Jardim da Casa da Bouça, Lousada.

Figura 51. Lago no jardim da Casa das Lages.

Figura 52. Bancos no muro do jardim.

Figura 53. Miradouro da Quinta das Lages.

Figura 54. Fonte do século XVIII na envolvente da Quinta das Lages, 1994.

hierarquicamente. Aproveitando e potenciando as inclinações do terreno, o conjunto dos espaços tende a integrar um pequeno jardim agregado à casa senhorial que, pela sua cota elevada ou por um envolvimento de altos muros, se destaca do resto do conjunto.

O jardim, na sua cota superior e na sua pequena escala, permanece como uma espécie de jardim-varanda debruçada sobre a paisagem, ao qual se acede através do primeiro piso, no seguimento das salas nobres, como é o caso do jardim da Quinta das Lages. Apresenta-se para a rua com um muro que interiormente é decorado com bancos e alegretes.

Nestes espaços, a estatuária alia-se a canteiros de pedra ou cerâmica e multiplicam-se lagos e fontes, como se pode verificar nos jardins da Casa da Bouça em Lousada. O lago é o elemento central na conceção do jardim, a sua posição estratégica é fundamental para a estruturação do desenho do jardim - é um ponto de convergência que une outros elementos, como caminhos, canteiros e estátuas. É, porém, no intenso uso da azulejaria (que cobre muros, bancos e fontes) que estes pequenos jardins ou terraços adquirem um caráter mais peculiar, ganhando uma carga preciosa nos brilhos e cromatismos da azulejaria.

Voltados sobre si, num ambiente de calma e intimidade, mais para serem usufruídos no seu interior do que admirados do exterior, "estes jardins são reveladores de uma natureza meditativa e sonhadora, constituindo-se como expressão privilegiada do imaginário profundo da alma portuguesa. A sua pequena escala, os muros altos, a sua estrutura em patamares, os alegretes, conferem-lhe um sentido de doce privacidade que remete para uma imagem de paraíso protegido das contingências naturais dos elementos".[14] Este conceito é possível encontrar no jardim da Quinta das Lages, embora a natureza o tenha invadido e restem apenas vestígios de um lago no centro do jardim e os bancos azulejados agregados ao muro que o delimita. Existe ainda registos videográficos da existência de uma fonte do século XVIII com o brasão de armas da família do Barão das Lages na envolvente da quinta, mas que terá sido destruída no decorrer dos tempos.

[14] CARITA, Helder – *A casa senhorial em Portugal*. Alfragide: Leya, 2015; p. 386, 387

Piso 0
Átrio - 1
Garrafeira - 2
Sala de Armas - 3
Pátio - 4
Caldeira - 5
Tulha - 6
Garagem/cocheira - 7
Cavalariça - 8

Piso 1
Sala Azul - 9
Sala Vermelha - 10
Sala de estar - 11
Copa - 12
Sala de jantar - 13
Quarto do Barão - 14
Quartos secundários - 15
Casas de Banho - 16
Cozinha - 17
Biblioteca - 18
Sala de festas - 19
Capela - 20
Casa da eira - 21

Figura 55. Esquema de usos.

Fig 56. Átrio (1)

Fig 57. Garrafeira (2)

Fig 60. Sala Azul (9)

Fig 61. Quarto (15)

Fig 58. Tulha (6)

Fig. 59. Corredor

Fig 62. Sala de jantar (13)

Fig 63. Biblioteca (18)

Uso dos espaços

A Quinta das Lages é um lugar com história e identidade própria, repleta de memórias e histórias esquecidas. Ana Rita Negrão - filha de Maria Leonor Falcão Sottomayor Negrão, esposa do último Barão das Lages, Luís Manuel Ferreira Ferrão de Vasconcelos - aceita contar as memórias daquela que em tempos foi a sua casa.

Nas décadas de 1980 e 1990 esta família habitou a Casa das Lages, época em que se realizaram obras de reabilitação. A casa é marcada pela influência dos sucessivos tempos e gerações, cuja característica é uma incessante procura de respostas às necessidades correntes, o que motiva várias modificações ao longo dos anos.

A entrada na casa realizava-se pelo piso térreo, na fachada principal, onde se evidencia um arco de volta perfeita, que outrora tivera um portão de ferro. Atravessando-o, o átrio, sustentado por dois pilares de granito, compunha a distribuição para a garrafeira a poente; a Sala das Armas a nascente; e para o pátio a sul, através de um segundo arco de volta perfeita. No pátio encontram-se as únicas escadas da casa, de granito, que estabelecem ligação ao piso superior. Paralelamente às escadas, existe um compartimento estreito que servia para proporcionar aquecimento mediante uma caldeira alimentada a lenha. Do lado oposto ao pátio, uma porta dá acesso à maior divisão da casa, designada de *tulha*, onde ainda resistem estruturas de madeira que serviam para armazenar a produção agrícola que se cultivava na Quinta (batatas, cebolas, cereais, azeitonas). Esta divisão tem acesso direto para o exterior da casa.

No piso nobre, as divisões da casa desenvolvem-se em torno do pátio central (onde se encontra a escadaria), circundado por um corredor que distribui o acesso a todas as salas. A escadaria encaminha-nos para o corredor norte diante da maior sala de visitas, a Sala Azul - assim era chamada pela cor do teto pintado de azul. Através desta, acede-se à Sala Vermelha, mais pequena, localizada a poente. Na ala poente, situam-se todas as zonas comuns: para além da Sala Vermelha para visitas, a sala de estar e a sala de jantar, onde existia ainda, entre elas, uma pequena sala de apoio, na qual geralmente se guardavam louças. Todas estas divisões da ala poente têm ligação direta ao jardim da casa.

A ala a nascente era exclusivamente reservada aos quartos. O quarto do Barão seria o maior, acompanhado por uma casa de banho entre a Sala Azul e o quarto. Mais três quartos ao longo desta ala serviam para alojar os

Fig 64. Vista exterior do volume das casas de banho.

Fig 65. Casa de banho (16)

Fig 66. Capela (20)

Fig 67. Cavalariça (8)

Fig 68. Garagem (7)

Fig 69. Sala de festas (19)

outros membros da família ou visitas. Os quartos dos filhos seriam no segundo piso da casa, que se resumia ao interior da torre, onde se repartiam mais quatro quartos. Sob estes quartos, ainda no interior da torre, existia a cozinha, a sul do pátio central. Atualmente não existem quaisquer vestígios da cozinha, ou mesmo do piso dos quartos devido a um incêndio que ocorreu no interior da torre, não deixando evidências das serventias da mesma.

Anexo à casa, sobressai um volume retangular, que acompanha a linguagem de toda a casa, tanto no desenho dos vãos como no material das paredes. Este espaço teria sido uma pequena biblioteca, na qual ainda persiste uma imponente lareira em mármore. O oposto acontece no acrescento adjacente à biblioteca e ao último quarto da ala poente, onde surgem duas casas de banho. Este espaço apresenta paredes em alvenaria de tijolo furado enquanto todas as outras paredes da casa são compostas em alvenaria de pedra, o que faz presumir que este acrescento tenha sido construído no início do século XX. O testemunho da enteada do Barão revela que, quando habitaram a Casa das Lages, havia nesse espaço uma grande casa de banho e quando realizaram as obras de reabilitação, repartiram-na em duas.

O edifício onde se guardavam os coches é composto por dois pisos. No piso superior dormiam os cocheiros. Mais tarde, com o aparecimento do automóvel, este espaço deixa de albergar coches e cavalos e passa a ser o espaço de *recolhimento de automotores*, como denomina a inscrição no painel de azulejos na entrada. No piso superior que tem acesso ao jardim, a última geração da família reformulou aquele espaço de maneira a possibilitar a realização de eventos sociais. Encontramos ainda, a delimitar o jardim, junto às ruínas da capela, as paredes de granito da casa da eira, onde se malhava e secava os cereais.

Figura 70. Património azulejar da Casa das Lages.

Figura 71. Teto da Sala Azul.

Figura 73. Teto da Sala de Jantar.

Figura 72. Teto da Sala Vermelha.

Figura 74. Teto do Quarto secundário.

Interiores

A apropriação e tratamento do espaço interior da casa senhorial, no século XVII, corresponde ao processo de fixação dos seus elementos de qualificação espacial. Se as tapeçarias e os têxteis, numa tradição que recua à Idade Média, permanecem como elementos fundamentais na organização dos interiores, verificamos, a partir do século XVII, uma progressiva utilização da azulejaria. Os grandes painéis em policromia adotados nos conventos e naves de igrejas cedem lugar à utilização de painéis em azul e branco, gosto que se manterá até meados do século XVIII. Nesta transição, os padrões geométricos dão lugar a painéis com cenas figurativas emolduradas por extensas cercaduras, marcadas por um forte sentido arquitetónico. Estas desdobram-se em largas volutas e enrolamentos, conferindo profundidade às representações.[15]

A azulejaria assume um papel preponderante na configuração dos espaços interiores domésticos e a Casa das Lages não é exceção. Conserva ainda alguns vestígios do seu património azulejar. No interior, é possível observar-se nas paredes de algumas divisões, azulejos de figura avulsa e azulejos de padrões geométricos, ambos em azul e branco. No exterior, encontram-se vários painéis em policromia com cenas figurativas maioritariamente religiosas e outros painéis com inscrições em latim, basco e também português.

Outro dos mais peculiares e característicos elementos dos interiores das grandes casas senhoriais são os tetos artesoados e em caixotões, herdados dos finais da Idade Média e cruzado com tradições da carpintaria islâmica. O revestimento interior de algumas salas acompanha a inclinação das asnas, constituindo uma estrutura de grossas molduras entalhadas formando retângulos cujos cruzamentos eram enriquecidos por elementos entalhados em forma de florões e pinhas. Estas molduras envolviam zonas lisas que recebiam, por sua vez, pintura com temas em brutescos, com enrolamentos de acantos, grinaldas, figuras exóticas, festões e cartelas.[16] Desenvolve-se uma prática de pintura de tetos, em brutesco, sobre grandes superfícies em estuque ou em forro liso de madeira que se transferem de capelas e igrejas para o espaço doméstico das grandes casas.

[15] CARITA, Helder – *A casa senhorial em Portugal*. Alfragide: Leya, 2015. p. 227
[16] ibid; p. 227

Matéria
s.f. aquilo de que uma coisa é feita, que ocupa espaço, tem massa (por isso tem peso)
e pode impressionar os nossos sentidos corporais;
tudo o que é tangível, não é espiritual;
energia condensada numa porção de espaço;

Material
adj. que diz respeito à matéria; propriedade inerente à matéria;
formado de matéria, corpóreo, físico, tangível;
s.m. conjunto dos objetos formados numa exploração, numa indústria, ou empregados
numa construção;

2. A Matéria

"*Começar (...); Ver pela primeira vez (...); Percorrer o terreno, experimentando a sucessão de fragmentos de um corpo inteiro presente na memória. Ver a matéria que me envolve e olhar para além dela (...); Voar e aperceber-me de que tudo o que a vista alcança pertence àquele corpo (...)*"[1]

[1] SIZA, Álvaro - *01 Textos*. Lisboa, Parceria A.M. Pereira, 2019; p.254

Figura 75. Ruínas das habitações dos caseiros da Quinta das Lages, vista sul.

Figura 76. Ruínas das habitações dos caseiros da Quinta das Lages, vista norte.

2.1. Permanências temporais

O arquiteto Fernando Espuelas utiliza o termo *matéria* para nomear todos os atributos físicos da arquitetura. Afirma que esta é como uma função auxiliar de mediação entre o homem e a natureza, apelando a uma relação de respeito mútuo, de escuta e de contemplação.[2]

Segundo o autor, a matéria é o registo do tempo na arquitetura, caracterizada por ser estável, previsível, mensurável e duradoura (todas as características que se referem ao tempo). O cronograma do tempo da matéria pode ser considerado como uma linha formada por vários segmentos que descrevem a sua mudança. O primeiro segmento representa o tempo em que a matéria é apenas matéria em geral; o segundo corresponde ao início da coexistência com o homem; o terceiro é o momento em que a matéria é transformada em elementos adequados para a construção; o quarto é o tempo de transporte e montagem da construção propriamente dita; o quinto corresponde à fase da construção material, ou seja, aquele fragmento temporal da vida útil da arquitetura; o sexto diz respeito à primeira decadência da matéria; e por último, o sétimo segmento é o regresso da matéria à natureza, com os traços inegáveis do homem.[3]

Os materiais são o repositório da história e da verdade da construção. Cada material tem uma história que quer expressar: cada pedra, cada pedaço de madeira, cada telha restante transmite sentimentos com que foram trabalhados: com empenho, firmeza e resistência, procurando enquadrarem-se com o meio envolvente.[4] "*Até um tijolo quer ser alguma coisa.*" Esta icónica expressão de Louis Kahn enfatiza a ideia de que cada material numa obra arquitetónica tem um propósito, uma função, e precisa de ser considerado com respeito perante a sua própria identidade e potencial dentro do contexto da construção.

O contacto com as ruínas da Quinta das Lages evidenciou que as suas construções querem transmitir algo mais subjetivo do que a sua imponente presença: a naturalidade que os seus materiais expressam dá a compreender que esta arquitetura faz parte, em todos os sentidos, daquele lugar. Lugar este, que se compõe de vestígios da sua própria história.

As ruínas representam a duração de vida da arquitetura, demons-

---

[2] ESPUELAS, Fernando - *Madre Matéria. Escritos de Arquitectura.* Madrid: Ed. Lampreave, 2009; p. 18, 19
[3] ibid,; p. 93 - 107
[4] ibid.

tram-nos o esgotamento da sua atividade, perdendo essencialmente os sinais da mão do homem para voltar à natureza. A ruína é algo que, por degradação ou por negligência, perdeu o seu valor, total ou parcial, a nível funcional, revelando perigo de desmoronamento estrutural. Porém, continua a ser uma arquitetura particular, persistente, restrita à sua forma elementar, capaz de resistir às condições mais adversas – ganhando assim, valor patrimonial com o testemunho de algo que não existe mais. É o lugar das memórias e da imaginação. O que resta dos edifícios é entendido a partir da especulação daquilo que existiu. Porém, a ruína isoladamente, não proporciona entendimento - a memória ajuda a compreendê-la. A compreensão da ruína, ao representar uma conexão com a memória, é trazida não somente pelos vestígios físicos, mas também pelos documentos que a acompanham e se acumulam ao longo dos séculos. Portanto, estes materiais de memória são componentes fundamentais para a compreensão, representação e formação de novos significados para a ruína.

De acordo com Alberto Ustárroz, as ruínas manifestam-se através de quatro dimensões: como uma síntese, que "*se amplia e transforma pela integração e o somatório de experiências de cada momento*"[5]; como uma evocação, que estabelece uma relação entre o passado e o presente; como uma hipótese, que estimulará projeto; e, por fim, como materialidade, que possibilita o confronto entre o seu estado fragmentário e a forma reconstruída. Assim, as ruínas são conhecimento, afinidade e rutura, uma vez que transmitem sabedoria, revelam permanências temporais.

O interesse pela ruína, como símbolo de antiguidade, evoca a presença de um tempo que nos intriga. Esta evocação trabalha com um passado fundamental da tradição arquitetónica (a tradição dos antigos) e que simultaneamente é contemporâneo, porque apresenta potencialidade teórica e prática. O interesse do arquiteto pela ruína pode ser de natureza operativa, pois procura compreender como os antigos mestres construíam.

A ruína resulta, assim, da relação entre o Homem, o tempo e a História. É um objeto de aprendizagem, como todas as obras de arquitetura do passado, em estado degenerado ou não, transmitem o conhecimento através de gerações. "*A ruína transmite conhecimento, revela continuidade e identifica distância. Transmite conhecimento, uma vez que permite o reconhecimento de um lugar, dos modos de fazer, de um ofício; revela continuidade, na medida em que mostra aos arquitetos o que perdura através dos*

[5] USTÁRROZ, Alberto - *La lección de las ruinas: presencia del pensamiento griego y del pensamiento romano en la arquitectura.* Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 1997; p. 13

tempos, quais são os problemas de sempre da arquitetura, quais são as permanências; identifica distância, entre o que se transporta para o presente e o que se omite do passado."[6]

A relação simbiótica entre a ruína e a memória atua como uma ponte entre tempos - uma ligação entre o passado e o presente. Assim como a memória alimenta a compreensão das ruínas, as ruínas também podem enriquecer a memória. Desta forma, a ruína tem a capacidade de transcender o tempo, fazendo-nos refletir sobre a importância de preservar e aprender com a história para que as futuras intervenções sejam conscientes.

"*A ruína (...) é uma arquitetura que, por natureza, jamais estará completa. Uma obra concluída sem o homem a habitar é arquitetura, mas é obra abandonada. Constituirá princípio de desconstrução e despertará vontades de futuros aproveitamentos...*"[7] A ideia de que a ruína, incompleta e desabitada, é um convite para a reinvenção, um ponto de partida para novas interpretações, é deveras intrigante. Existem várias tarefas fundamentais no que diz respeito à forma como lidamos com as ruínas, entre elas, conhecer, proteger e valorizar, desenvolvem as consequentes ações de investigação, conservação e valorização.

A intervenção sobre a ruína divide-se entre a conservação e a reconstrução, ações que correspondem à sua preservação e à sua valorização. A conservação tem como objetivo garantir a preservação da ruína, promovendo as operações necessárias para controlarem o seu processo de degradação e, por consequência, prolongar o tempo da sua existência, sem modificar os destroços originais. Implica conhecer o edifício, um estudo que inclui a sua valorização histórica e arquitetónica e uma análise dos fatores de deterioração.

Reconstrução significa construir novamente, ou seja, construir partes do edifício em substituição das que estão em falta. Como ações de reconstrução podemos identificar a cópia, a reconstituição e a reabilitação. A cópia consiste numa réplica exata de um edifício, porém não substitui o original enquanto documento histórico, sendo uma medida a evitar em intervenções de proteção de património. A reconstituição consiste numa réplica formal hipotética, o mais exata possível de um edifício, pois não existindo o original, nunca há a garantia de que a reconstituição seja réplica exata desse original.

---

[6] ALARCÃO, Pedro - *Construir na ruína: entre a reconstituição e a reabilitação*. Porto: Edições Afrontamento, 2018. p.26

[7] BARATA, Francisco. In ALARCÃO, Pedro - *Construir na ruína: entre a reconstituição e a reabilitação*. Porto: Edições Afrontamento, 2018. p.9

"*É igualmente importante avaliar a relação entre autenticidade histórica e "continuidade tradicional", pois quando recuperamos um edifício conforme as técnicas construtivas originais e munidos de fontes documentais precisas, podemos estar a recuperar a sua autenticidade arquitetónica, mas não podemos afirmar que garantimos a sua autenticidade histórica. Há que distinguir o conceito de genuíno em relação à história e o significado de tradições recuperadas ou continuidade tradicional em relação à prática moderna de restauro.*"[8]

A ações de reconstituição incluem o preenchimento de lacunas – ação que pode ser incluída no conceito de restauro e que consiste em restituir a integridade física original de um edifício, completando uma parte perdida – e a anastilose – processo que permite reconstituir o edifício, ou parte dele, a partir dos seus elementos originais, recolocados nos seus locais de origem. A reabilitação consiste em devolver ao edifício a capacidade de ser utilizável, ou seja, de o tornar habilitado a funcionar novamente. Implica uma análise que avalie "*como foi, como é, o que se pede e como há-de ser.*"[9]

Ao conhecer, investigar, o arquiteto poderá encontrar razões para estabelecer um equilíbrio entre a conservação e a reconstrução, que ao avaliar as necessidades de preservação e compreensão do edifício, defina a escala e o carácter da intervenção – considerando o estado da ruína e a sua história para saber distinguir o essencial do indispensável.

[8] ALARCÃO, Pedro - *Construir na ruína: entre a reconstituição e a reabilitação.* Porto: Edições Afrontamento, 2018; p.34

[9] MORENHO-NAVARRO, Antoni González. In ALARCÃO, Pedro - *Construir na ruína: entre a reconstituição e a reabilitação.* Porto: Edições Afrontamento, 2018; p. 50.

2.2. Matérias de projeto

"*O desenho é uma forma de comunicação, com o eu e com os outros. Para o arquiteto, é também, entre muitos, um instrumento de trabalho; uma forma de aprender, compreender, comunicar, transformar: de projeto.*"[1]

Neste trabalho, o desenho desempenha um papel crucial ao longo das diversas fases do processo, desde a sua intenção como registo da preexistência até à sua função prática de projeto. Na investigação sobre a Quinta das Lages feita até aqui, verifica-se que a utilização da comunicação verbal não é tão eficaz como parece ser a comunicação visual, pois a descrição de um determinado objeto arquitetónico pode suscitar um variado número de interpretações muito diferentes entre si. Ao contrário das palavras, o desenho transmite diretamente o objeto que é representado. O uso do desenho abre um novo espaço de investigação. Ou seja, antigamente o modo de comunicar as ideias efetuava-se pelo uso da comunicação verbal - o mestre estava limitado ao espaço do estaleiro - sendo este um processo puramente de práticas empíricas. Assiste-se a uma mudança de paradigmas com a introdução desta ferramenta que planeia a obra arquitetónica e que deste modo, a comunica. Assim, percebemos que o desenho não foi apenas uma nova ferramenta crucial para a arquitetura, mas também se revelou capaz de estabelecer um novo método de fazer arquitetura.[2]

Deste modo, o desenho atuou, primeiramente, como a memória da preexistência, como um registo da condição das ruínas, que preserva a história e a identidade do conjunto arquitetónico. É um exercício que ajuda a encaminhar o olhar do arquiteto e inclusive, ajuda-o a apreender a realidade. Por sua vez, o desenho alcança capacidades mnemónicas, isto é, para além de ajudar a ver, ajuda a memorizar aquilo que se desenha.

"*Desenhar, é de facto, olhar com os seus olhos, observar, descobrir. Desenhar é aprender a ver, a ver nascer, desenvolver, morrer as coisas e as gentes. É necessário desenhar para levar ao nosso interior o que foi visto e que ficará então inscrito na nossa memória para toda a vida.*"[3] Ver desenhando implica conhecer e porventura memorizar. A memória é a maneira como fazemos o registo do passado, para sua posterior utilização no futuro.

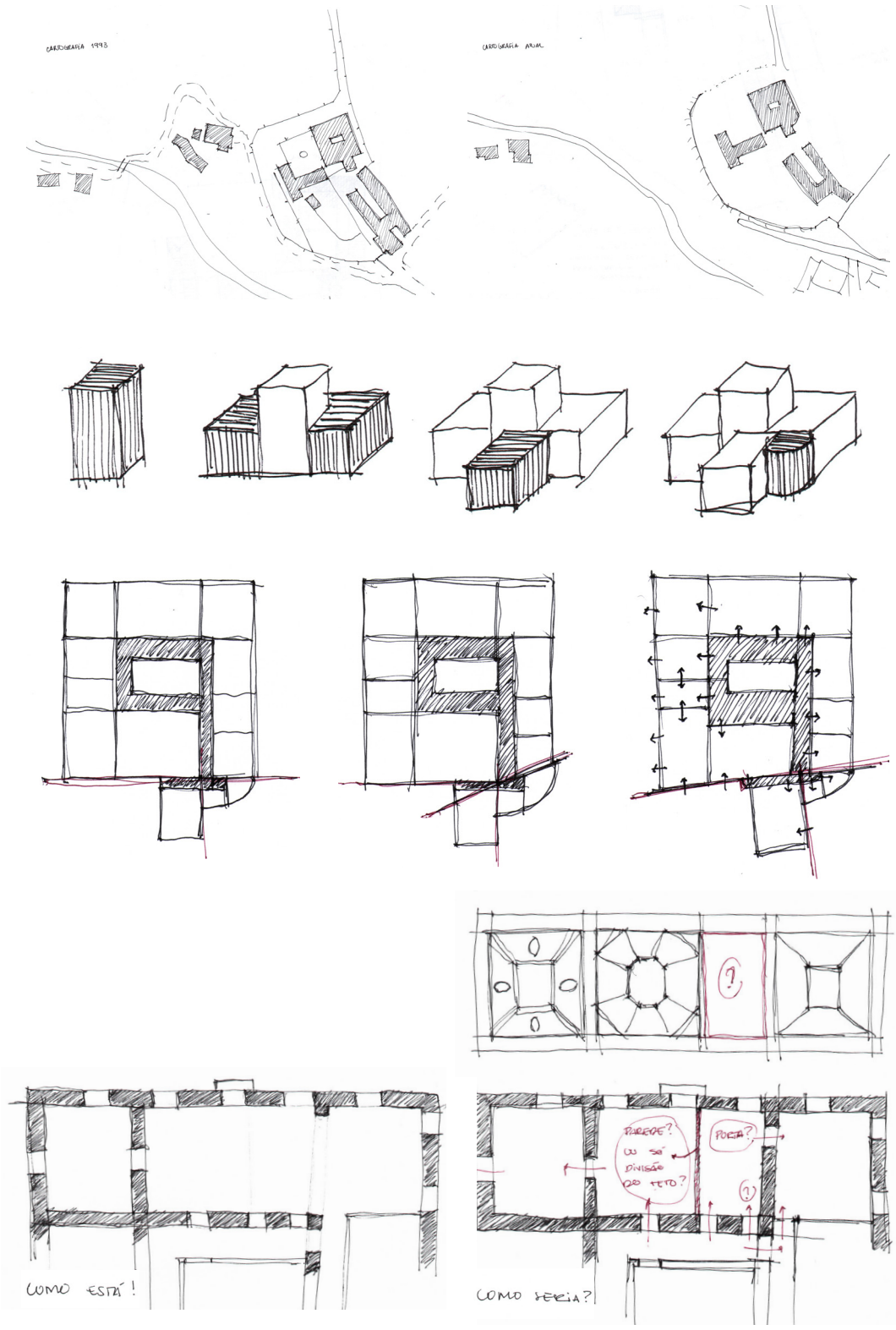
"*O Desenho como Memória. (...) Regista. Copia. Anota rapidamente*

---

[1] SIZA, Álvaro - *01 Textos*. Lisboa, Parceria A.M. Pereira, 2019. p.29

[2] CABEZAS, Lino - *El Dibujo como invención: idear, construir, dibujar: en torno al pensamento gráfico de los tracistas espanoles del siglo XVI*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2008. p.48

[3] Le Corbusier cit. por VIEIRA, Joaquim – *O Desenho e o projecto são o mesmo?: outros textos de desenho*. Porto : Faup Publicações, 1995. p.39



Desenhos à mão livre da compreensão da Quinta das Lages.

a dimensão dos azulejos, das guardas de escadas - e o desenho. Observa a iluminação, aponta o que o desaponta e o que melhor será reproduzir. A folha do caderno enche-se de traços e de números."[4]

De seguida, o desenho é também utilizado como método de análise da obra de arquitetura, obra que já foi outrora pensada e construída através de processos gráficos, mas que se perderam no tempo e no espaço. O desafio que aqui se apresenta é uma tentativa de entendimento maior sobre o objeto construído. Para isso recorre-se à ferramenta do desenho, como meio de análise. O desenho de análise acarreta significativa importância, pois permite refletir sobre a preexistência para obter conhecimento, estudar e captar as suas propriedades essenciais e construtivas e tentar percebê-las. Trata-se de avaliar a forma de definir os seus espaços e volumes, a forma de organizá-los, de tratar a luz, da sua expressão, as suas relações com a envolvente, as formas de acesso, de estar e de circular - de todos os elementos, relações, aspetos ou dimensões que compõem a arquitetura.

Consequentemente, o arquiteto usa o desenho como forma de abstração, construindo uma distância que auxilia a ver além do que está imediatamente visível. É uma forma de traduzir ideias, conceitos e possibilidades para o papel, criando um espaço mental onde a imaginação se pode expandir livremente. A distância criada pelo desenho oferece uma perspetiva mais ampla e clara, permitindo ao arquiteto explorar o potencial oculto da preexistência. Esta capacidade de abstração é especialmente crucial em projetos de reabilitação, onde a visão do futuro muitas vezes é moldada pela compreensão profunda do passado e da história das ruínas.

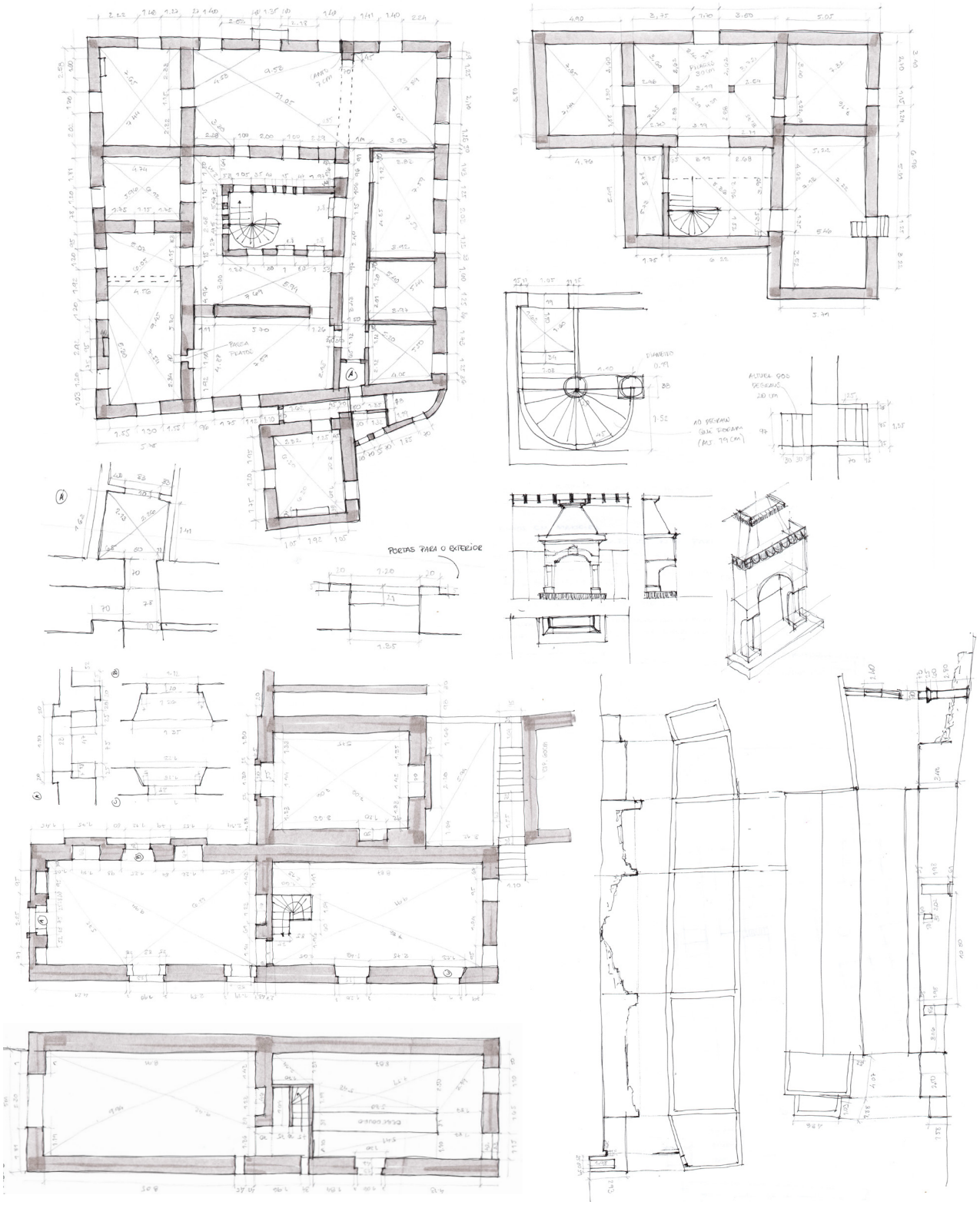
"*O que pretende o desenho da ruína? Pretende que a ruína chegue a ser arquitetura coerente na representação do desenho, dando forma a tudo o que desapareceu.*"[5] O desenho da ruína é utilizado pelo arquiteto como instrumento de trabalho, produzindo matéria específica da disciplina de arquitetura, onde observa e representa a ruína de maneira diferente das outras disciplinas: da pintura, da arqueologia ou da poesia. Assim, a representação da ruína converte-se em desenhos que apontam dúvidas que necessitam de ser revistas; desenhos que concluem toda a ausência na ruína; desenhos que transportam a ruína para o presente, concedendo-lhe um carácter contemporâneo.[6]

---

[4] SIZA, Álvaro - *01 Textos*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2019. p.96

[5] USTÁRROZ, Alberto cit. por ALARCÃO, Pedro - *Construir na ruína: entre a reconstituição e a reabilitação.* Porto: Edições Afrontamento, 2018. p.27

[6] ALARCÃO, Pedro - *Construir na ruína: entre a reconstituição e a reabilitação.* Porto: Edições Afrontamento, 2018. p.28



Desenhos de levantamento métrico dos elementos compositivos da Quinta das Lages.

Neste sentido, o desenho tanto é *um instrumento precioso para construir arquitetura*[7], como também para a analisar. E considerando as ruínas da Quinta das Lages como objeto de estudo, é importante analisar todas estas operações a partir do desenho, numa tentativa de elaborar o projeto ao contrário, ou seja, detetar as opções do arquiteto/construtor através da própria construção. Neste trabalho de investigação, a análise das ruínas da Quinta das Lages é tratada como um processo de conhecimento, de aprendizagem, que requer as seguintes etapas: observação, identificação, memorização e uma possível confirmação de soluções. Conhecer observando, implica uma atitude analítica crítica e atenta, de questionamento, sobre o objeto percecionado. Esta análise é essencial para o desenho da ruína, que se assume como meio singular de aproximação ao vestígio, pela sua capacidade de evocação e materialização. Para esse propósito, foi necessário realizar um levantamento arquitetónico de toda a propriedade.

Desenhos de levantamento

O levantamento é o primeiro ato analítico do processo de projeto. O desenvolvimento do seu desenho já é ele próprio um ato de projeto e adicionando a responsabilidade de desenhá-lo por falta de bases rigorosas, ainda reforça a atenção com que olhamos o espaço para reconhecer ao pormenor as suas características e para que elas se reflitam em desenho.

Para o entendimento, reflexão e (re)conhecimento daquilo em que consiste a propriedade da Quinta das Lages, foram tidos em conta dois tipos de contactos/levantamentos: um primeiro, impressivo, subjetivo e pessoal - expresso em fotografias e em desenhos à mão livre - e um segundo, rigoroso e analítico - com base em dados e medições. Um servirá de complemento ao outro e juntos levantarão dúvidas e apontarão pistas acerca daquilo que poderá ser o foco do projeto e da intervenção.

As primeiras visitas à propriedade contribuíram para um entendimento dos seus elementos compositivos e da sua envolvente, fazendo o reconhecimento dos moinhos inerentes à Quinta das Lages. Devido à imensa vegetação e destroços espalhados na zona dos moinhos, não foi possível efetuar o levantamento métrico dos mesmos, nem concluir o percurso pedestre que os acompanha até ao rio.

[7] SIZA, Álvaro. In GORDO, Antonio Gámiz – *Ideas sobre análisis, dibujo y arquitectura*. Sevilha: Universids de Sevilha, 2003. p.44

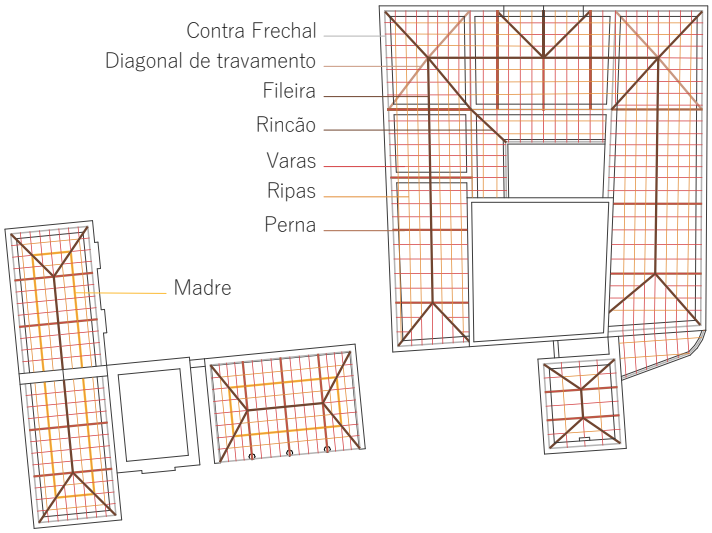
Desenhos de levantamento métrico dos elementos compositivos da Quinta das Lages.

O levantamento topográfico consistiu também em um momento de aprendizagem e descoberta. Apesar de se ter recorrido a vários meios e instituições para encontrar peças desenhadas relativas à propriedade, não foi possível obter qualquer documento com o detalhe necessário. Os elementos com mais informação obtida constituem duas cartografias, uma de 1993 e outra de 2017, ambas à escala 1:5000 disponibilizadas pela Câmara Municipal de Penafiel. Tendo estas cartografias como base (que representam curvas de nível apenas a 2,5m distantes entre si) recorreu-se a um método alternativo para efetuar uma topografia mais precisa. Procedeu-se à modelação tridimensional do terreno de acordo com as cotas apresentadas e posteriormente, utilizando o modelo digital, intercetaram-se planos horizontais auxiliares de modo a obter o desenho da topografia com mais curvas de nível, para um melhor entendimento do terreno que se apresenta ainda com algum declive. Os desenhos tiveram como suporte técnico a ortofotocartografia da cidade de Penafiel - mais precisamente, do lugar das Lages - assim como as cartografias de 1993 e 2017, sobre o qual se fez evoluir o desenho de implantação, com auxílio dos levantamentos efetuados no local e dos registos entretanto analisados.

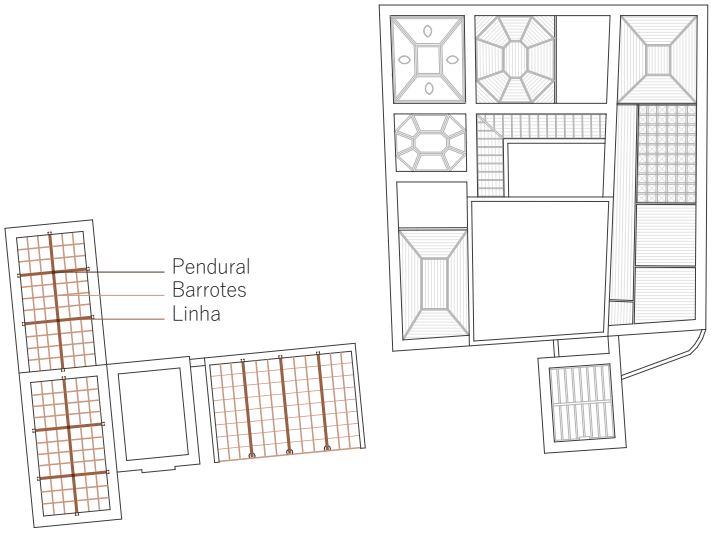
Por conseguinte, a Quinta das Lages, com uma área bruta de construção a rondar os 1 686 m² e uma área total de terreno de aproximadamente 17 800 m², atinge uma cota máxima de 296.7 metros e uma cota mínima de 282.5 metros, perfilando assim uma diferença de 14.2 metros de altura entre os pontos extremos do terreno. Já os seus moinhos, que se expandem em direção ao rio Cavalum, atingem a cota mínima de 268.

O processo de levantamento rigoroso da propriedade foi efetuado com recurso a variados meios. A metodologia aplicada consiste numa sobreposição de diversas formas de apreender o real, procurando (re)conhecer dimensões e características distintas. Assim, pretendeu-se cruzar o levantamento “à fita” e as consequentes triangulações com fotografias ajustadas digitalmente, de modo a encontrar dados mais fidedignos e mais próximos da realidade. Este processo de construção do desenho acompanhou a construção da consciência do que é o objeto a estudar. A utilização da fotografia representa a vontade de integrar no exercício o máximo de detalhe possível.

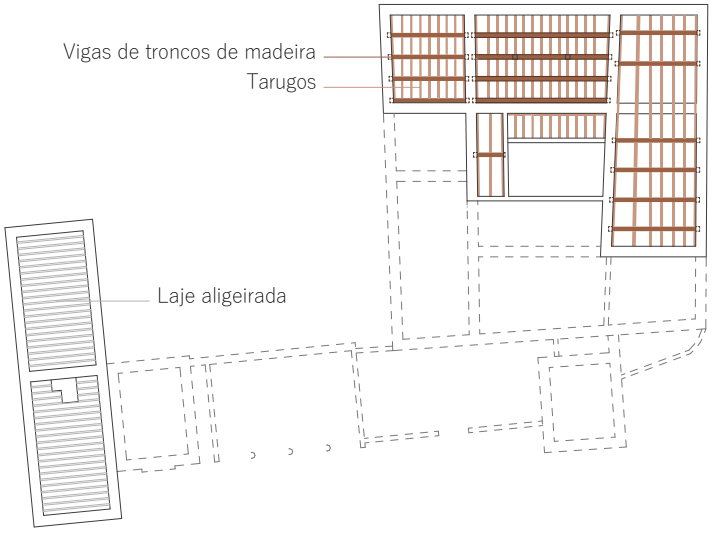
O processo de desenho foi executado do geral para o particular, usando o cruzamento das cartografias e ainda a sobreposição de ortofotocartografias para aprimorar o desenho de implantação e a planta de coberturas, que foram as primeiras a serem executadas, e o levantamento métrico para realizar as plantas dos pisos e os alçados.



Estrutura das coberturas



Planta de tetos



Estrutura do sobrado

Esquema da estrutura. Escala 1:500

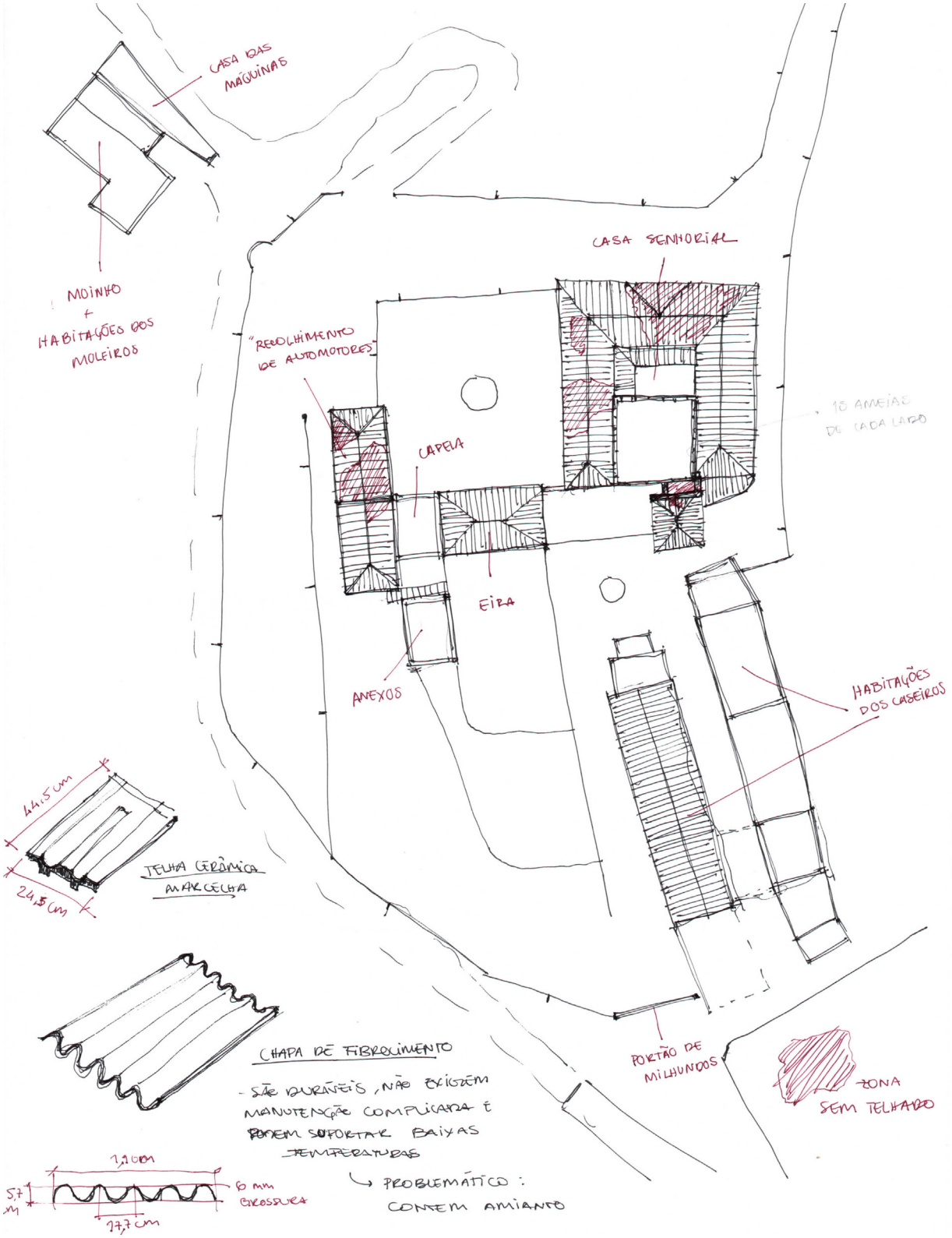
Análise da preexistência

O sistema estrutural de todas as construções desta propriedade consiste em paredes de alvenaria de granito e coberturas com estruturas de madeira. O revestimento da cobertura da casa senhorial difere das outras construções, sendo esta composta por chapas de fibrocimento, ao invés das coberturas da Garagem, da Casa da Eira e das Habitações dos Caseiros, onde se encontram telhas marselha. Todo o conjunto de telhados encontram-se em mau estado de conservação, dependentes principalmente do contacto que têm com o exterior e a afetação das condições climáticas. Nas telhas observa-se desgaste e existem muitas unidades que se encontram partidas, sendo que em algumas construções de apoio agrícola, como também na Capela e parte das Habitações dos Caseiros, já nem possuem qualquer cobertura.

A casa senhorial contém uma estrutura principal de alvenaria de granito - o que ajuda na transição do terreno para a casa, alicerçando-a - e uma estrutura secundária, que encontramos na ala dos quartos, no primeiro piso, que é constituída por paredes de tabique simples. O acrescento adjacente à biblioteca e ao fim da ala dos quartos, onde persistem duas casas de banho, é formado por paredes de alvenaria de tijolo, o que faz presumir que este acrescento tenha sido construído no início do século XX. Quase não existem vestígios que mostrem indícios de como seriam as portas e caixilharias originais, sendo que as poucas que restam encontram-se em muito mau estado de conservação.

Nos pavimentos detetam-se bastantes fissuras, o que permite desvendar a estrutura dos pisos que é composta por um vigamento de troncos de madeira que constituem o sobrado. Este é apoiado nas paredes de meação, paralelamente entre si e travado por tarugos. Os vestígios existentes dos pavimentos demonstram que estes eram revestidos por um tabuado em madeira (soalho). No rés-do-chão, a pavimentação é de cimento, típico de uma zona de trabalho, onde há necessidade de colocar e arrastar peças com elevado peso. Os tetos do piso superior são de estrutura tradicional de madeira, utilizando um tabuado que toma a forma de masseira ou caixotões - variando nas divisões - com molduras e que, possivelmente, teriam ornatos em talha.

As fachadas da casa possuem um revestimento distinto das restantes construções da propriedade: a casa senhorial apresenta pelo exterior reboco pintado, e todas as outras construções apresentam pedra à vista.



Desenhos de levantameto à mão livre da Quinta das Lages.

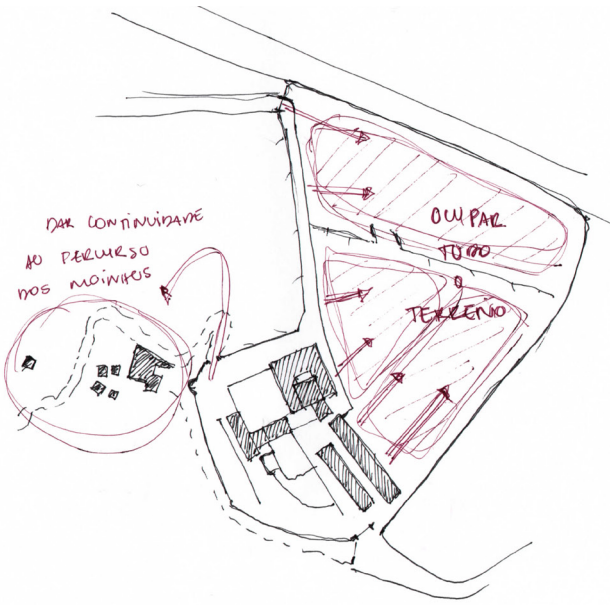
A Quinta emerge da tradição das construções das casas nobres do Norte, que mantêm a ligação à produção agrícola. A principal característica deste tipo de construções é a flexibilidade que existe entre o espaço doméstico e o espaço de trabalho. Contudo, a casa senhorial exibe a sua supremacia e, neste caso, a torre assume esse papel como elemento mais elevado e de maior destaque de toda a propriedade. Este volume apresenta paredes de alvenaria de granito à vista e ameias pontiagudas, fazendo-se acompanhar de uma escadaria em caracol igualmente de granito.

A análise da preexistência gerou um processo bivalente: permitiu, no geral, uma comunicação transversal do entendimento do objeto em estudo através do desenho objetivo do que existe, ao mesmo tempo que, em particular, alerta para questões e alimenta uma memória reflexiva que indica um início de projeto.

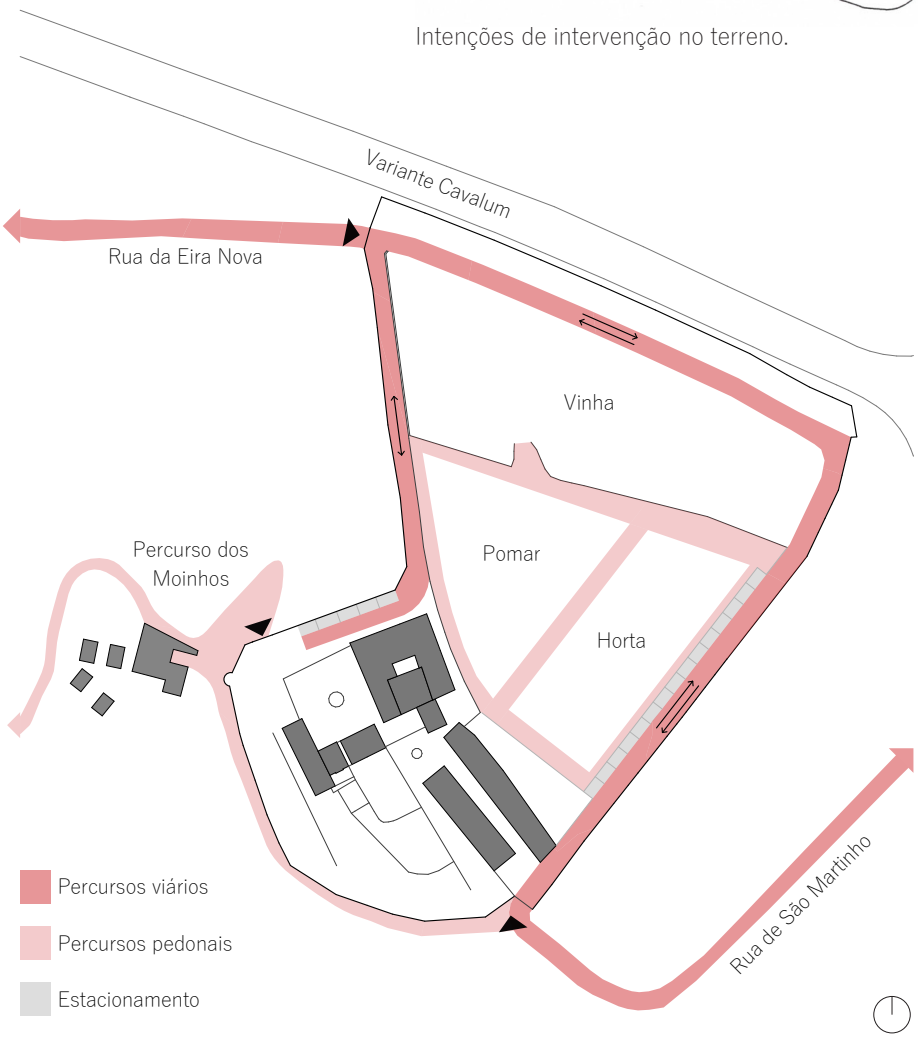
3. O Projeto

"O exercício de projeto não aceita um momento de segurança, de saber estável, mesmo se conscientemente provisório"[1]

[1] SIZA, Álvaro - *01 Textos*. Lisboa, Parceria A.M. Pereira, 2019; p.265



Intenções de intervenção no terreno.



Esquema de acessos e percursos. Escala 1:2000

3.1. Princípios de intervenção

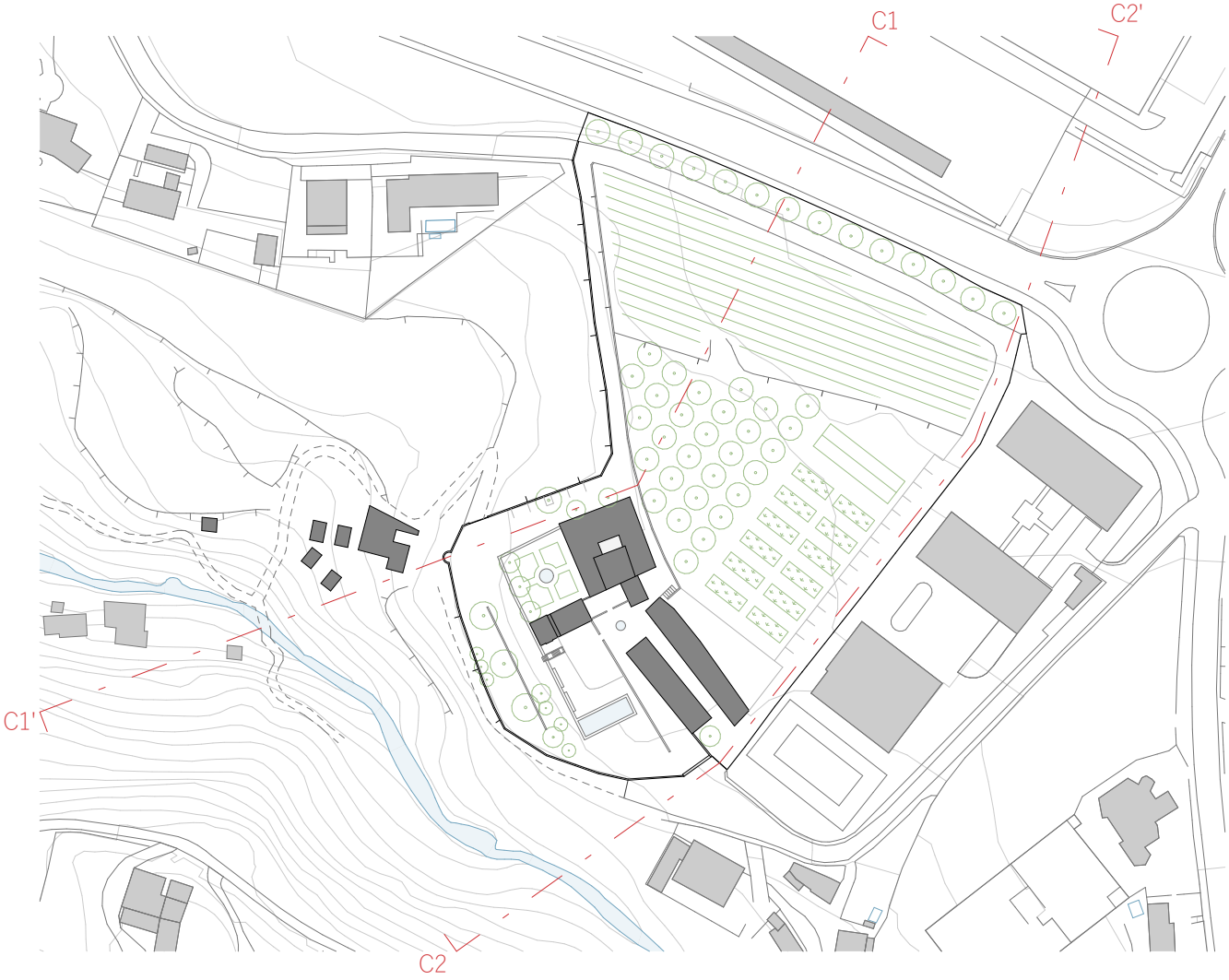
Assumindo a ruína como ferramenta operativa, onde a história desempenha um papel crucial na orientação da intervenção, o objetivo do projeto é resgatar elementos característicos, adaptando-os às necessidades contemporâneas com a intenção de encontrar a identidade do lugar.

Inconscientemente, as intenções iniciais para a intervenção desenvolveram-se em torno dos edifícios em ruína. Reconheceu-se porém, a necessidade de delinear uma proposta para todo o terreno da Quinta das Lages. Estudou-se desde logo, a definição de percursos no terreno; desenvolveu-se o estudo na relação com momentos específicos, como as entradas na Quinta, a relação com e entre os edifícios e a sua orientação. A qualificação destes percursos pressupõe manter-se alguns dos originais (como o percurso pedonal dos Moinhos das Lages e o percurso da entrada da Rua da Eira Nova até à Casa das Lages) e propôr-se outros, para que o movimento seja mais fluido e organizado e, ao mesmo tempo, dar resposta às novas funções da Quinta. No que diz respeito aos percursos viários, procura-se definir-lhes os seus sentidos - uma vez que a entrada norte da Quinta permite a passagem de um só veículo – conferindo-lhes um novo pavimento em cubo de granito dado que, com as chuvas, os percursos em terra batida se deterioram.

Dada a extensão do terreno, sentiu-se a necessidade crescente de estruturação destas intenções pensadas, construindo-se uma lógica que fosse global a toda a propriedade, permitindo fasear as intervenções propostas. Assim, para o plano de projeto estipulam-se três núcleos principais: a reabilitação dos edifícios em ruína; o espaço de cultivo e o percurso dos moinhos.

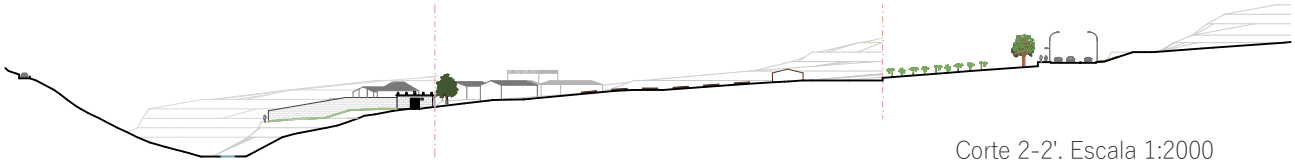
O primeiro núcleo, estabelecido como núcleo principal, foca-se em reabilitar os edifícios em ruína e requalificar os espaços exteriores. A intenção é intervir no construído tendo em consideração todos os tempos presentes na história, respeitando todos os seus capítulos, sem os recriar. A casa senhorial, como elemento principal da Quinta, deve ser desenhada de maneira a valorizar o seu traçado original. Pretende-se destacar as materialidades da Quinta a partir do uso da pedra e da madeira na reconstrução dos edifícios e nos pavimentos dos percursos. Propõe-se ainda, criar um espaço de lazer que sirva tanto os hóspedes da Quinta como as pessoas externas ao conjunto, onde possam tirar proveito da vista sobre o Vale do Cavalum ao mesmo tempo que degustam produtos cultivados na Quinta.

Corte 1-1'. Escala 1:2000



Edifícios da Quinta das Lages — Limite da propriedade - - - Caminhos pedestres

Implantação. Escala 1:2000



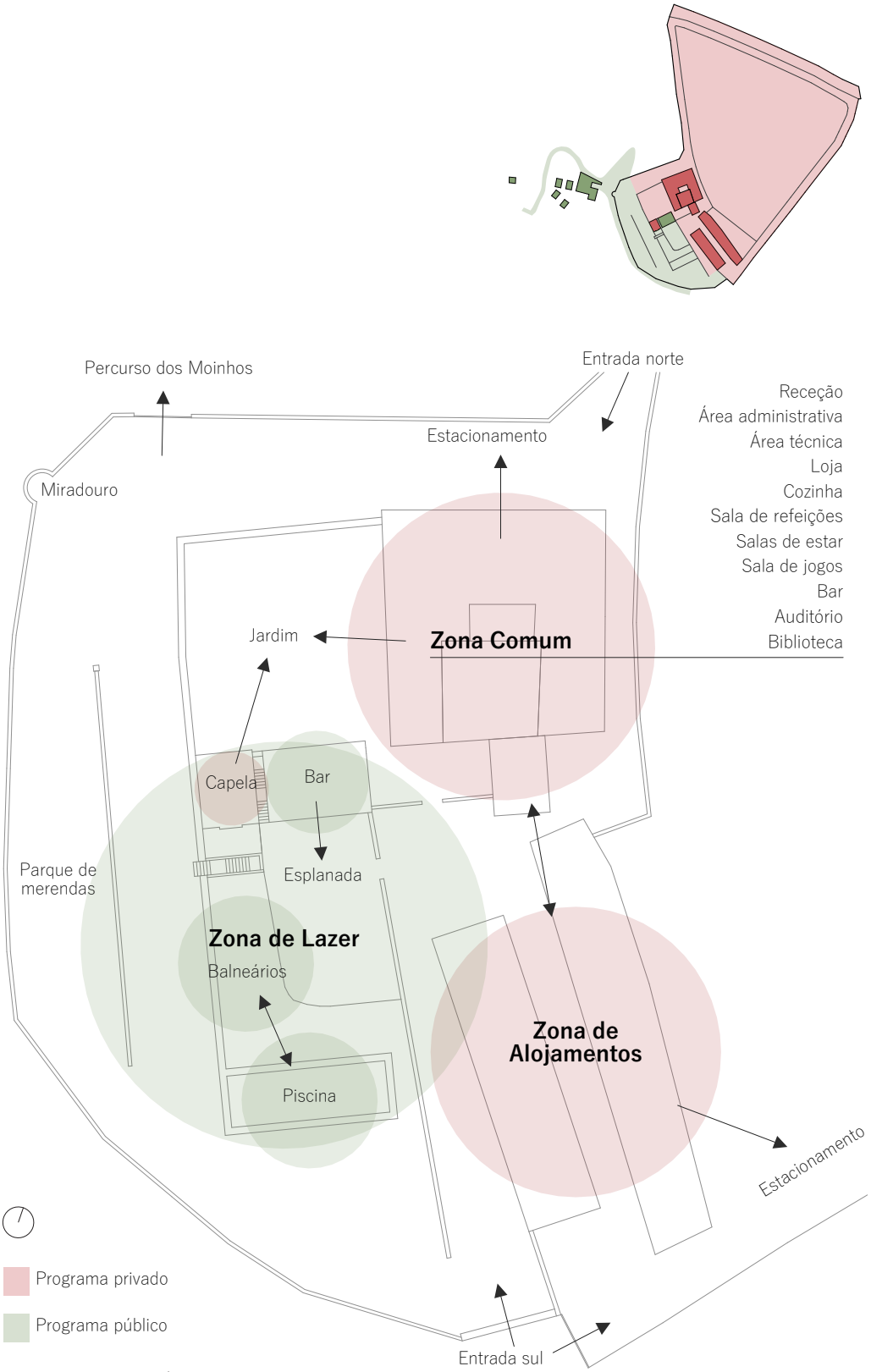
Corte 2-2'. Escala 1:2000

O segundo núcleo é caracterizado por ser um espaço de cultivo, baseado na vontade de recuperar as atividades agrícolas que a Quinta anteriormente comportou, criando condições para o seu autossustento como também para a produção e venda de produtos artesanais. Pretende-se que estes espaços de cultivo sejam constituídos por uma horta biológica cultivada em canteiros, uma vinha e um pomar. Para além do cultivo de plantas e hortaliças nos canteiros, propõe-se criar uma estufa que possibilite o cultivo das mesmas num ambiente controlado, permitindo também o armazenamento de material necessário de apoio às atividades agrícolas. Pretende-se ainda que haja a possibilidade dos visitantes participarem nas atividades da Quinta e utilizarem estes espaços de forma a enriquecerem a sua experiência, promovendo práticas ambientais responsáveis.

O terceiro núcleo, posiciona-se fora dos limites da propriedade, englobando os seis moinhos em ruína que pertencem à Quinta das Lages. Com o intuito de conferir novas dinâmicas, convidando os visitantes da Quinta a um contacto com o meio natural, propõe-se reabilitar os moinhos e requalificar o antigo percurso pedonal até ao rio. O objetivo seria criar um espaço de interpretação do rio e do seu património, um espaço para contar a história dos moinhos, da indústria da moagem e da área circundante. Utilizar este espaço para educação ambiental, oferecendo programas educacionais sobre a importância do rio e da conservação da natureza, proporcionando atividades ao ar livre a visitantes interessados na história local, como caminhadas pelo Trilho dos Moinhos já existente no Vale do Cavalum.

Deste modo, o foco em torno das ruínas do núcleo principal concretiza a proposta de intervenção arquitetónica que é desenvolvida nos próximos subcapítulos. Para os restantes núcleos, fica desde já levantada a articulação que estabelecem entre si e o núcleo principal, perante o terreno no seu todo. Apesar de não se avançar para uma proposta efetiva de desenho no que toca a uma intervenção nestes dois últimos núcleos, em termos de estratégia global, pretende-se a integração, reconhecendo e potenciando a sua importância para uma fase posterior de trabalhos.

A finalidade desta intervenção é devolver a habitabilidade ao espaço, proporcionando uma experiência imersiva e sensorial do conjunto. Através de uma proposta para uma Quinta de produção com residências para trabalhadores, turistas e investigadores, procura-se estimular o contacto com o meio natural e, ao mesmo tempo, impulsionar o seu desenvolvimento, para que possa ser conciliado e partilhado por um público diversificado no sentido de aliar várias áreas de conhecimento.



Esquema programático.

3.2. Construção do programa

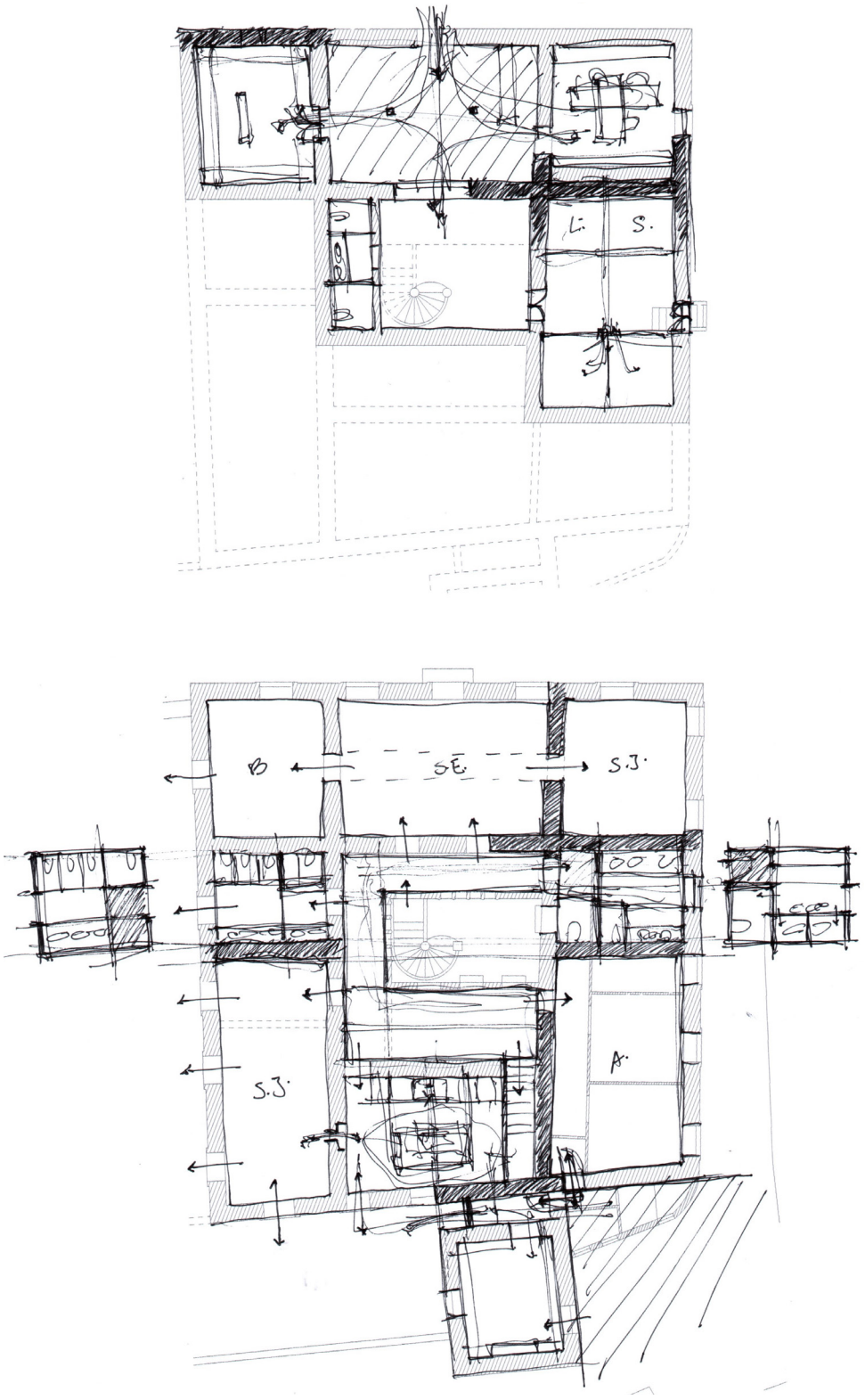
A construção do programa passou pelo exercício de simulação de um cliente (dentro da liberdade que o exercício académico permite), procurando compreender as potencialidades do lugar e da preexistência, com vista a uma definição concreta. Dada a flexibilidade que se sentiu na construção do programa, vários pontos foram sendo repensados ao longo do trabalho, tendo em consideração alguns exemplos que podessem ir esclarecendo acerca de determinadas questões práticas que fossem surgindo. O que por sua vez permitiu o aprofundamento do programa em paralelo com um entendimento das dinâmicas de utilização dos espaços e do seu funcionamento.

Tomou-se como ponto de partida o objetivo de manter, de certa forma, o programa habitacional e o de recuperar a atmosfera que outrora se vivia na Casa das Lages. Assim, a receção e o seu acolhimento característico deverá ser mantido. Por outro lado, a vocação agrícola da Quinta deverá também ser uma prioridade, uma vez que a área ainda disponível para produção é significativa. Ou seja, colocar a Quinta das Lages ao serviço da comunidade a vários níveis, preservando a forte relação entre a agricultura e o recurso hídrico natural do terreno envolvente, o rio Cavalum.

A distribuição programática é pensada de forma a reaproveitar os espaços da preexistência e melhor responder às necessidades do programa, maximizando as possibilidades destas áreas existentes e de forma a preservar as memórias de antigamente.

Numa primeira análise sobre o programa a propor, conseguimos reconhecer duas linhas que compõem a estrutura das eventuais vertentes de intervenção: uma com um carácter mais privado e outra com um carácter mais público. Assumindo três zonas distintas na formulação e proposição do novo programa, a zona comum e a zona de alojamentos apresentam um carácter mais privado e a zona de lazer, um carácter mais público. Os novos espaços de lazer são projetados a oeste da casa senhorial e da zona dos alojamentos, separados pelo muro já existente, de forma a garantir o afastamento e a privacidade destas zonas, pois tratam-se de espaços de trabalho e de descanso que necessitam de mais tranquilidade e agilidade nas circulações entre eles.

A zona comum é constituída essencialmente pelo aproveitamento da casa senhorial como espaço para acolher todas as áreas comuns e de serviços. Procurou-se a integração do novo programa nas divisões da casa em coerência com o existente.



Desenhos de estudo da intervenção na Casa das Lages.

O piso térreo da Casa das Lages estabelece o ponto de partida para a receção dos hóspedes. É composto pelo átrio de distribuição e sala de espera. A Sala das Armas será o espaço da administração e a antiga garrafeira um espaço de venda de produtos produzidos na Quinta, onde se pretende recuperar a estrutura em madeira existente. Neste piso há também uma área técnica com lavandaria e uma sala para os funcionários, no local da antiga *Tulha*. É necessária a inserção de uma casa de banho neste piso, incorporando-a no antigo compartimento de aquecimento, localizado no pátio ao lado da escadaria.

No primeiro piso, o aproveitamento dos espaços existentes organiza-se num conjunto de salas que oferecem diferentes dinâmicas: uma sala de estar, uma sala de jogos e um pequeno bar, comunicantes entre si, localizando-se nas antigas salas da ala norte. Uma sala de refeições que contacte com a cozinha, aproveitando o vão existente na parede, comunicante com a cozinha e sala de jantar. A ala este, que continha os antigos quartos, é transformada numa sala polivalente com capacidade para se transformar num pequeno auditório para eventos e reuniões, apoiado pela biblioteca já existente. Considerou-se necessária a demolição do volume das casas de banho pois para além de ser uma adição tardia foi, no nosso entender, imprudente na sua relação com o volume da casa, assim como do ponto de vista programático.

No interior da torre cria-se um segundo piso onde se reserva um terraço que oferece uma vista panorâmica sobre a paisagem do Vale do Cavalum.

Para a zona de alojamentos, os volumes onde outrora se localizavam as casas dos caseiros são aproveitados para desenhar novos espaços de permanência, tanto para hóspedes como para investigadores, colaboradores e funcionários da Quinta. Por se encontrarem em ruínas, verificou-se que a solução seria o aproveitamento da estrutura das paredes de alvenaria de pedra, respeitando o desenho de implantação existente, sem reconstruir as partes que desapareceram. No volume a poente organizam-se sete quartos com casa de banho, voltados para a zona de lazer. No volume a nascente organizam-se seis estúdios com casa de banho, cozinha e uma zona de estar/trabalho, voltados para o espaço de cultivo.

O desenho destes espaços foi evoluindo ao longo do processo. Se numa primeira fase se pensou apenas em desenhar os alojamentos para as pessoas que visitassem a Quinta, considerou-se posteriormente que poderia ter maior abrangência e alojar tambem pessoas que trabalhassem na

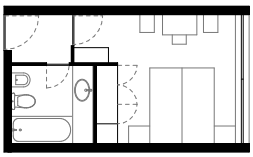
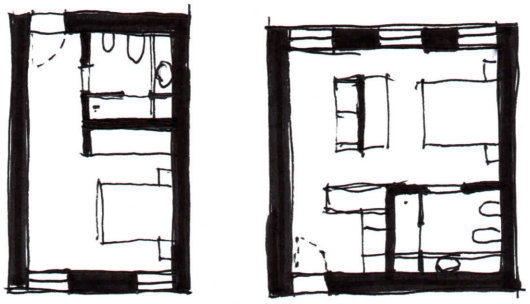


Fig. 77. Quarto da Pousada Santa Marinha da Costa, Fernando Távora, 1975-84



Solução 1
Quarto e Estúdio para Quinta das Lages

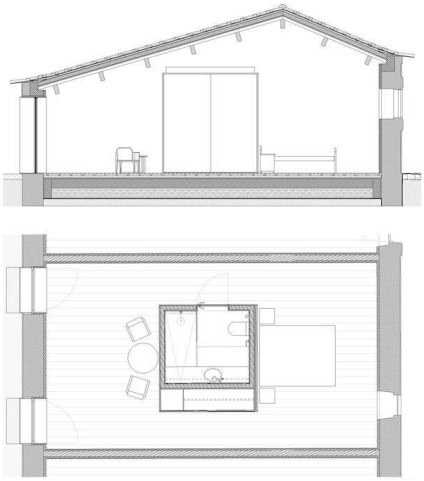
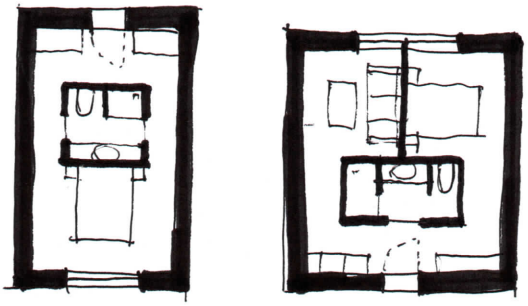


Fig. 78. Quarto do Hotel Paço de Vitorino, PROD arquitetura & design, 2015



Solução 2
Quarto e Estúdio para Quinta das Lages

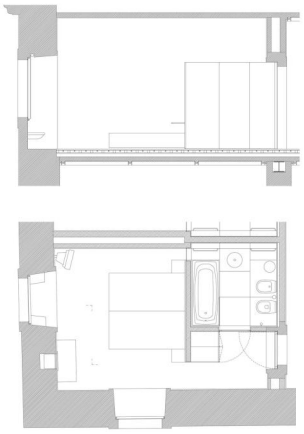
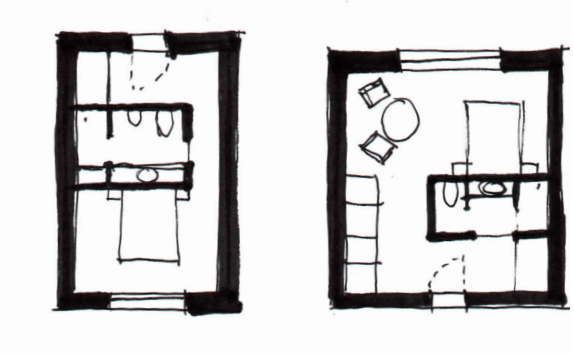


Fig. 79. Quarto da Pousada Santa Maria do Bouro, Eduardo Souto Moura, 1997



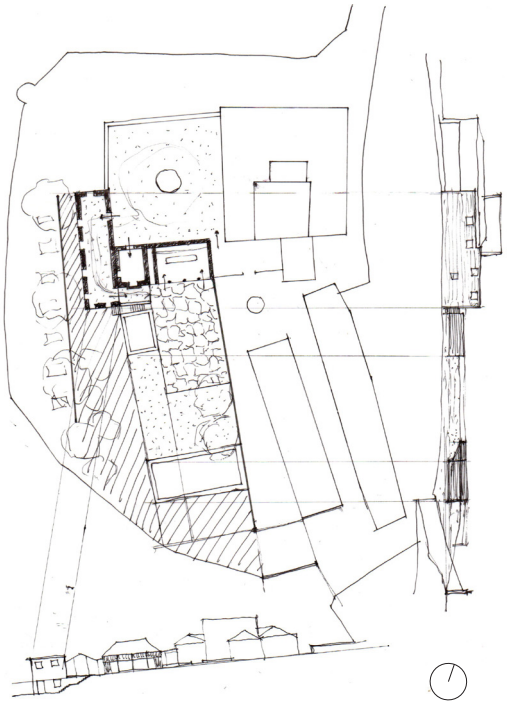
Solução 3
Quarto e Estúdio para Quinta das Lages

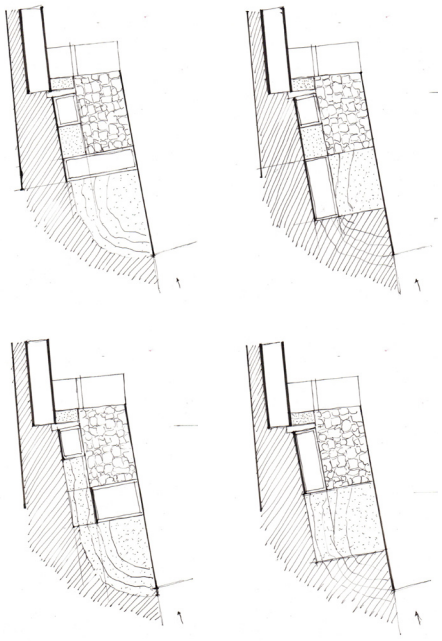
Quinta. Desenha-se, então, os quartos para os visitantes e os estúdios para os trabalhadores e eventuais insvestigadores interessados na área.

A ideia de organização destes espaços parte de alguns exemplos selecionados, considerando a mais valia de cada um deles. No primeiro exemplo, o quarto que Fernando Távora projetou para a Pousada de Santa Marinha da Costa, divide-se em dois espaços: um primeiro com zona de entrada e acesso à casa de banho e outro com uma zona de dormir e de arrumação. No segundo exemplo, nos quartos do Paço de Vitorino projetados pelo atelier PROD arquitectura & design, a casa de banho foi disposta estrategicamente solta das paredes e tetos para simultaneamente enquadrar e organizar o programa, valorizar a espacialidade em que se insere, proporcionando melhor circulação dentro do quarto. Numa tentativa de recriação desta organização nos quartos da Quinta das Lages, rapidamente se percebeu que os dois corredores, criados em consequência da casa de banho centralizada no quarto, teriam o mesmo propósito, ao contrário do que acontece com os quartos do Paço de Vitorino, onde cada corredor assume propósitos diferentes: um para aceder à casa de banho e outro que constitui a zona de vestir apoiado pelo roupeiro. Na impossibilidade de recriar esta organização nos quartos da Quinta das Lages, devido à sua pequena área, resolveu-se readaptar esta configuração em conjunto com o modelo de quarto projetado por Eduardo Souto de Moura na Pousada de Santa Maria do Bouro. Assim, a solução para os quartos da Quinta das Lages compõe uma zona de entrada e arrumação, uma casa de banho maior que a solução anterior e a zona de dormir. Procurou-se sempre que o estúdio fosse uma variação alargada da organização espacial do quarto, integrando a cozinha e uma zona de estar/trabalho.

Na zona de lazer utiliza-se as antigas construções e espaços de trabalho, como a Casa da Eira, para a construção de um espaço de refeições com extensão para o exterior, aproveitando o espaço da Eira. No sentido de aproveitar ao máximo as estruturas existentes, surgiu a ideia de construir uma piscina nas paredes do anexo adjacente à Eira. Devido às suas pequenas dimensões, pensou-se inicialmente que esta daria lugar a uma piscina infantil, criando-se uma outra piscina de maiores dimensões. Ao estudar o desenho desta nova piscina e a sua relação com os elementos envolventes, percebeu-se que a piscina infantil era prescindível e que seria apenas necessária uma convencional.

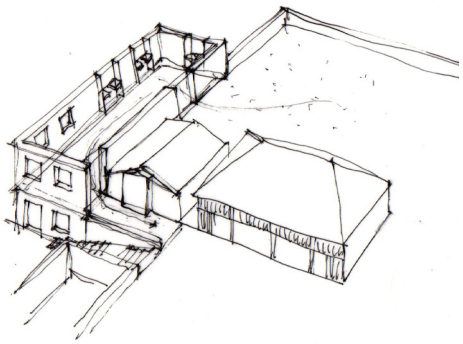
O edifício do antigo recolhimento de coches, que mais tarde seria a garagem da casa, foi onde as maiores dúvidas surgiram. Primeiramente,



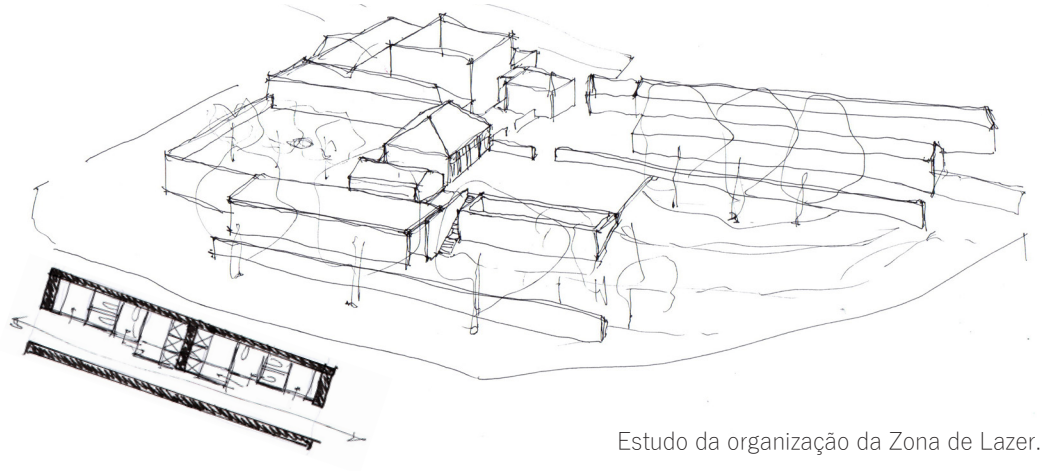


Estudos do posicionamento das piscinas.

Figura 80. Casa em Baião, Eduardo Souto de Moura



Estudo do volume da garagem.



Estudo da organização da Zona de Lazer.

pensou-se em integrar um restaurante com acesso no piso térreo e também no piso superior, através do jardim à cota elevada. Posteriormente, verificou-se a necessidade de criar balneários de apoio à piscina e instalações sanitárias que dessem apoio à zona de lazer, para evitar que os hóspedes e visitantes da Quinta recorressem à Casa Senhorial e aos quartos. Como neste espaço é possível acomodar em apenas um piso, não foi consentânea a forma de intervir no segundo piso deste volume.

Várias soluções foram ponderadas com premissas bastante distintas. Na Casa em Baião, por exemplo, Eduardo Souto de Moura mantem a ruína e instala o novo programa num novo volume. A ruína adquire um carácter meramente contemplativo, consolidando-se como jardim fechado de apoio à nova habitação, destacando-se em altura. O arquiteto assume a ruína como estado final de degradação da obra: o retorno da matéria ao meio natural. Seguindo este exemplo, forma-se a primeira ideia para o volume da antiga garagem, onde no piso superior se retiraria toda a estrutura da cobertura, muito degradada, e se manteria as paredes existentes, formando um jardim fechado, em continuidade com o jardim à cota alta, que acompanha a Casa Senhorial. No entanto, o alçado poente deste volume não correspondia na relação com a Casa Senhorial, pois para além de se distinguir a forma imprudente da sua construção, encobre a capela e parte da Casa Senhorial, no nosso entender, merecia maior força no conjunto, uma vez que possuem maior valor arquitetónico do que esta construção.

Ponderou-se, então, a demolição do primeiro piso deste edifício para dar mais privacidade ao jardim à cota elevada e mais destaque à capela que por trás dele se esconde, retirando-lhe o destaque em altura que atualmente possui. Os balneários integrariam sanitários e vestiários masculinos e femininos que seriam organizados de forma a permitir um percurso contínuo coberto.

A terceira solução procurou o equilíbrio entre o desenho de implantação e a proporção dos elementos da propriedade, propondo a demolição total do edifício da garagem. Assim, a capela é o único elemento que se destaca do muro de sustentação do jardim, que apenas é interrompido pelas escadas que ligam o terreno da cota baixa à cota alta. No alinhamento deste muro propõe-se a construção de um novo muro com o reaproveitamento das pedras do edifício demolido, para a estruturação da nova piscina e respetivos balneários.

O acesso aos balneários será feito pelas escadas entre muros, uma vez que os balneários serão instalados por trás do novo muro, à semelhan-

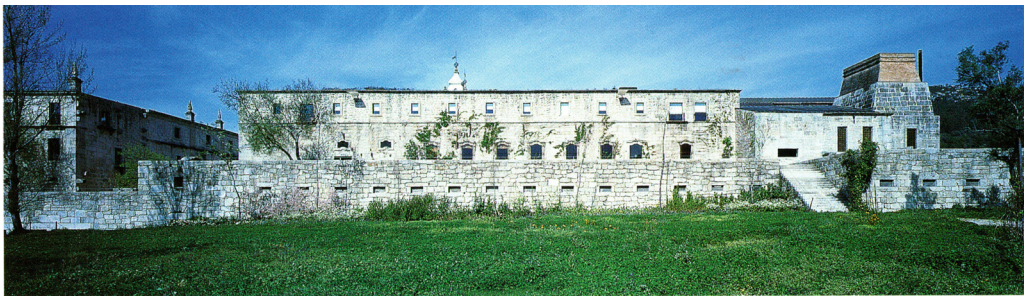


Figura 81 e 82. Pousada Santa Maria do Bouro, Eduardo Souto de Moura (alçado sudeste).

ça do que acontece na Pousada Santa Maria do Bouro, em Amares. Neste projeto de intervenção, o único momento de introdução insere-se discretamente no sítio do antigo muro de pedra e a uma cota mais baixa, não perturbando a leitura do conjunto preexistente. O novo corpo dá resposta aos serviços necessários da pousada, escondendo-se por detrás de uma longa fachada de granito, pontuada por pequenas janelas, cujo contraste se configura praticamente nulo. No muro da Quinta das Lages não se pretende abrir janelas. A entrada de luz natural nos balneáreos será feita por duas aberturas na cobertura, praticável.

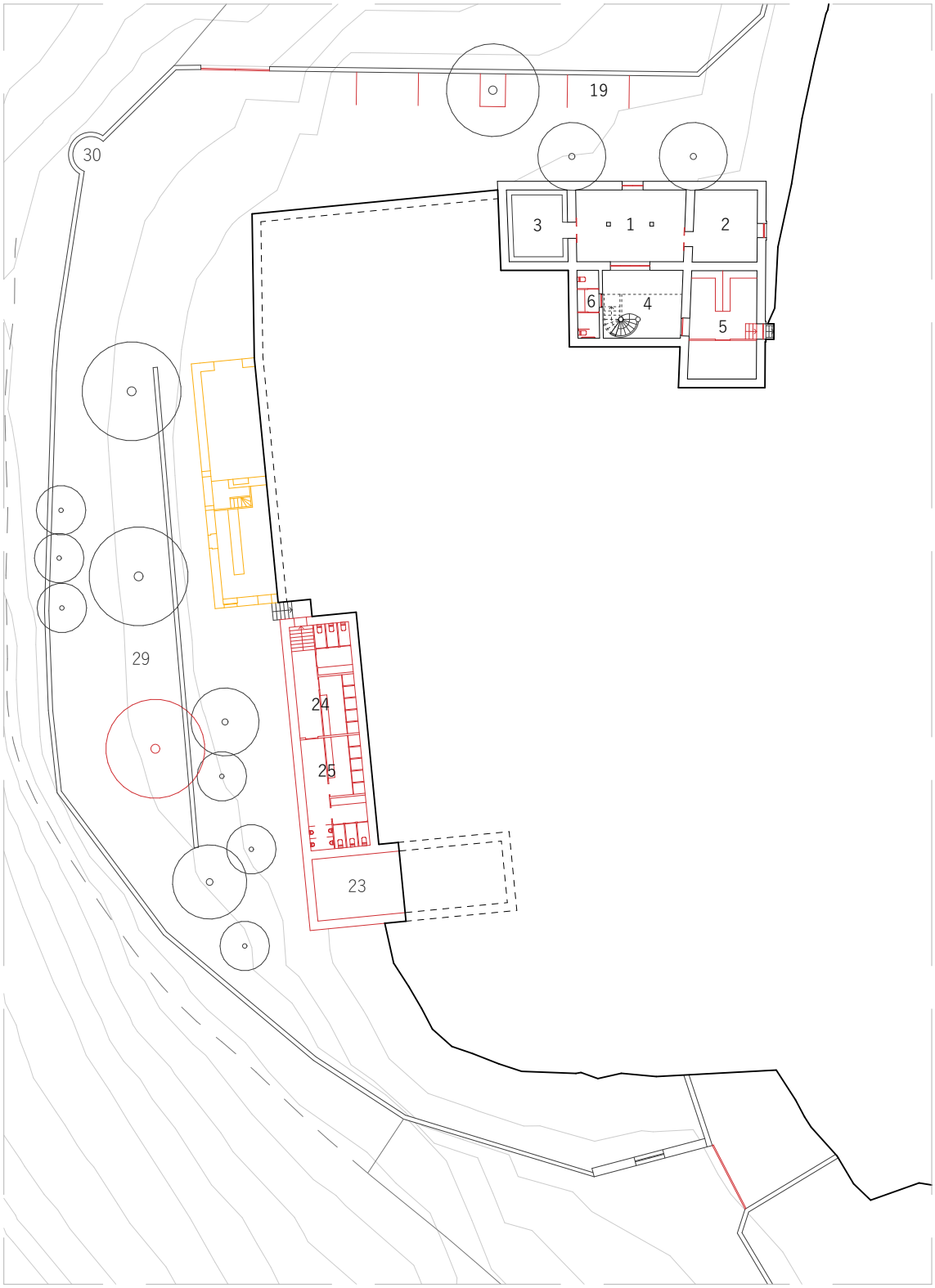
Outros espaços da propriedade são aproveitados para integrar a zona de lazer, como a área mais arborizada a oeste para um parque de merendas e o miradouro já existente a noroeste da Quinta, com o objetivo de receber visitantes, incluindo os que visitassem apenas o trilho dos moinhos.

PROGRAMA

Zona Comum
1 Átrio/Sala de espera_ 50,92 m2
2 Receção/Administração_ 30,04 m2
3 Loja_ 28,02 m2
4 Pátio_ 35,02 m2
5 Área técnica_ 47,52 m2
Lavandaria
Armazém de material
Sala para funcionários
Instalações sanitárias
6 Instalações sanitárias comuns_ 9,61 m2
7 Instalações sanitárias femininas_ 17,86 m2
8 Instalações sanitárias masculinas_ 20,29 m2
9 Cozinha_ 38,24 m2
10 Sala de refeições_ 46,44 m2
11 Sala de estar_ 50,92 m2
12 Sala de jogos_ 29,89 m2
13 Bar_ 28,02 m2
14 Auditório_ 53,96 m2
15 Biblioteca_ 19,68 m2
16 Terraço_ 78,74 m2
17 Capela 23,58 m2
18 Jardim_ 398,99 m2
19 Estacionamento_ 6 lugares

Zona de Alojamentos
20 Quartos_ 7 x 25 m2
21 Estúdios_ 6 x 39 m2 (em média)
22 Sala de reuniões/arrumos_ 24,39 m2
Estacionamento_ 15 lugares

Zona de Lazer
23 Piscina_ 86,39 m2
Balneários
24 Balneários femininos_ 43,22 m2
25 Balneários masculinos_ 43,22 m2
26 Bar_ 59,37 m2
27 Eirado_ 186,14 m2
Esplanada
28 Relvado_ 221,26 m2
Espreguiçadeiras
29 Parque de merendas_ 370,44 m2
30 Miradouro_ 10 m2



a construir a demolir

Planta de vermelhos e amarelos do piso térreo. Escala 1:500.

PROGRAMA

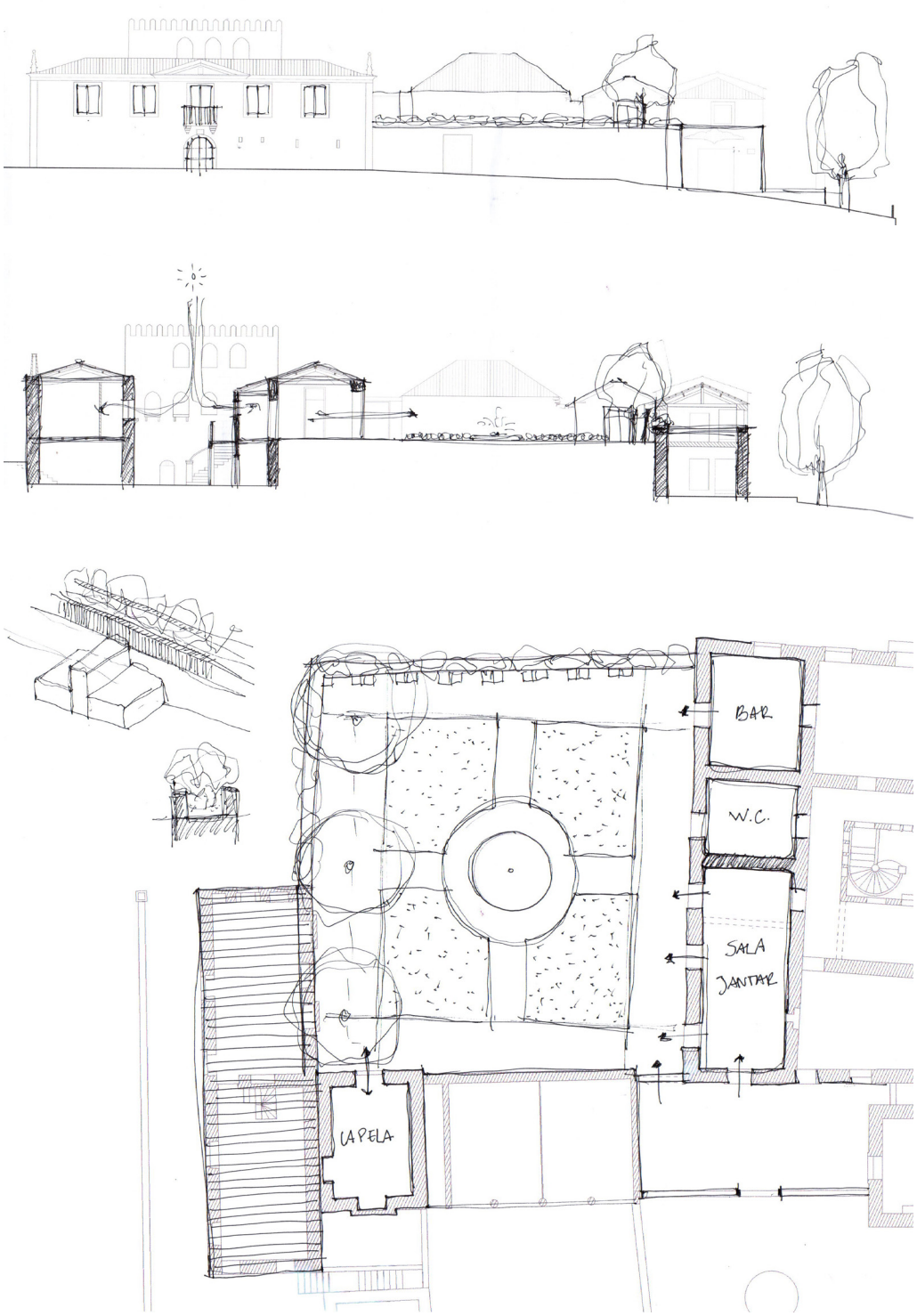
Zona Comum
1 Átrio/Sala de espera_ 50,92 m2
2 Receção/Administração_ 30,04 m2
3 Loja_ 28,02 m2
4 Pátio_ 35,02 m2
5 Área técnica_ 47,52 m2
Lavandaria
Armazém de material
Sala para funcionários
Instalações sanitárias
6 Instalações sanitárias comuns_ 9,61 m2
7 Instalações sanitárias femininas_ 17,86 m2
8 Instalações sanitárias masculinas_ 20,29 m2
9 Cozinha_ 38,24 m2
10 Sala de refeições_ 46,44 m2
11 Sala de estar_ 50,92 m2
12 Sala de jogos_ 29,89 m2
13 Bar_ 28,02 m2
14 Auditório_ 53,96 m2
15 Biblioteca_ 19,68 m2
16 Terraço_ 78,74 m2
17 Capela 23,58 m2
18 Jardim_ 398,99 m2
19 Estacionamento_ 6 lugares

Zona de Alojamentos
20 Quartos_ 7 x 25 m2
21 Estúdios_ 6 x 39 m2 (em média)
22 Sala de reuniões/arrumos_ 24,39 m2
Estacionamento_ 15 lugares

Zona de Lazer
23 Piscina_ 86,39 m2
Balneários
24 Balneários femininos_ 43,22 m2
25 Balneários masculinos_ 43,22 m2
26 Bar_ 59,37 m2
27 Eirado_ 186,14 m2
Esplanada
28 Relvado_ 221,26 m2
Espreguiçadeiras
29 Parque de merendas_ 370,44 m2
30 Miradouro_ 10 m2

a construir a demolir

Planta de vermelhos e amarelos do piso superior. Escala 1:500.



Desenhos do processo.

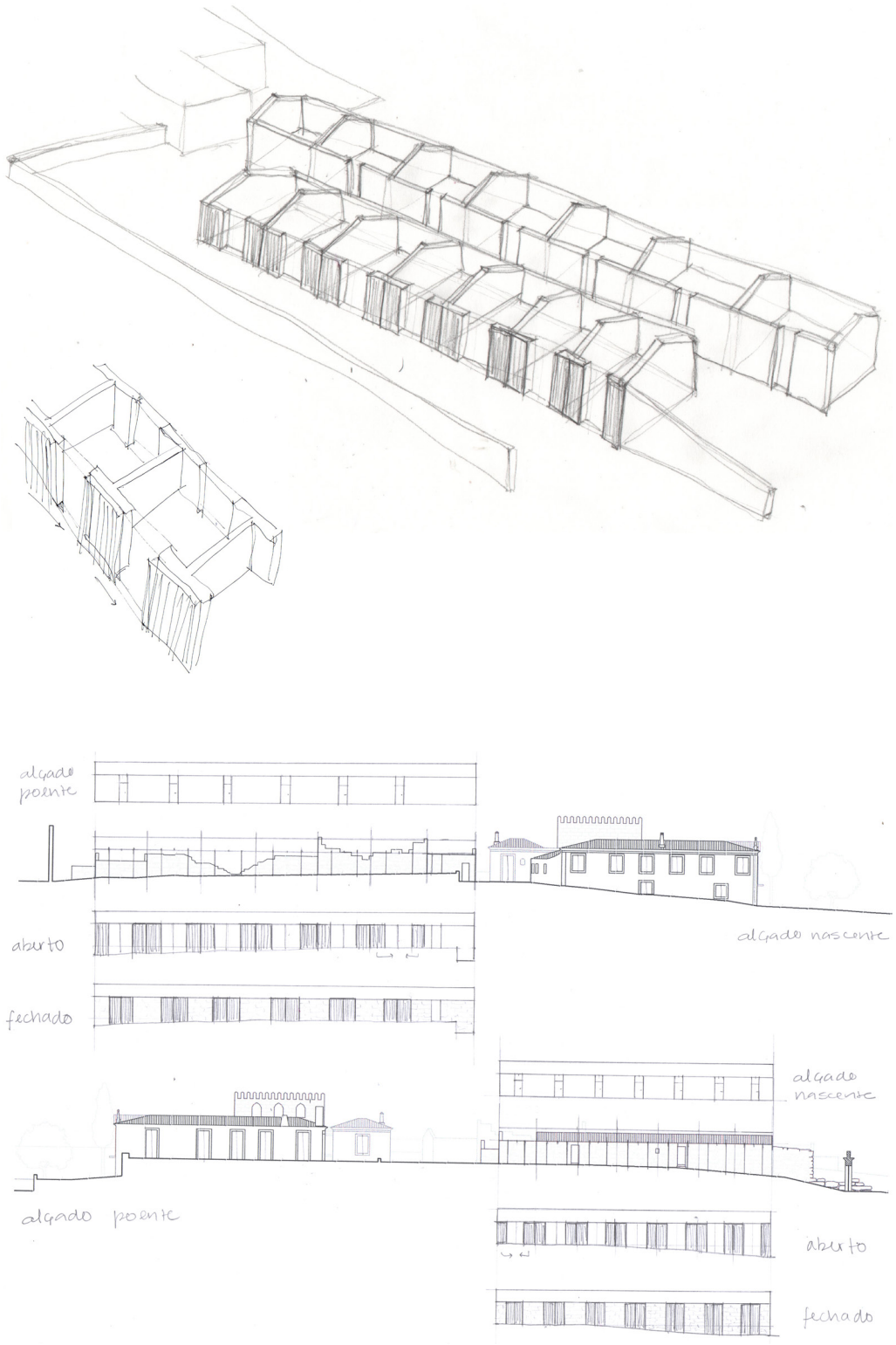
3.3. Relação interior-exterior

Sendo a Casa das Lages uma construção que remonta ao século XVII onde o jardim e o espaço exterior assumem um papel determinante na conceção e vivência da casa, tenciona-se manter essa relação com o exterior através de portas e janelas envidraçadas que permitam ligações visuais com a paisagem envolvente. As fachadas expressam a hierarquia do interior, segundo uma estratificação horizontal, onde no piso superior (antigo piso nobre) existem inúmeros vãos, altos e largos, em contraste com o piso térreo (antigo piso de serviços) que apresenta aberturas pontuais. Respeita-se o desenho das fachadas, de janelas simetricamente distribuídas, mantendo uma composição linear, o que permite a entrada de luz natural nos espaços interiores, além de oferecer enquadramentos dos espaços exteriores.

No centro da casa, o pátio fechado, elemento muito característico das casas senhoriais, é essencial a nível funcional e é um espaço charneira entre o interior e o exterior, protegido do clima, proporciona luz natural e ventilação aos espaços circundantes.

O jardim da Casa das Lages, na sua cota alta, permanece como uma espécie de jardim-varanda debruçado sobre a paisagem, dando continuidade às salas da ala poente. É um ambiente de calma e privacidade, para ser usufruído no seu interior e dificilmente admirado do exterior, uma vez que o muro alto que sustenta o jardim impede a sua visibilidade a partir da cota baixa. Os bancos de pedra agregados ao muro do lado norte são mantidos e incorporam-se canteiros no seu perímetro para garantir uma altura de segurança para guarda deste espaço. O novo desenho do jardim é inspirado na geometria e simetria dos jardins renascentistas, recuperando o lago, de forma circular, que ocupa uma posição central no jardim. A partir deste elemento central desenvolvem caminhos em torno dos canteiros com vegetação rasteira de modo a realçar a fachada da Casa das Lages. O elemento água, além de proporcionar uma sensação de frescura, cria também reflexos visuais ampliando a perceção do jardim. Plantam-se árvores do lado poente do jardim para criar sombras e encaminhar os visitantes para um espaço destinado ao silêncio e meditação, a pequena capela. A ideia é que em circunstâncias especiais, este espaço possa acolher cerimónias religiosas.

A privacidade foi um tema muito importante, principalmente na zona dos alojamentos e na sua relação com o interior-exterior, uma vez que a decisão de manter os dois volumes existentes comportava distâncias entre eles que poderiam colocar em causa o conforto, como o seu posicionamento



Desenhos do processo.

junto à entrada sul com zona de passagem pedonal.

Projetar significa definir limites de um vazio espacial. Estes limites trazem consigo todo um conjunto conceitos em relação: aberto/fechado, dentro/fora, luz/sombra, público/privado. Mas para que estes dois conceitos de interior e exterior possam coexistir, tem de existir um elemento de separação, a parede, que se torna o elemento preponderante neste jogo de relações. Este elemento é o ponto de mudança, de transição entre o interior e o exterior. É a fronteira que se assume como limite do espaço, o mecanismo que o arquiteto utiliza para delimitar o espaço.

A parede é o que define o estar "dentro" e o estar "fora". Mas a delimitação de um espaço interior traduz-se num importante impacto no modo como percecionamos a forma construída. A existência ou não de aberturas numa parede, para além dos fatores de iluminação, é também condicionada por exigências de vistas, privacidade visual e ventilação, assim como pelo grau de encerramento desejado para o espaço interior e pelo efeito das aberturas na aparência exterior. Desta maneira, a forma construída é muito mais do que uma relação entre planos abertos e planos fechados que delimitam um espaço interior. Trata-se de todo um conjunto de opções, relações e limites. Limites estes que tanto se podem afirmar e funcionar como um corte na relação entre interior e exterior, como se podem tornar ambíguos onde o interior e o exterior se confundem.

As paredes existentes dos volumes das antigas casas dos caseiros apresentam um número reduzido de aberturas, sendo necessário recorrer a desmantelamentos rigorosos e essenciais para a criação de novas aberturas. Forma-se, assim, uma arquitetura que joga com dois conceitos: a opacidade e a transparência; uma arquitetura de composição e de complementaridade. Embora sejam distintos e quase antagónicos, estes conceitos complementam-se quando organizados para formar um ritmo entre aberto e fechado, caracterizando todo o ambiente interior e o modo como este se relaciona com o exterior.

A delimitação destes espaços, determinada pela configuração dos planos opacos e pelo ritmo das aberturas, tem um grande impacto na perceção espacial dos quartos. Em cada quarto, o encerramento provocado pelos planos opacos proporciona privacidade ao espaço interior que resulta numa barreira limitadora do movimento dos hóspedes. Por outro lado, as aberturas, estabelecem continuidade com o ambiente exterior. Os momentos de fachada quando abertos, além de determinarem a quantidade de luz natural que o espaço interior recebe, em confronto com os planos opacos, estabe-

Figura 83 e 84. Reconstrução de Sequeiro, José Gigante

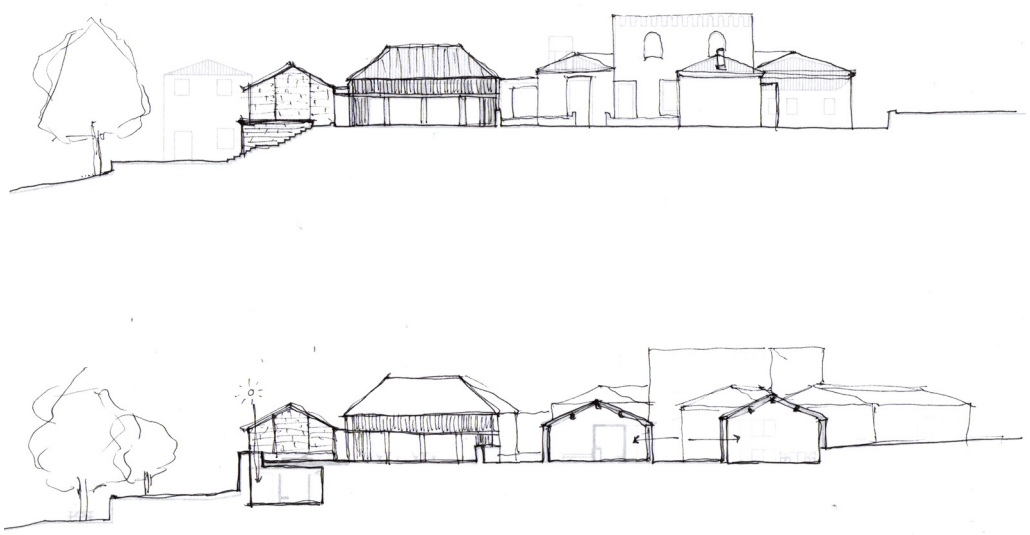
Figura 85. Volume dos alojamenos na Quinta de Gomariz, Paulo Braga e Cristina Amaral

lecem focos de orientação, emolduram relações visuais entre o interior e o exterior, comprometendo a aparência global dos limites, bem como o grau de privacidade do espaço interior.

As portadas de ripado vertical, num sistema de painéis de correr aconchegam a intimidade dos quartos e regulam a expressão arquitetónica da fachada, conforme estes se encontrem recolhidos ou corridos. Confere-se, desta forma, um carácter flexível à fachada, dado que, consoante a utilização e a necessidade, a sua imagem oscila entre o absoluto isolamento e momentos de permeabilidade. A fachada assume-se como um filtro de regulação entre o interior e o exterior. Os quartos tornam-se espaços fluídos, adaptando-se de forma variável aos usos diferentes. Cada indivíduo que os habita desempenha um papel ativo e, consoante as suas vontades de exposição/proteção solar, de contacto/isolamento visual, altera a expressão do seu respetivo espaço.

O tema recupera a ideia que esteve na base do projeto de reconstrução de um sequeiro em Guimarães (2002-05) de José Gigante, que entre a absoluta fidelidade ao preexistente e a sua reinterpretação num novo modelo que preservasse a sua essência, o arquiteto decidiu optar pelo segundo caminho. Na sua reconstrução, manteve-se a parede estrutural de granito e foram aproveitadas algumas peças provenientes de outras demolições. Renunciando à adoção literal do modelo preexistente, o desenho das portadas procura responder às novas exigências de funcionalidade e conforto, facultando a abertura total ou parcial das folhas e inserindo nelas um contra-ripado corrediço que, proporcionando melhores condições de ventilação, contribui para que a leitura da fachada incorpore subtis variações de luz. Quando as portadas estão completamente fechadas e criam um isolamento, existe uma marcação nítida entre a estrutura de granito, e as portadas de madeira que marcam as suas aberturas. Quando as portadas se abrem, são elas mesmas que desenham a espessura da fachada, revelando o espaço interior que se articula diretamente com o exterior.

Quanto à fachada de acesso aos quartos, recorre-se ao mesmo método de criação de novas aberturas nas paredes, simetricamente distribuídas. Estas aberturas são transformadas em planos verticais opacos, correspondentes às portas de entrada nos quartos, subsequentes a um quadro de transparência sobreposto por um ripado vertical a filtrar a entrada de luz natural e ao mesmo tempo manter uma coerência entre a linguagem das duas fachadas. O desenho desta fachada foi inspirado no projeto de reabilitação da Quinta de Gomariz de Paulo Braga e Cristina Amaral em Cervães (2015).



Desenhos do processo.

Maquete do projeto de intervenção para a Quinta das Lages.

O jogo de planos transparentes e ripados verticais volta a ser introduzido na antiga casa da eira. São usados painéis de vidro fixo para permitir que os clientes possam escolher entre ficar dentro do novo bar ou desfrutar do ambiente ao ar livre e painéis de vidro que se abram completamente que permitam que o espaço interior do bar se estenda para o espaço exterior que o complementa (o eirado), proporcionando uma sensação de continuidade e expansão. O ripado de madeira adota o mesmo desenho do ripado existente na ruína, emoldurando os planos de vidro na fachada.

O eirado beneficia de uma vista panorâmica sobre o Vale do Cavalum, podendo compor um posicionamento estratégico de mesas e espreguiçadeiras que permitam que os visitantes desfrutem da vista enquanto relaxam na esplanada. Em contiguidade com o eirado está a nova piscina que consequentemente usufrui da mesma vista. Esta interação direta entre estes três espaços (o bar, o eirado e a piscina) cria uma experiência de lazer contínua e convidativa. A utilização da pedra preexistente em todos estes espaços ajuda a criar uma sensação de unidade e harmonia entre eles.

Em suma, mais do que explorar as relações entre um edifício e a sua envolvente, este projeto procura estabelecer uma continuidade entre formas, que simultaneamente envolvem e descobrem, ocultam e revelam. A opção por esta dualidade, ajuda a distinguir e caracterizar a funcionalidade a que cada espaço se destina.

A nova Quinta das Lages torna-se, assim, numa narrativa visual de espaços que oferecem uma experiência sensorial imersiva entre a arquitetura e a natureza.

Considerações Finais

Apesar da escolha da Quinta das Lages como objeto de estudo deste trabalho se ter prendido inicialmente por circunstâncias pessoais, a sua capacidade de incorporar diversas problemáticas levantadas no estudo do tema da intervenção sobre a preexistência transformou a obra num exercício de levantamento e reconhecimento de diferentes estratégias de projeto.

Através de um caso de estudo particular e de um propósito projetual que se apresentava vago, fomos gradualmente e inevitavelmente sendo guiados pela disciplina, pondo em prática e utilizando como recurso as ferramentas facultadas pelo percurso académico, num constante e consequente despertar de argumentos, temas e inquietações de interesse pessoal - a serem explorados e colmatados.

O levantamento arquitetónico revelou-se fundamental, quer seja como elemento de construção de um princípio arquitetónico, quer pelo desmantelar das expectativas iniciais, elucidando as decisões de projeto.

Também a memória, presente ao longo do trabalho sobre diversas perspetivas (enquanto memória coletiva, espelho de tradições culturais e arquitetónicas de um lugar e de um povo, e enquanto memória afetiva, quer de um indivíduo quer da própria arquitetura como invólucro de vida), assume um papel fundamental na compreensão da obra e é entendida como uma das linhas estruturais deste trabalho - na análise do objeto de estudo e na construção de um processo de transformação através da proposta de intervenção apresentada.

Adquiriu-se, sobretudo, uma nova experiência de projeto não explorada até então – a intervenção num edifício rico de história, imprescindível como ponto final no percurso académico. Como ponto de partida, não se procurou previamente uma ideia de como intervir, ao invés, o decorrer natural do processo projetual apresentou uma solução, substencialmente vinculada à profunda análise da casa. Este trabalho pretende representar a importância e o valor do estudo do objeto, pois sem ele a proposta não seria possível.

O projeto apresentado para a Quinta das Lages prende-se a uma ideia de continuidade entre a arquitetura, o homem, o lugar e a memória, numa tentativa que o novo projeto se transforme numa obra com valor e identidade próprios, mas que represente também uma ponte entre o passado e o presente, evitando assim a perda total das memórias da Quinta das Lages. Para manter a autenticidade, não será necessário que se mantenha

tudo. É essencial conservar tanto a matéria como o significado da obra. A ideia subjacente à intervenção era não alterar do ponto de vista morfológico, mesmo que intimamente alterado, através de uma prática analítica e científica. Desta forma, o projeto tem a sua própria linguagem para evitar o falso, garantindo que as próximas gerações não sejam enganadas.

O plano geral de reinterpretação do espaço da propriedade serve como orientador de passos a seguir para a criação do futuro. No entanto, a proposta não pretende impor-se como solução única ou ideal, estanque, mas como um estudo/processo/investigação que não só procurou decifrar dúvidas, mas que instituiu novas condições que deram origem a outros problemas.

Por fim, se esta dissertação futuramente passar de um ensaio académico para um caso real de projeto, seria importante desenvolver um estudo de pormenorização de todos os temas abertos na estratégia lançada ao longo do mesmo. Este trabalho poderá ainda posicionar-se como uma base aberta de contributos para a reabilitação da própria Quinta. Espera-se que este projeto marque o começo de um futuro no qual o confronto com essas novas decisões se torne real, mas ainda assim dê espaço à criatividade e ao poder do arquiteto de erguer, materializando, um imaginário seu.

"Acabar. Uma palavra imprecisa, uma espécie de erro de tradução, a substituir pela palavra começar" [1]

[1] SIZA, Álvaro – *01 textos.* Lisboa, Parceria A.M. Pereira, 2019; p. 366

Referências bibliográficas

1. O Lugar

GREGOTTI, Vittorio - *Território da Arquitetura.* São Paulo, Editorial Perspectiva, 1994

NORBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci: towards a phenomenology of architecture.* Nova York, Rizzoli, 1980

PALLASMAA, Juhani - *The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses.* Chichester: Wiley-Academy – John Wiley & Sons Ltd, 2005

SIZA, Álvaro - *01 Textos*. Lisboa, Parceria A.M. Pereira, 2019

ZUMTHOR, Peter - *Pensar la arquitectura*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2005

1.1. A cidade e o rio

ALMEIDA, António d' - *Descrição Histórica e Topográfica da Cidade de Penafiel.* Penafiel: Biblioteca Municipal de Penafiel, 2006

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de; ALMEIDA, Pedro Miguel Brochado de; GONÇALVES, Mário Carlos Sousa - *Caminhos Antigos e de Peregrinação em Penafiel.* Penafiel: Museu e Câmara Municipal, 2008

CARNEIRO, Virgílio - *O Vale do Cavalum e os Moinhos.* Penafiel: Editorial Novembro, 2007

DOMINGUES, Álvaro – Penafiel. In *Cidade e Democracia: 30 anos de transformação urbana em Portugal.* Lisboa: Argumentum, 2006. p.184-191

Divisão de Projetos de Arquitetura e Ordenamento Territorial, Museu Municipal de Penafiel – *Área de Reabilitação Urbana do Vale do Cavalum.* Penafiel, 2015

Webgrafia:

cm-penafiel.pt

sig.cm-penafiel.pt/geoportal/GeoPortal

1.2. A Quinta das Lages: capítulos do tempo

AZEREDO, Francisco de - *Casas Senhoriais Portuguesas: roteiro da viagem de estudos do IBI.* Internationales Bergen Institut, 1986

AZEVEDO, Carlos de - *Solares Portugueses: introdução ao estudo da Casa Nobre.* Lisboa: Horizonte, 1969

BINNEY, Marcus - *Casas Nobres de Portugal*. Lisboa: DIFEL, 1987

CARITA, Helder - *A casa senhorial em Portugal*. Alfragide: Leya, 2015

LAGES, Luiz Barão das - *Trinta e cinco anos de vida militar (1808-1845).* Porto: Typografia Peninsular, 1908

MEDEIROS, Manuela de - Freguesia de Milhundos: Casa do Barão das Lages. In Anileiro, Ana Dolores; Pedras; Rita - *Maravilhas de Penafiel. Penafiel*. Editorial Novembro, 2008. p. 100-103

STOOP, Anne de - *Palácios e casas senhoriais do Minho*. Porto: Civilização, 1993

VASCONCELLOS, Luiz de Lencastre Carneiro; Noticia Genealogica da Casa das Lages de Penafiel. Porto: Tipografia Mendonça, 1928

Periódicos:

A.M.R. - *S. Martinho de Melhundos*. Penafiel, Boletim de Cultura da Câmara Municipal. Penafiel. Nº 2, 1975, p. 42-44

CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique; BORRALHEIRO, Rogério - *Milhundos. As freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património.* Braga. Vol. 5, 2009. p. 547-549

DIAS, A. J. - *Convento dos Capuchos de Penafiel. Penha-fidelis. 1.º ano, Nº7.* Penafiel: Tipografia Minerva, 1928. p. 131–133

FERREIRA, José F. Coelho - *Descendentes da Casa das Lages. Penafiel há cem anos, 1890 – 894, (Aspectos do século XIX e XX).* Penafiel. Vol. 1, 1995, p. 175-181

FERREIRA, José F. Coelho - *O Barão das Lages. Penafiel há cem anos, 1890 – 894, (Aspectos do século XIX e XX).* Penafiel. Vol. 1, 1995, p. 165- 168

FERREIRA, Simão Rodrigues - *Apontamentos históricos sobre Penafiel*. Penafiel, Boletim Municipal de Cultura. Penafiel. 3ª série, Nº 2/3, 1985/1986. p. 117-136

FERREIRA, Simão Rodrigues - *Apontamentos para a história topográfica de Penafiel.* Penafiel, Boletim Municipal de Cultura. Penafiel. 3ª série, Nº 6/7, 1991/1992. p. 234-245

LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho - *Quinta e casa das Lages. Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Editora de Mattos Moreira & C.ª. Vol. 6, 1875. p. 578-581

MIRANDA, Abílio - Freguesia de Melhundos. In Separata de *O Penafidelense*. Penafiel, 1942; p.86

NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da - *Pedras de Armas da Cidade de Penafiel.*

Cadernos do Museu. Penafiel: Museu Municipal. Nº 5, 1999, p. 45 - 47

PINTO, Luiz Bernardo Carneiro - *CXIV – Casa das Lages, Milhundos. Descendências e Origens – II, Genealogias de Baião, Marco de Canavezes, Penafiel e outras (Sécs. XII a XXI).* Lisboa, Vol. 2, 2015. p. 347-349

2. A Matéria

ESPUELAS, Fernando - *Madre Matéria. Escritos de Arquitectura*. Madrid: Ed. Lampreave, 2009

MANSILLA, Luis Moreno - Sobre la confianza en la matéria. In Álvarez, Emilio Tuñón; Rojo, Luis; Mansilla, Luis Moreno – *Escritos circenses*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005

2.1. Permanências temporais

ALARCÃO, Pedro - *Construir na ruína: entre a reconstituição e a reabilitação.* Porto: Edições Afrontamento, 2018

GRASSI, Giorgio - *Escritos escolhidos, 1965-2015.* Porto: Fundação Instituto Arquitecto Marques da Silva/Edições Afrontamento, 2018 (Trad. José Miguel Rodrigues)

USTÁRROZ, Alberto - *La lección de las ruinas: presencia del pensamiento griego y del pensamiento romano en la arquitectura.* Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 1997

2.2. Matérias de projeto

CABEZAS, Lino - *El Dibujo como invención: idear, construir, dibujar: en torno al pensamento gráico de los tracistas espanoles del siglo XVI.* Madrid: Ediciones Cátedra, 2008

CARNEIRO, Alberto – *Campo, Sujeito e Representação no Ensino e na Prática do Desenho/Projeto.* Porto: FAUP Publicações, 1995

GORDO, Antonio Gámiz – *Ideas sobre análisis, dibujo y arquitectura.* Sevilha: Universidad de Sevilha, 2003

RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira – *O Desenho: Ordem do pensamento Arquitetónico.* Lisboa: Editorial Estampa, 2000

VIEIRA, Joaquim – *O Desenho e o projecto são o mesmo?: outros textos de desenho.* Porto : Faup Publicações, 1995

Trabalhos académicos:

CARVALHO, Mariana soares Martins de - *Desenhar a Ruína: registo, in-*

terpretação e comunicação. O exemplo da cidade romana de Ebora. Porto: FAUP 2022. Tese de Doutoramento.

TEIXEIRA, Joaquim José Lopes – *Descrição do sistema construtivo da casa burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX. Contributo para uma história da construção arquitetónica em Portugal.* Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, FAUP, 2004

3. O Projeto

ALMEIDA, Pedro Vieira de; LOPES, Diogo Seixas; MATEUS, Manuel Aires; SILVA, João Gomes da; TOUSSAINT, Michel; URBANO, Luís - *Piscina na Praia de Leça. A pool on the beach.* Lisboa: A+A Books, 2016

ESPOSITO, António; LEONI, Giovanni - *Eduardo Souto de Moura*. Milano: Electa, 2003

LÉON, Juan; COLLOVÀ, Roberto e FONTES, Luís - *Santa Maria do Bouro: Construir uma pousada com as pedras de um mosteiro. Eduardo Souto de Moura*. Lisboa: White & Blue, 2001

TRIGUEIROS, Luiz – *Fernando Távora*. Lisboa: Blau, 1993

TRIGUEIROS, Luiz – *Eduardo Souto Moura.* Lisboa: Blau, 1996

TRIGUEIROS, Luiz - *Álvaro Siza: 1954-1976*. Lisboa: Blau, 1997

Referências iconográficas

1. O Lugar
1.1. A cidade e o rio

Figura 1.
Elaborado pela autora

Figura 2.
DOMINGUES, Álvaro; Cidade e Democracia: 30 anos de transformação urbana em Portugal. Lisboa: Argumentum, 2006; p. 187

Figura 3.
Imagem do Google Earth, 2022

Figura 4.
www.cm-penafiel.pt/municipio-de-penafiel/informacao-municipal/pdm-plano-diretor-municipal/pdm-em-vigor/

Figura 5.
Fotografia da autora, junho 2022

Figura 6.
Fotografia cedida pelo Museu Municipal de Penafiel, 2017

Figura 7.
Fotografia da autora, junho 2022

Figura 8.
Elaborada pela autora, com base na cartografia cedida pela C. M. de Penafiel

Figura 9.
www.delcampe.net/en_GB/collectables/postcards/portugal/porto/penafiel-margens-do-rio-cavalum-os-moleiros-portugal-559309844.html

Figura 10.
www.delcampe.net/en_GB/collectables/postcards/portugal/porto/penafiel-ponte-das-curadeiras-no-rio-cavalum-carte-postale-206573500.html

Figura 11.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Cavalum

Figura 12.
https://www.facebook.com/cavalum.trails/photos/210841521177125

1.2. A Quinta das Lages: capítulos do tempo

Figura 13.
Fotografia da autora, junho 2022

Fotografia 14.
Editado pela autora com base na imagem do Google Earth

Figura 15.
Fotografia da autora, junho 2022

Figura 16.
Editado pela autora com base na cartografia da Câmara Municipal de Penafiel de 1993

Figura 17.
NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da - Pedras de Armas da Cidade de Penafiel. Heráldica de Família. In Cadernos do Museu. Penafiel: Museu Municipal, 1999; p.45

Figura 18.
Fotografia da autora, junho 2022

Figura 19.
Editado pela autora com base na imagem do Google Earth.

Figura 20.
Elaborado pela autora com base nas

cartografias cedidas pela Câmara Municipal de Penafiel

Figura 21.
Fotografia da autora, junho 2022

Figura 22.
Fotografia cedida pelo Museu Municipal de Penafiel, 2017

Figura 23.
Fotografia da autora, junho 2022

Figura 24.
Fotografia aéreas de Telmo Coelho, junho 2022

Figura 25.
Fotografia da autora, junho 2022

Figura 26.
Elaborado pela autora.

Figura 27.
AZEVEDO, Carlos de - Solares Portugueses: introdução ao estudo da Casa Nobre. Lisboa: Horizonte, 1969; p. 112

Figura 28.
https://s3.amazonaws.com/gs-geo-images/072e1b55-0070-4b0a-a706-9ef2e5e218e4.jpg

Figura 29 e 30.
Fotografias cedida pelo Museu Municipal de Penafiel, 2017

Figura 31 a 33.
Elaborado pela autora.

Figura 34.
https://www.gerescasas.com/aluguer/fotos/2/147088768805cfa9099aa326e41f2cb37ec87c7abd/1470887725b3fec80e2863d41aa1ee2d07dbd29b44.jpg

Figura 35.
https://lifecooler.com/files/registos/imagens/444006/308381.jpg

Figura 36.
https://web.archive.org/web/20161016203819if_/http://static.panoramio.com/photos/large/45604513.jpg

Figura 37.
https://www.visitarcos.pt/thumbs/cmarcosdevalde-vez/uploads/geo_article/image/5209/378409384_1_1280_2500.jpg

Figura 38.
https://miscastillos.files.wordpress.com/2018/06/torre-lanhelas-2.jpg

Figura 39.
https://i.pinimg.com/originals/44/a2/8e/44a28ede3e506169e4932cc32c09f02b.jpg

Figura 40.
https://miscastillos.files.wordpress.com/2018/05/torre-de-aguic3a3-1.jpg

Figura 41.
Fotografia aérea de Telmo Coelho, junho 2022

Figura 42 e 43.
Fotografias da autora, junho 2022.

Figura 44.
Fotografia cedida pelo Museu Municipal de Penafiel, 2017

Figuras 45 a 48.
Frames de uma videoreportagem de 1994 realizada por Fotografia Borges.

Figura 49.
Desenho elaborado pela autora.

Figura 50.
PEDRAS, Rita – A casa Nobre Rural dos Séculos XVI-XVIII no Concelho de Lousada. In Oppium, número 2, 2007.

Figura 51 a 53.
Fotografias da autora, junho 2022.

Figura 54.
Frame de uma videoreportagem de 1994 realizada por Fotografia Borges.

Figura 55.
Elaborado pela autora.

Figura 56 e 61.
Fotografias da autora, junho 2022.

Figura 62.
Fotografia cedida pelo Museu Municipal de Penafiel, 2017

Figura 63.
Fotografia da autora, junho 2022.

Figura 64 e 65.
Fotografias da autora, junho 2022.

Figura 66.
Fotografia cedida pelo Museu Municipal de Penafiel, 2017.

Figura 67 a 69.
Fotografias da autora, junho 2022.

Figura 70 a 74.
Fotografias da autora, junho 2022.

2. A Matéria
2.1. Materiais e Memórias

Figura 75 e 76.
Fotografias da autora, junho 2022.

3. O Projeto
3.1. Princípios de intervenção

Figura 77.
Desenho elaborado pela autora com base nos desenhos de Fernando Távora.

Figura 78.
https://www.archdaily.com.br/br/803131/hotel-paco-de-vitorino-prod-arquitectura-and-design/5872c412e58eceb4bd0000ba-hotel-paco-de-vitorino-prod-arquitectura-and-design-planta-corte

Figura 79.
https://www.archdaily.com.br/br/769336/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro-numa-pousada-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira

Figura 80.
https://www.researchgate.net/figure/Eduardo-Souto-De-Moura-Casa-Baiao-1993-autor-http-farm3staticflickrcom-e_fig2_318886229

Figuras 81 e 82.
LÉON, Juan; COLLOVÀ, Roberto e FONTES, Luís - *Santa Maria do Bouro: Construir uma pousada com as pedras de um mosteiro. Eduardo Souto de Moura*. Lisboa: White & Blue, 2001; p. 30

Figuras 83 e 84.
https://architizer.com/projects/reconversao-de-sequeiro/

Figura 85.
https://www.archdaily.com.br/br/904236/torre-de-gomariz-wine-spa-hotel-paulo-braga-plus-cristina-amaral

Volume um de dois

A Memória da Matéria.
Proposta de intervenção na Quinta das Lages

Joana Dias Bandeira de Aguiar

FACULDADE DE ARQUITETURA

U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

A Memória da Matéria.
Proposta de intervenção na Quinta das Lages.

Joana Dias Bandeira de Aguiar

M

2024

A Memória da Matéria.
Proposta de intervenção na Quinta das Lages

Joana Dias Bandeira de Aguiar

Sob orientação de
Professora Doutora Ana Isabel da Costa e Silva

Volume dois de dois

Porto, 2024
Dissertação de Mestrado Integrado de Arquitetura
Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

O presente volume reúne o material produzido para a concretização da dissertação. Expõe fotografias e desenhos rigorosos de forma a ilustrar o primeiro volume, cuja organização em três partes corresponde aos três capítulos da estrutura da dissertação.

Primeiramente, é exposto o registo fotográfico realizado pela autora durante as primeiras visitas à Quinta das Lages. Destam-se ainda algumas fotografias aéreas que foram produzidas pelo Telmo Coelho sob orientação da autora. Estas fotografias foram elementos fundamentais para a construção das plantas da Quinta, que em conjunto com as cartografias cedidas pela Câmara Municipal de Penafiel, ajudaram a completá-las de uma forma rigorosa.

Os desenhos que compõem a segunda e a terceira parte são exclusivamente desenhos rigorosos de levantamento e de projeto, elaborados pela autora. Estes desenhos encontram-se a diferentes escalas para que permitam ao leitor uma melhor compreensão da proposta. Existem páginas desdobráveis, que foram colocadas nessa disposição para permitir o enquadramento dos desenhos de maior formato.

O projeto desenhado representa a tomada de decisões cujo resultado não é o encontro de uma solução, mas a reflexão sobre o percurso. Os caminhos poderão não ser evidentes e, por isso, procura-se identificar um caminho possível, permeável ao erro, para um projeto concretizável, pois só assim se reconhece a possibilidade de evolução e aprendizagem pessoal.

ÍNDICE

1. Registo Fotográfico		**9**
1.1. Fotografias aéreas		10
1.2. Fotografias terrestres		14

2. Desenhos de Levantamento		**33**
2.1. Implantação	Escala 1:2000	35
2.2. Corte terreno	Escala 1:2000	35
2.3. Planta de coberturas	Escala 1:500	37
2.4. Planta do piso térreo	Escala 1:500	39
2.5. Planta do piso superior	Escala 1:500	41
2.6. Alçado Norte	Escala 1:500	42
2.7. Corte transversal	Escala 1:500	42
2.8. Alçado Sul 1	Escala 1:500	42
2.9. Alçado Sul 2	Escala 1:500	43
2.10. Alçado Nascente	Escala 1:500	43
2.11. Alçado Poente 1	Escala 1:500	43
2.12. Alçado Poente 2	Escala 1:500	43

3. Desenhos de Projeto **45**

3.1. Implantação Escala 1:1000 47

3.2. Corte terreno noroeste Escala 1:1000 49

3.3. Corte terreno sudeste Escala 1:1000 49

3.4. Planta de coberturas Escala 1:300 51

3.5. Planta de vermelhos e amarelos do piso térreo Escala 1:300 53

3.6. Planta do piso térreo Escala 1:300 55

3.7. Planta de vermelhos e amarelos do piso superior Escala 1:300 57

3.8. Planta do piso superior Escala 1:300 59

3.9. Alçado Norte Escala 1:200 61

3.10. Corte transversal 1 Escala 1:200 61

3.11. Corte transversal 2 Escala 1:200 63

3.12. Corte transversal 3 Escala 1:200 63

3.13. Alçado Sul Escala 1:200 65

3.14. Corte transversal 4 Escala 1:200 65

3.15. Alçado Nascente Escala 1:200 67

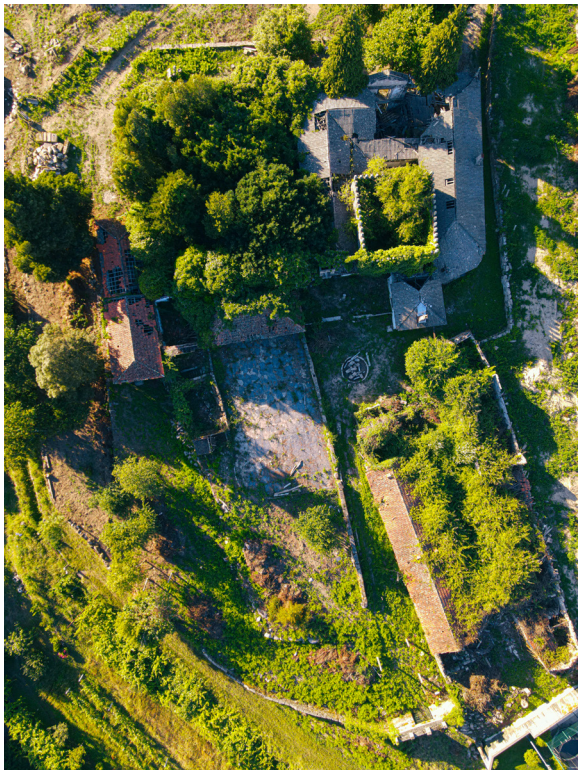
3.16. Corte longitudinal 1 Escala 1:200 67

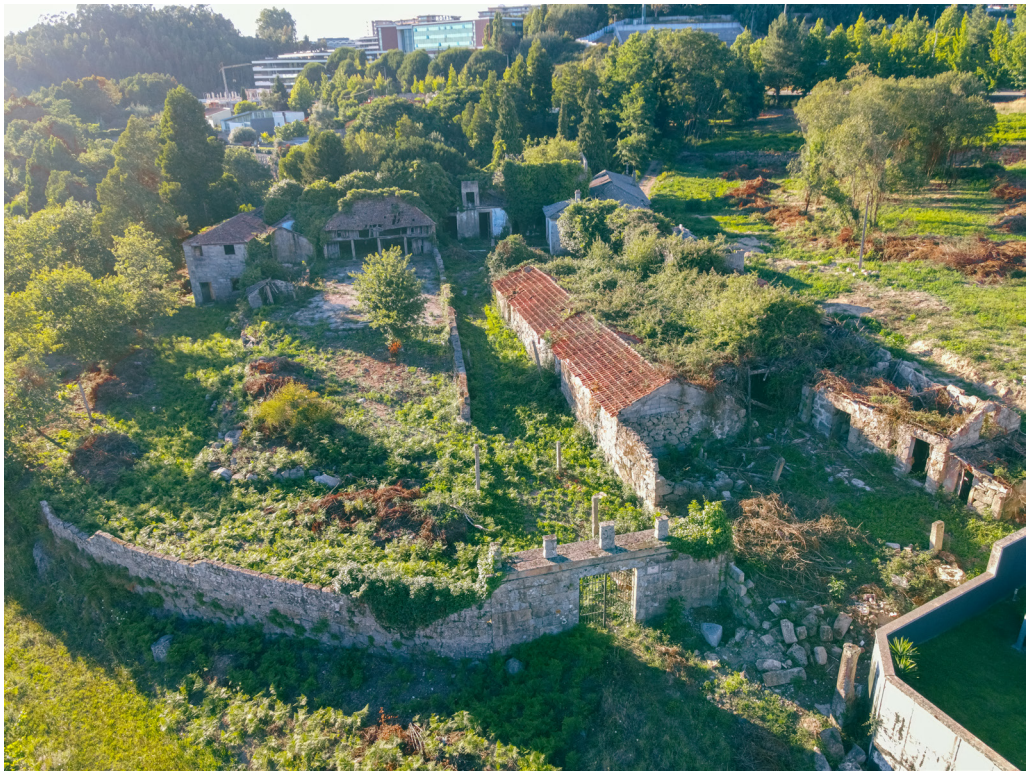
3.17. Alçado Poente 1 Escala 1:200 69

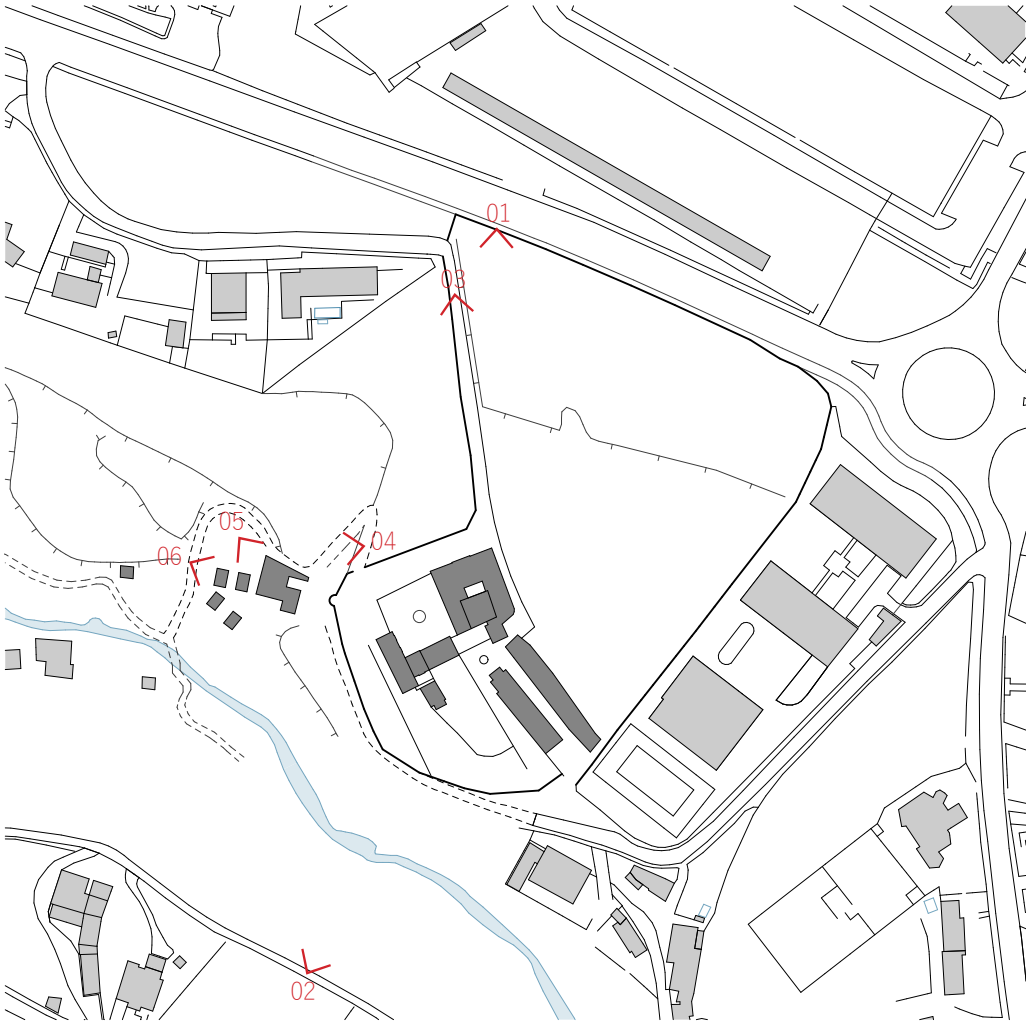
3.18. Alçado Poente 2 Escala 1:200 69

3.19. Fotografias da maquete 70

1. REGISTO FOTOGRÁFICO







Esquema de implantação | Escala 1:2500

01

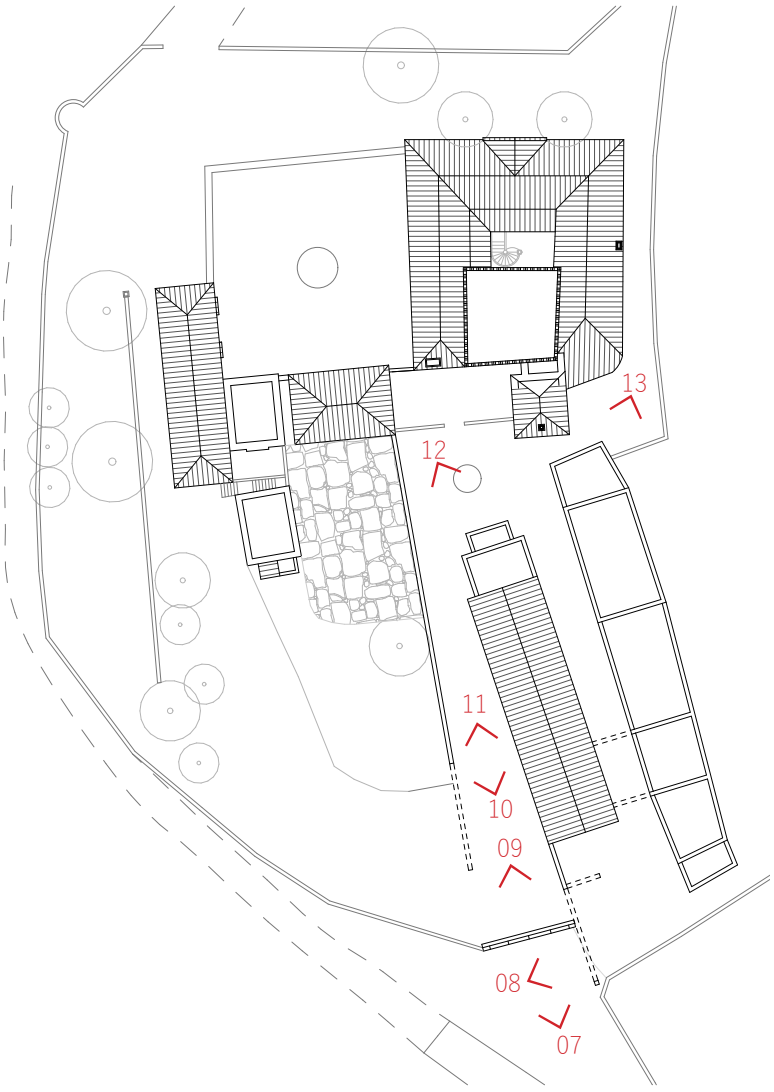
02

03

04

05

06



Esquema de implantação | Escala 1:750

07

07

08

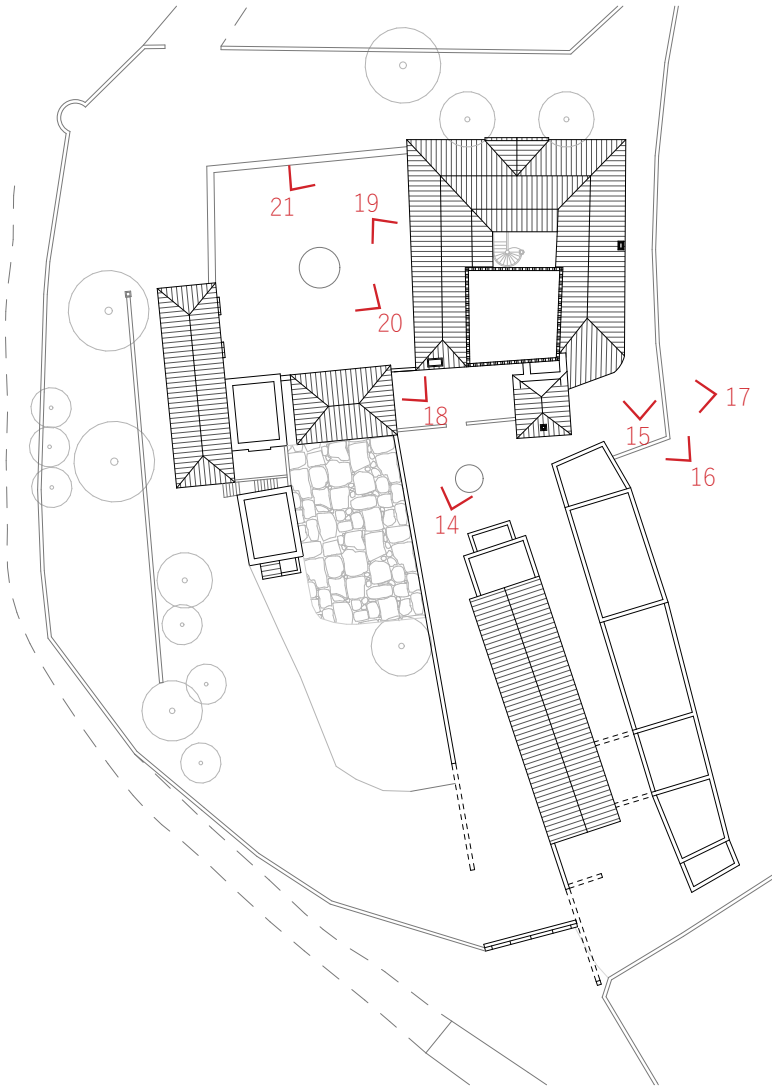
09

10

11

12

13



Esquema de implantação | Escala 1:750

14

15

16

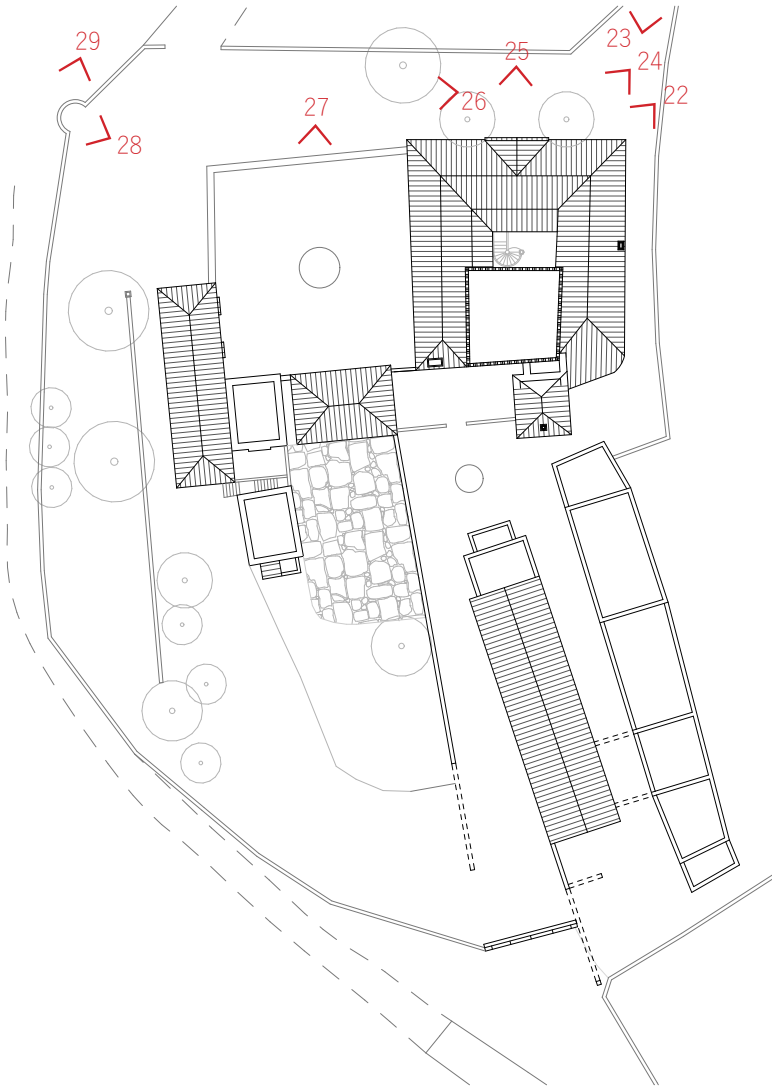
17

18

19

20

21



Esquema de implantação | Escala 1:750

22

23

24

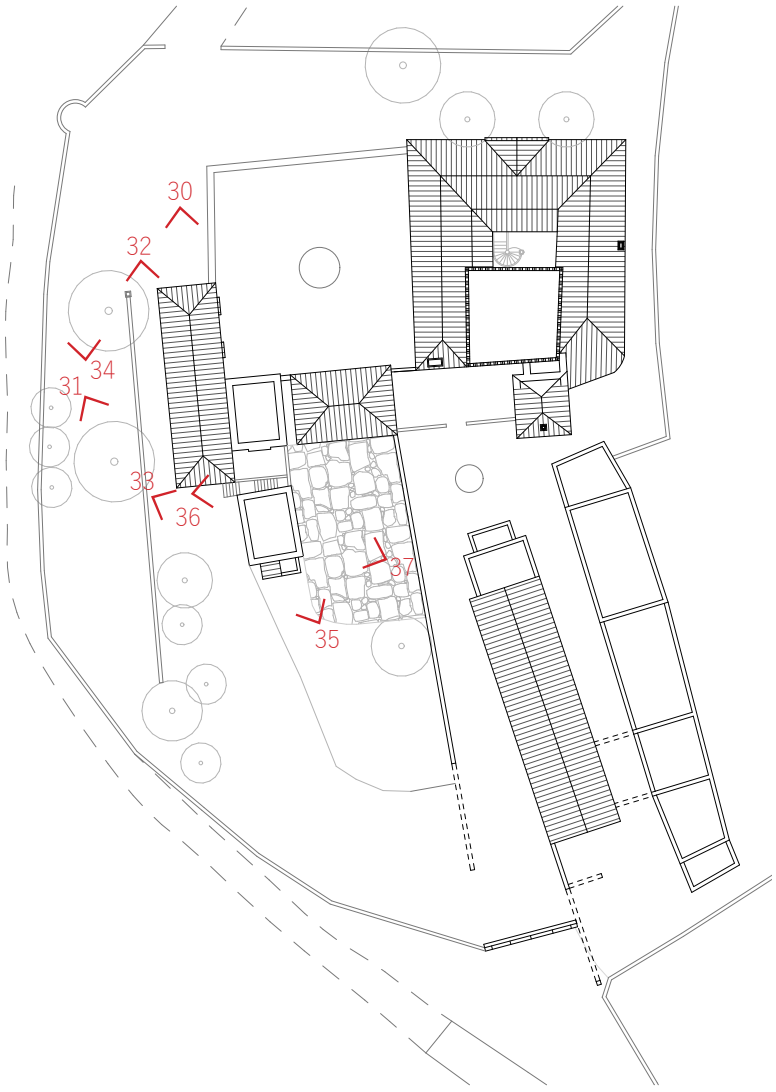
25

26

27

28

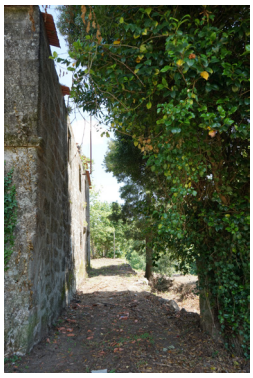
29



Esquema de implantação | Escala 1:750

30

31


32

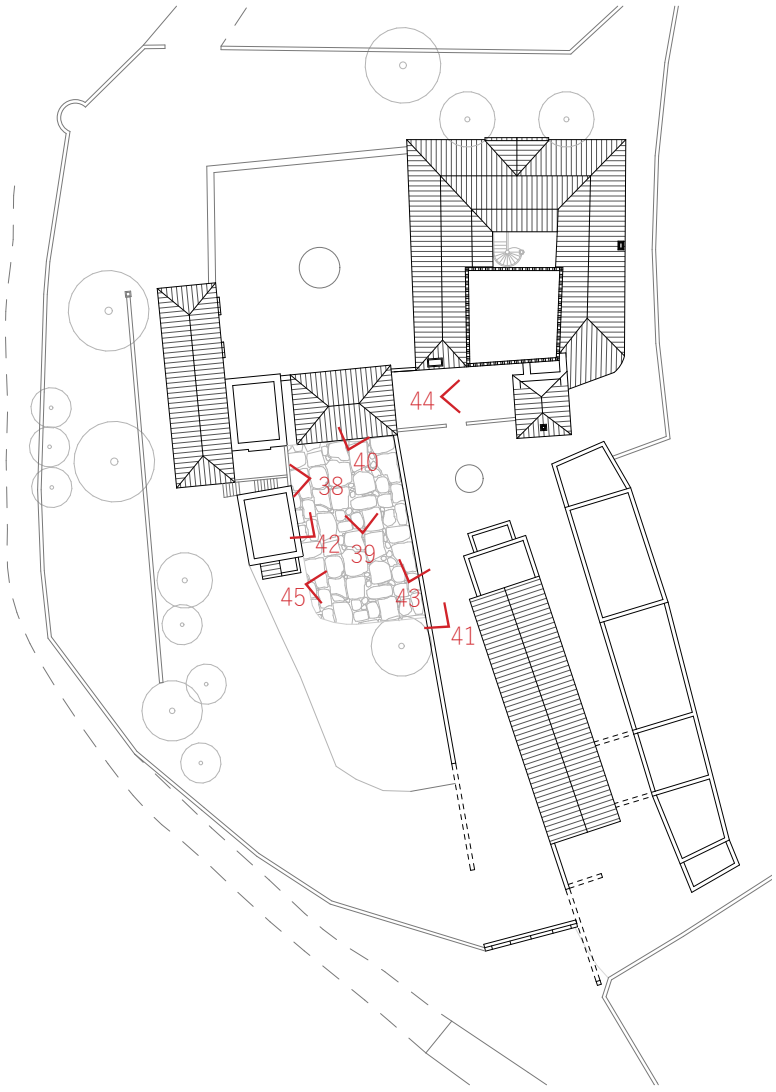
33

34

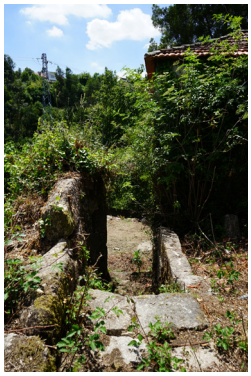
35

36

37



Esquema de implantação | Escala 1:750


38

39

40

41

42

43

44

45

Esquema do piso superior | Escala 1:400

46

47

48

49

50

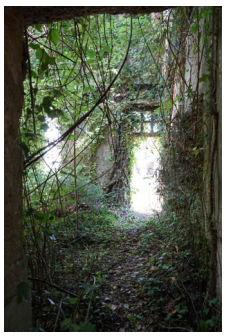
51

52

53

54

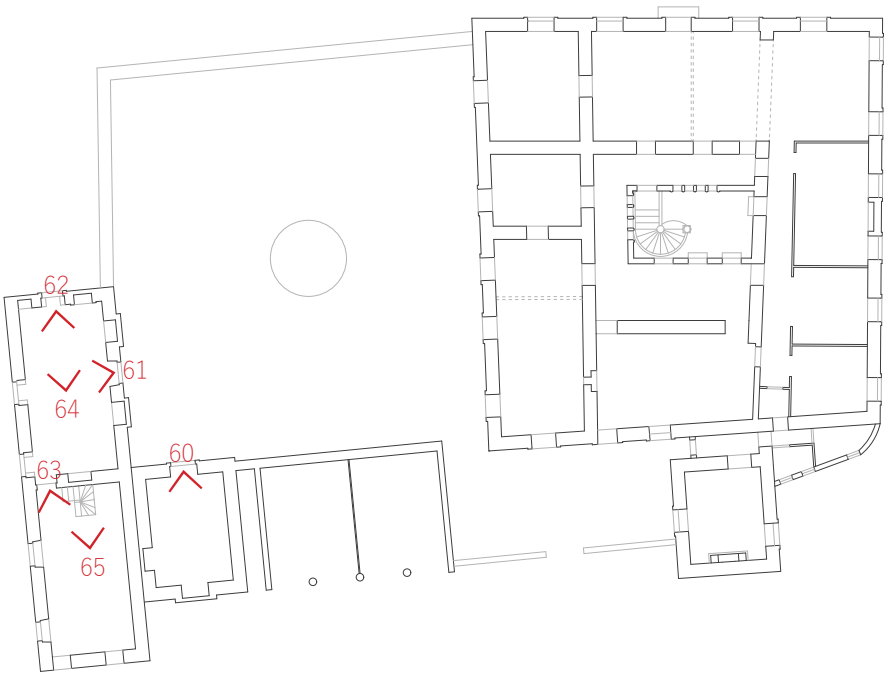
55


56

57

58

59



Esquema do piso superior | Escala 1:400

60

61

62

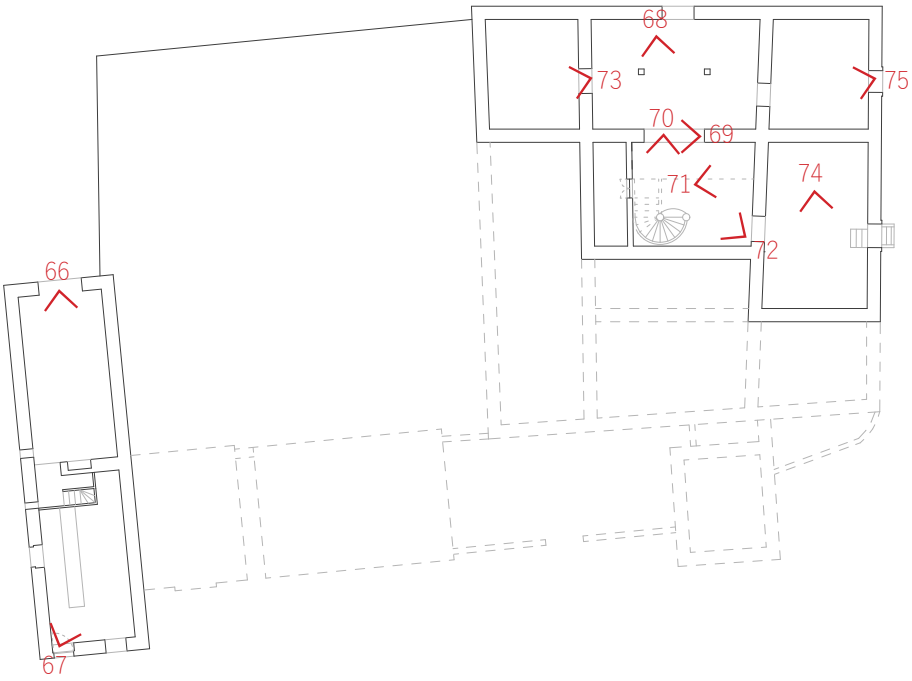
63

64

65

66

67



Esquema do piso térreo | Escala 1:400

68

69

70

71

72

73

74

75

2. DESENHOS DE LEVANTAMENTO

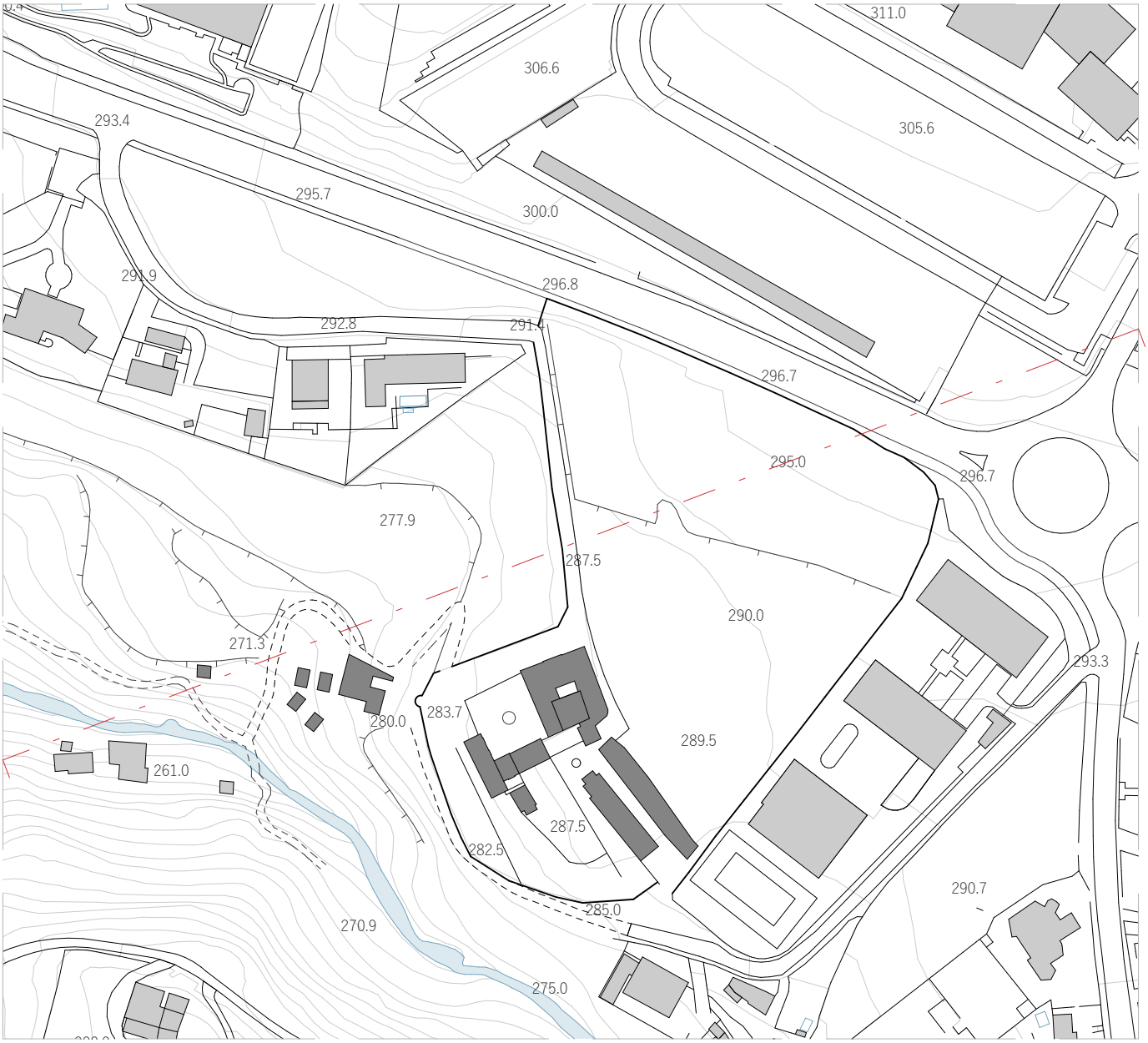
Edifícios da Quinta das Lages

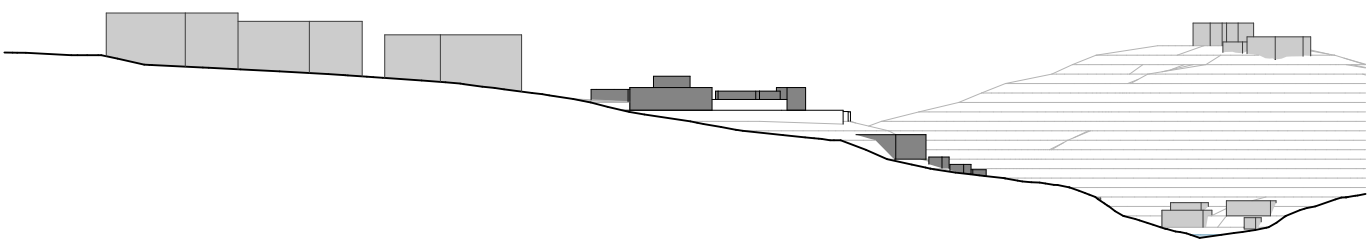
Caminhos pedestres

Limite da propriedade

2.1. Implantação | Escala 1:2 000

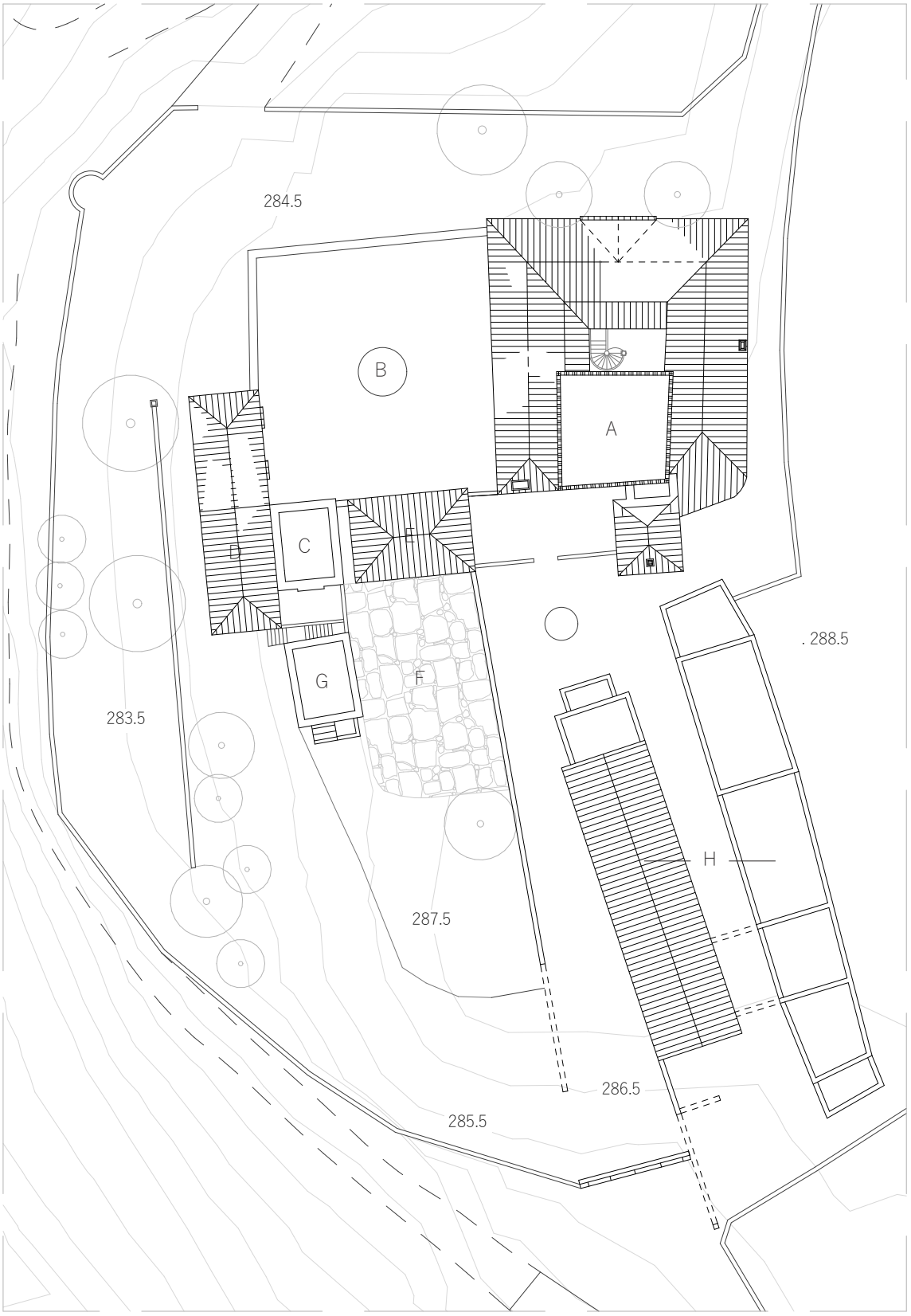
2.2. Corte terreno | Escala 1:2 000


311.0
306.6
305.6
293.4
295.7
300.0
291.9
296.8
292.8
291.4
296.7
295.0
296.7
277.9
287.5
290.0
271.3
293.3
283.7
280.0
289.5
261.0
287.5
282.5
290.7
285.0
270.9
275.0



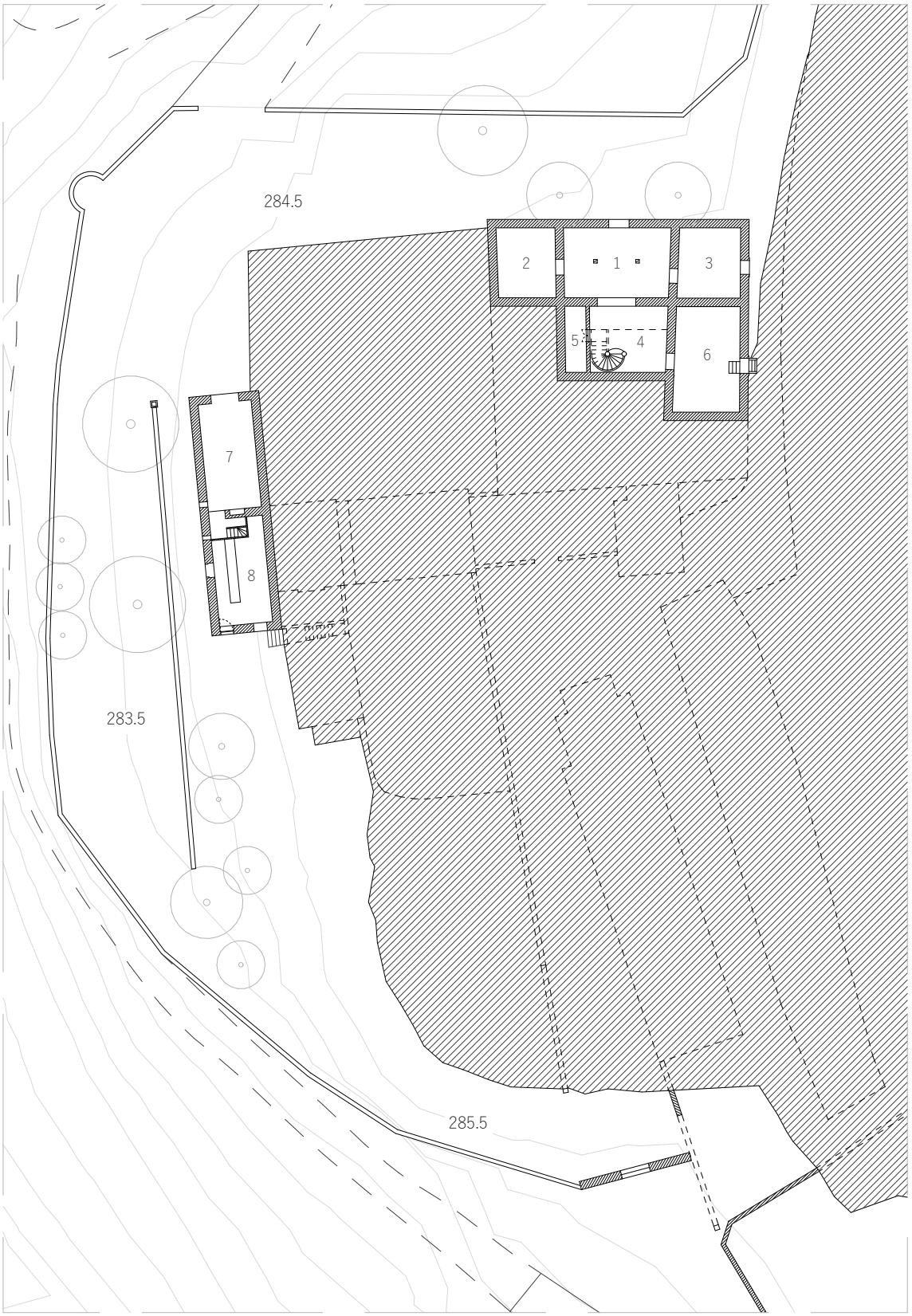
Casa senhorial - A
Jardim - B
Capela - C
Garagem - D
Casa da Eira - E
Eira - F
Anexos de apoio agrícola - G
Habitações dos caseiros - H

2.3. Planta de coberturas | Escala 1:500


284.5
B
A
C
E
D
G
F
. 288.5
283.5
H
287.5
286.5
285.5

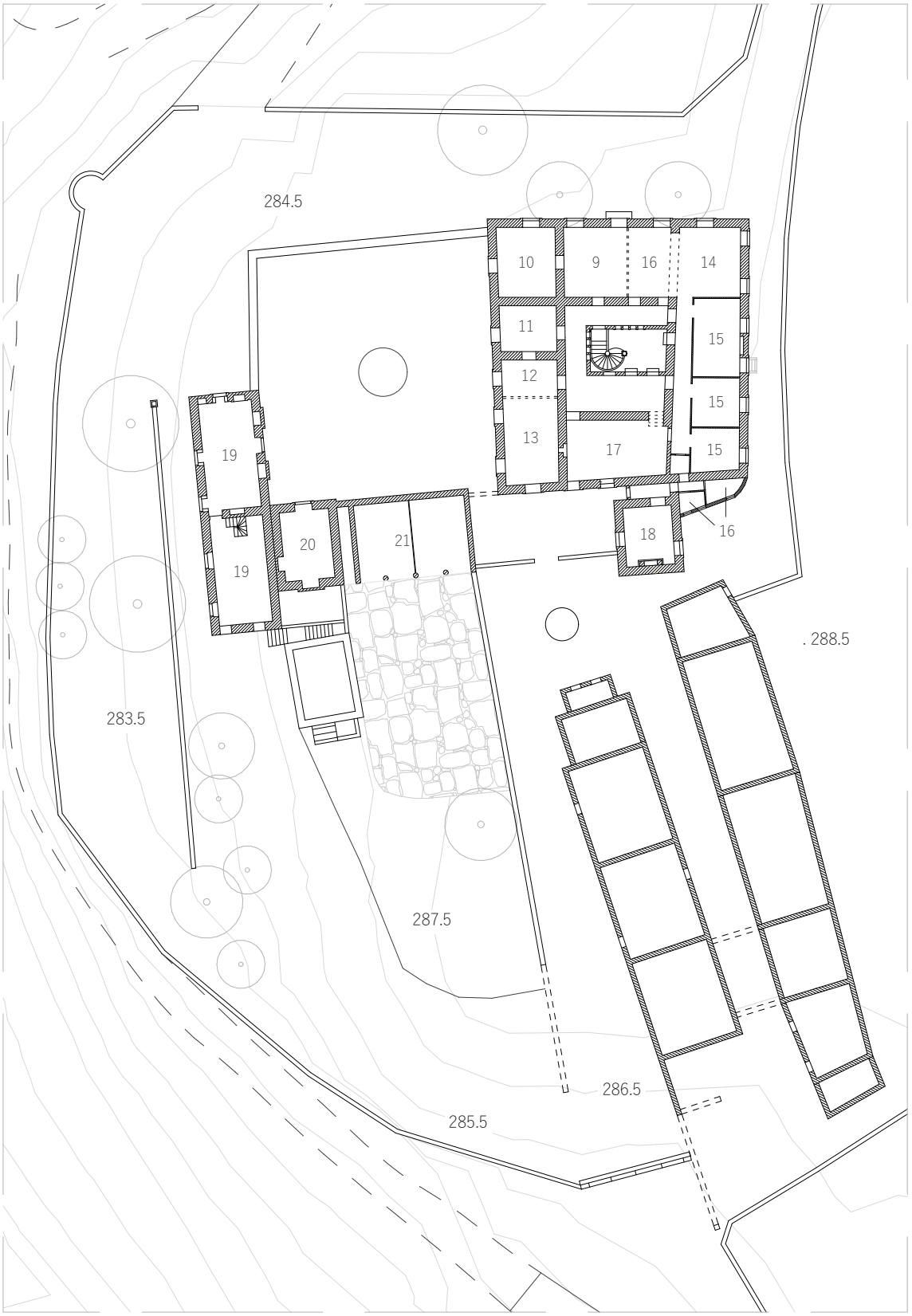
Átrio - 1
Garrafeira - 2
Sala de Armas - 3
Pátio - 4
Caldeira - 5
Tulha - 6
Garagem/Cocheira - 7
Cavalariça - 8

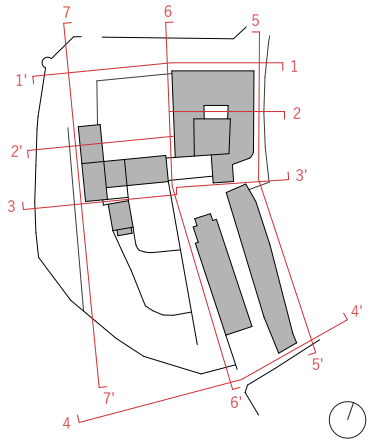
2.4. Planta do piso térreo, à cota 286.5 | Escala 1:500


284.5
2
1
3
5
4
6
7
8
283.5
285.5

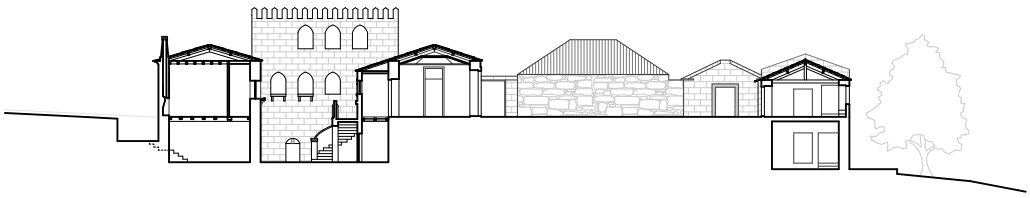
Sala Azul - 9
Sala Vermelha - 10
Sala de estar - 11
Copa - 12
Sala de jantar - 13
Quarto do Barão - 14
Quartos secundários - 15
Casas de banho - 16
Cozinha - 17
Biblioteca - 18
Sala de festas - 19
Capela - 20
Casa da eira - 21

2.5. Planta do piso superior, à cota 289 | Escala 1:500

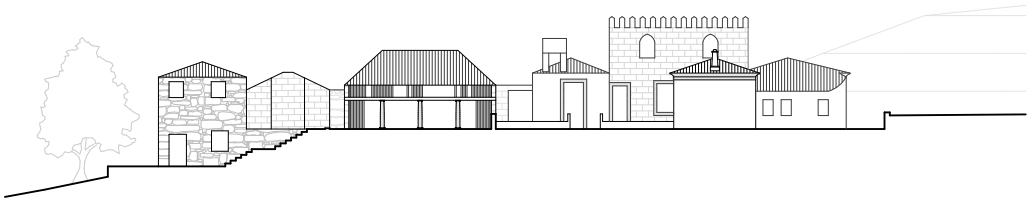

284.5
10
9
16
14
11
15
12
15
13
17
15
19
18
16
20
21
19
. 288.5
283.5
287.5
286.5
285.5



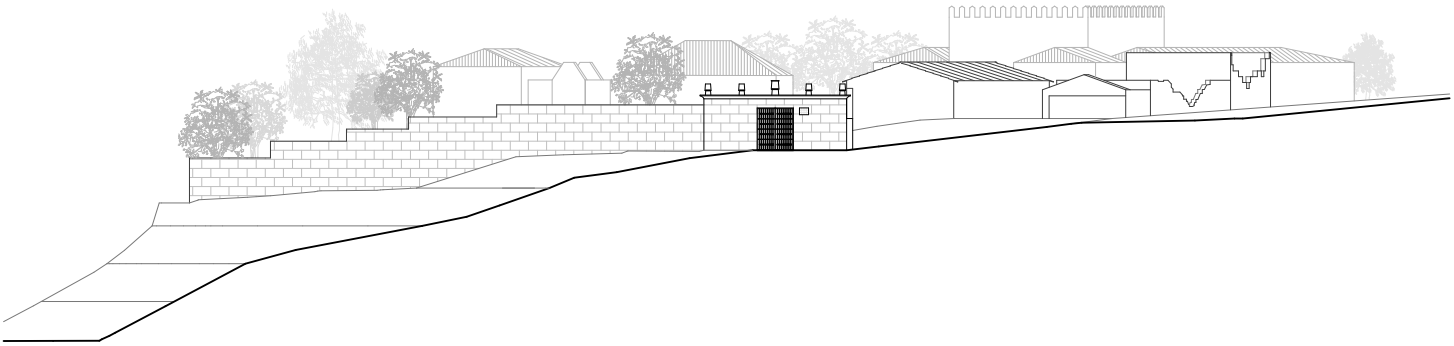
2.6. Alçado Norte (1-1') | Escala 1:500



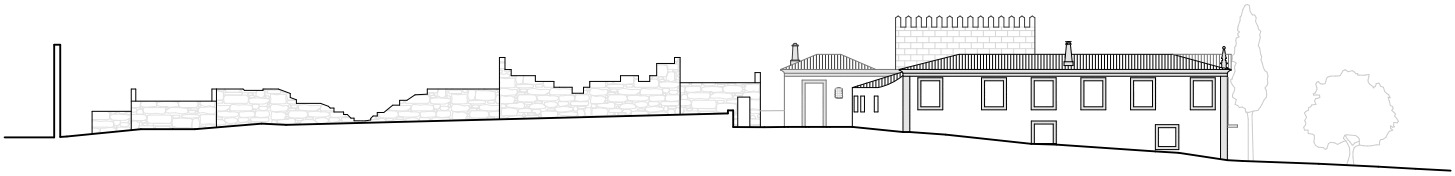
2.7. Corte transversal (2-2') | Escala 1.500



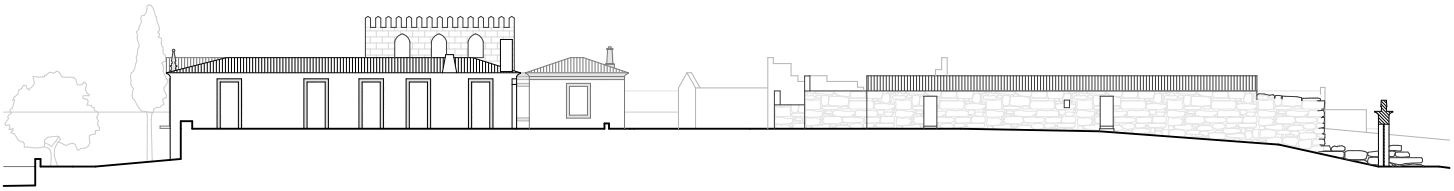
2.8. Alçado Sul 1 (3-3') | Escala 1:500



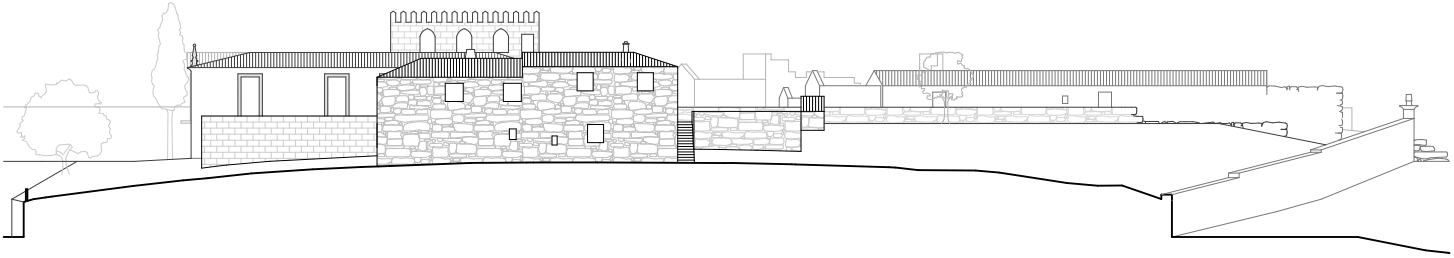
2.9. Alçado Sul 2 (4-4') | Escala 1:500



2.10. Alçado Nascente (5-5') | Escala 1:500



2.11. Alçado Poente 1 (6-6') | Escala 1:500



2.12. Alçado Poente 2 (7-7') | Escala 1:500

3. DESENHOS DE PROJETO

Edifícios da Quinta das Lages

Caminhos pedestres

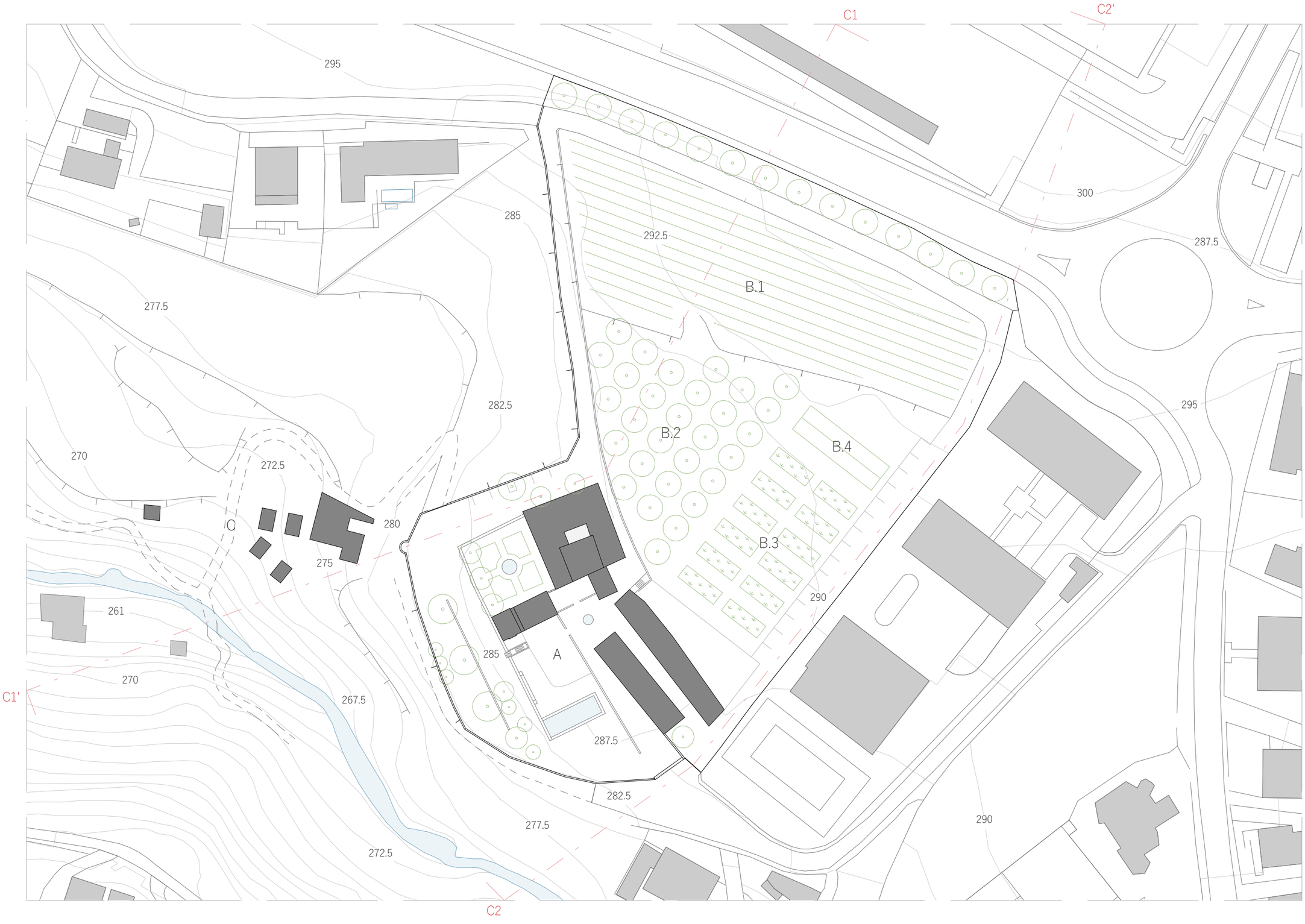
Limite da propriedade

Núcleo principal - A

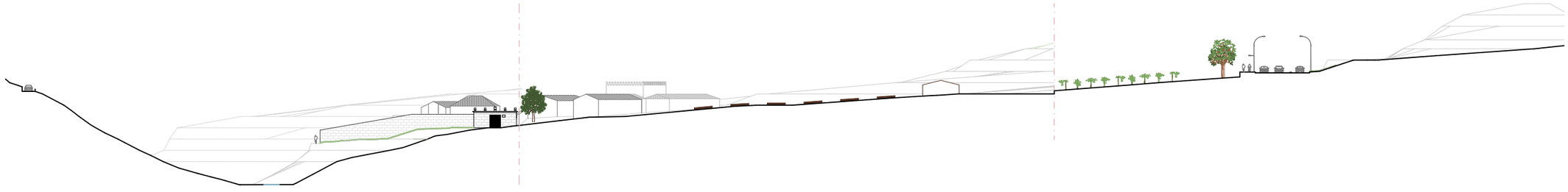
Espaço de cultivo - B
Vinha - B.1
Pomar - B.2
Horta - B.3
Estufa - B.4

Percurso dos moínhos - C

3.1. Implantação | Escala 1:1000


C1
C2'
295
285
292.5
B.1
300
287.5
277.5
282.5
B.2
B.4
295
270
272.5
C
280
275
B.3
290
261
285
A
270
C1'
267.5
287.5
282.5
277.5
290
272.5
C2

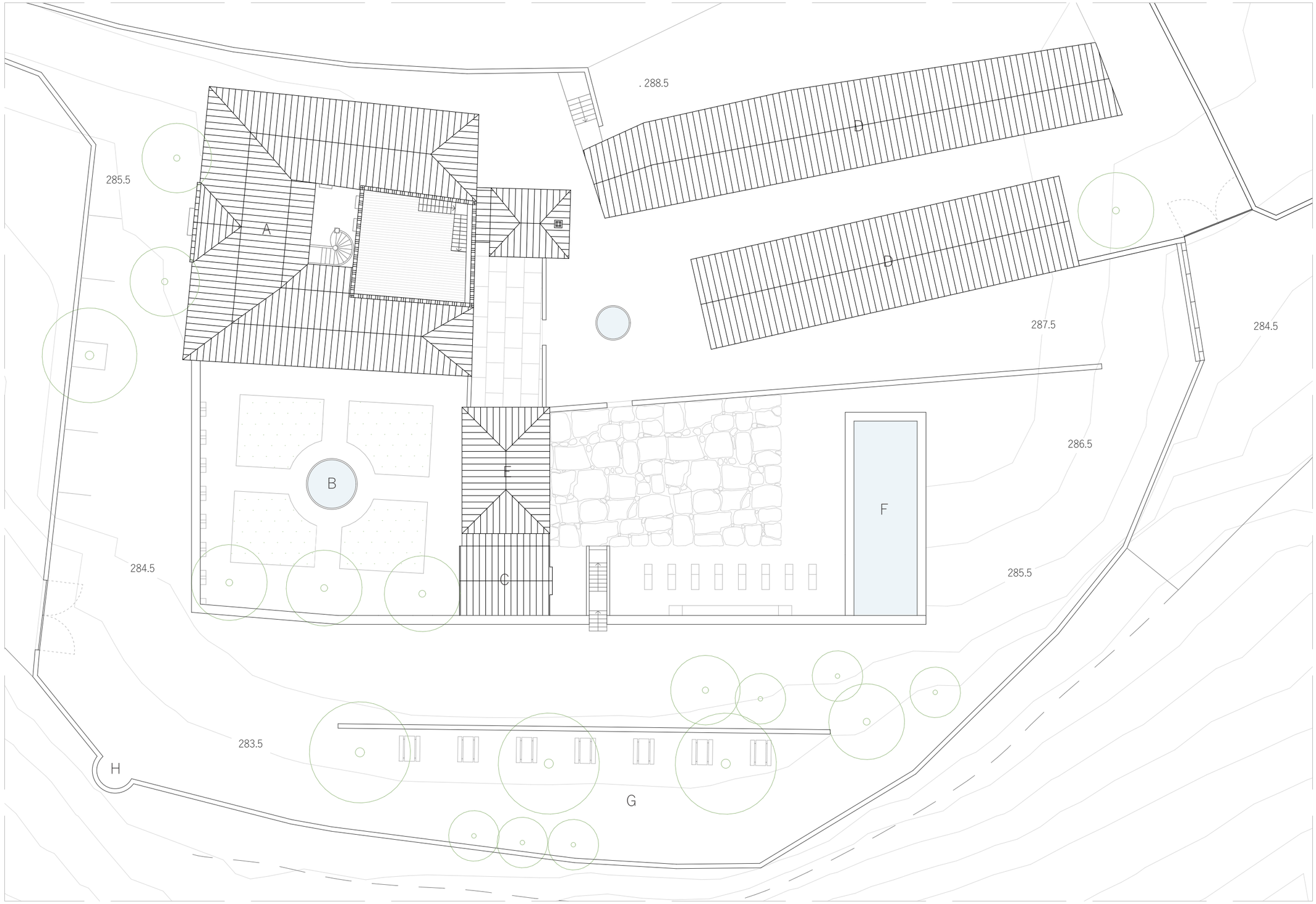
3.2. Corte terreno noroeste (C1 - C1') | Escala 1:1000



3.3. Corte terreno sudeste (C2 - C2') | Escala 1:1000

Casa senhorial (zonas comuns) - A
Jardim - B
Capela - C
Alojamentos - D
Bar - E
Piscina - F
Parque para piqueniques - G
Miradouro - H

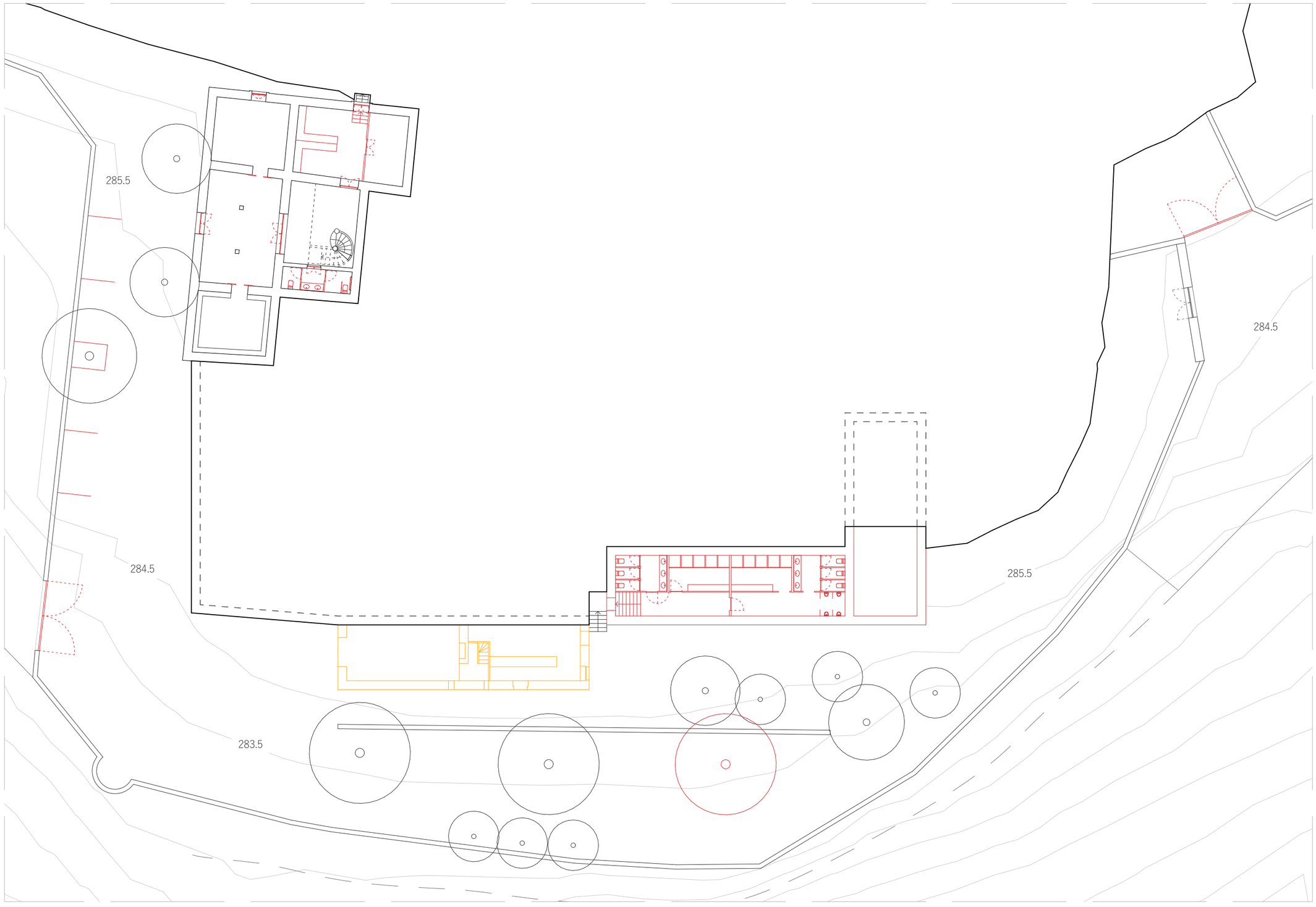
3.4. Planta de coberturas | Escala 1:300


. 288.5
285.5
A
D
D
287.5
284.5
B
F
C
F
286.5
284.5
285.5
283.5
H
G

a construir

a demolir

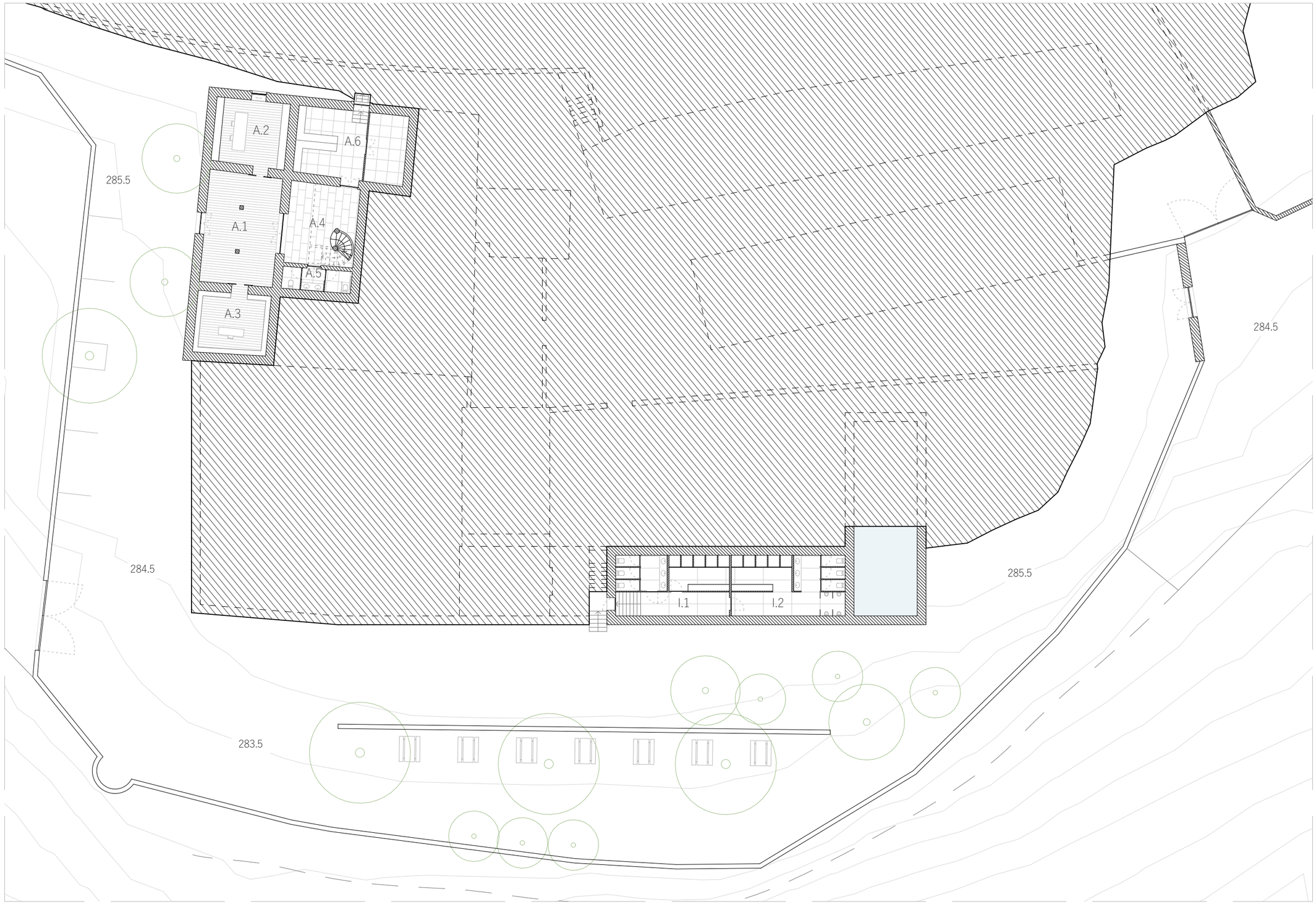
3.5. Planta de vermelhos e amarelos do piso térreo | Escala 1:300


285.5
284.5
283.5
284.5
285.5

Átrio/Sala de espera - A.1
Receção/Administração - A.2
Loja - A.3
Pátio - A.4
Instalações sanitárioas - A.5
Área técnica - A.6

Balneários femininos - I.1
Balneários masculinos - I.2

3.6. Planta do piso térreo | Escala 1:300


A.2
A.6
A.1
A.4
A.5
A.3
285.5
284.5
I.1
I.2
284.5
285.5
283.5

a construir

a demolir

3.7. Planta de vermelhos e amarelos do piso superior | Escala 1:300

. 288.5
285.5
287.5
284.5
286.5
285.5
284.5
283.5

Sala de estar - A.7
Bar - A.8
Sala de jogos - A.9
I. S. masculinas - A.10
I.S. femininas - A.11
Sala de jantar - A.12
Cozinha - A.13
Auditório/Sala polivalente - A.14
Biblioteca - A.15

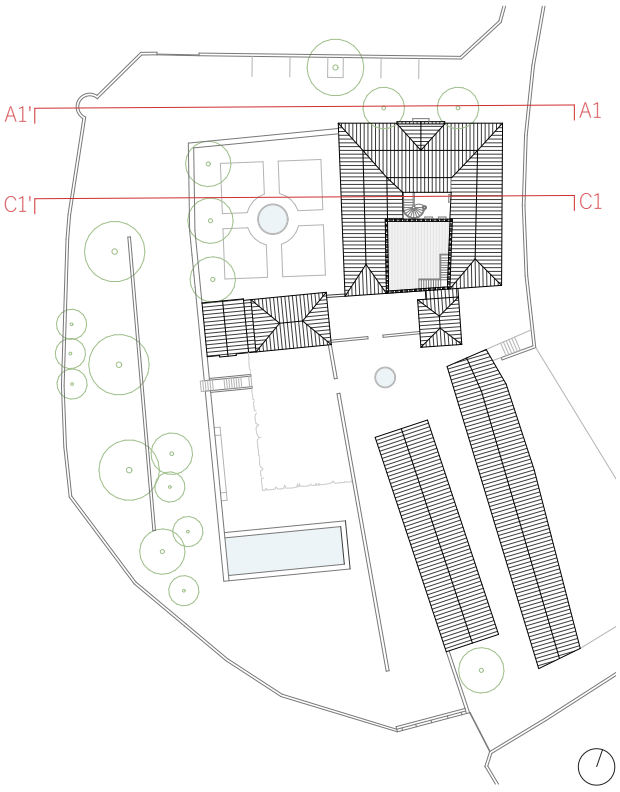
Capela - C

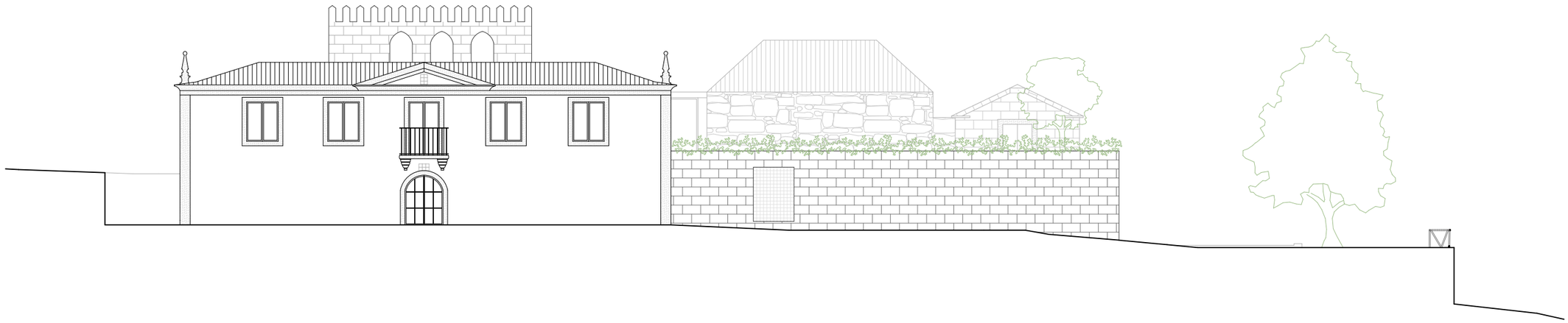
Quartos - D.1
Estúdios - D.2
Sala de reuniões/Arrumos - D.3

Bar da piscina - E.1
Arrumos - E.2

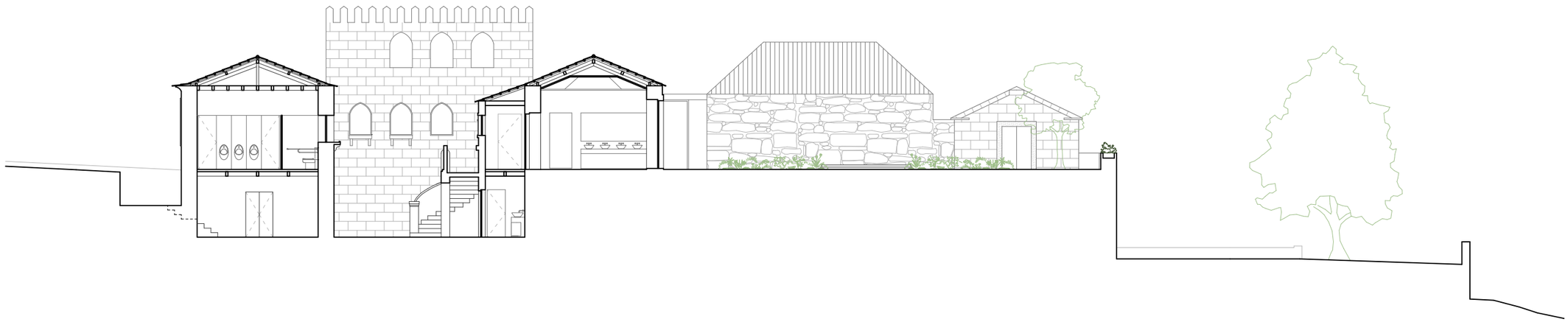
3.8. Planta do piso superior | Escala 1:300

. 288.5
285.5
A.9
A.10
A.14
A.7
A.15
A.13
A.8
A.11
A.12
D.3
D.2
D.1
287.5
284.5
E.1
E.2
C
286.5
284.5
285.5
283.5

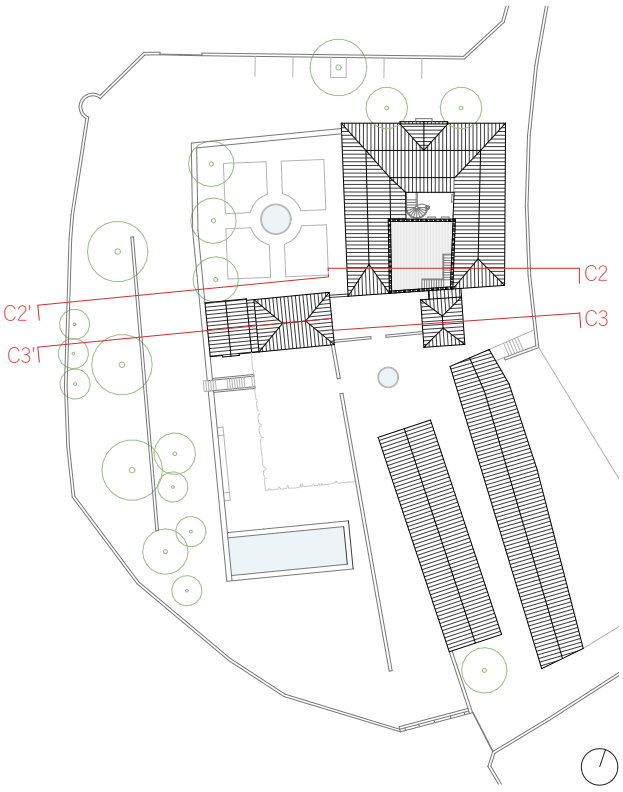

A1'
A1
C1'
C1

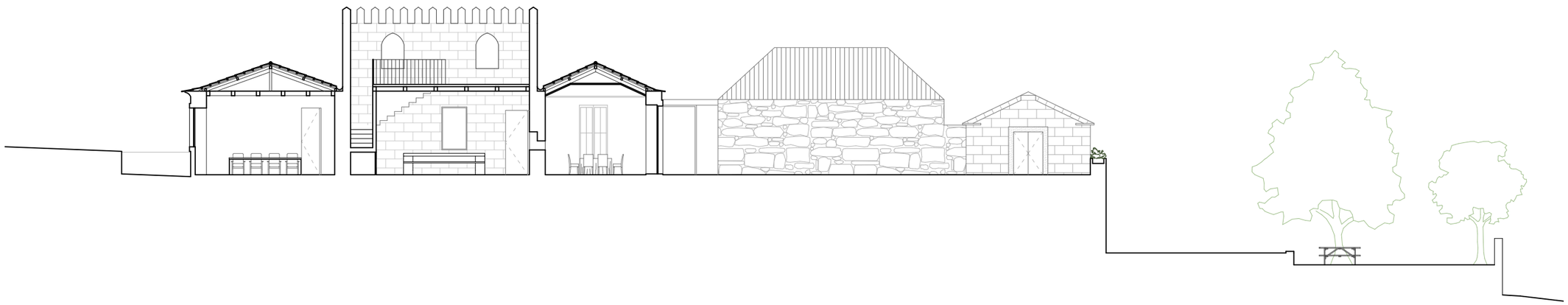


3.9. Alçado Norte (A1-A1') | Escala 1:200

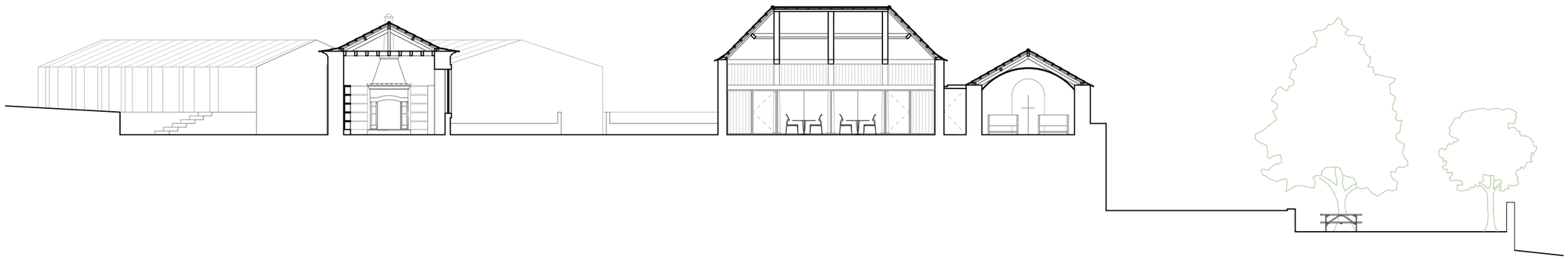


3.10. Corte transversal 1 (C1-C1')| Escala 1:200

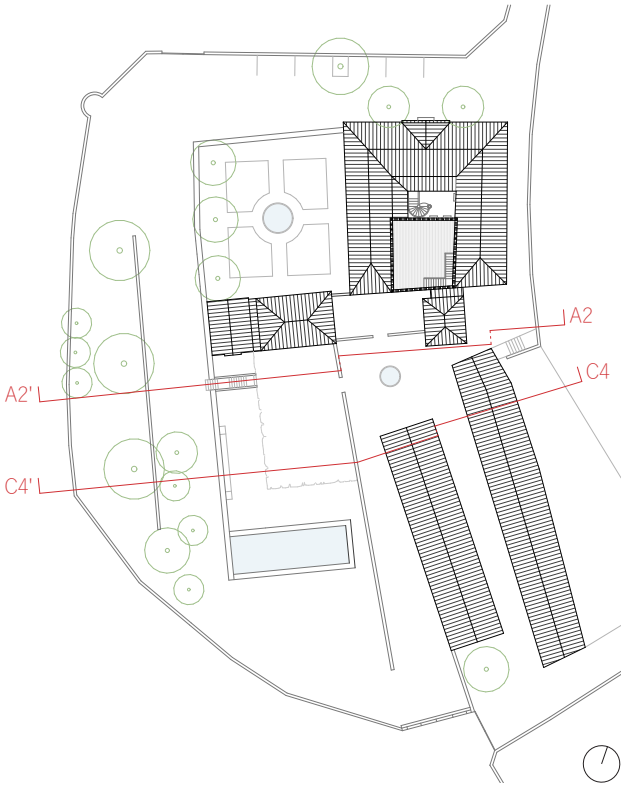

C2
C2'
C3
C3'

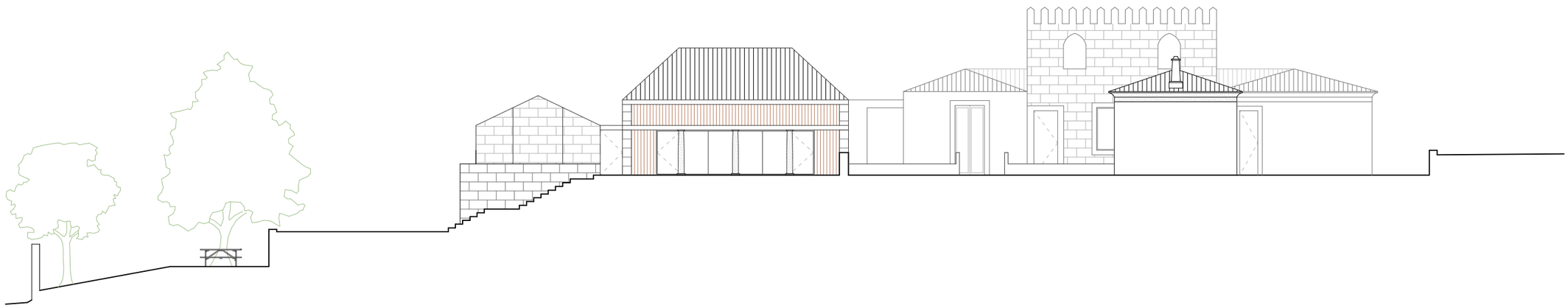


3.11. Corte transversal 2 (C2-C2') | Escala 1:200

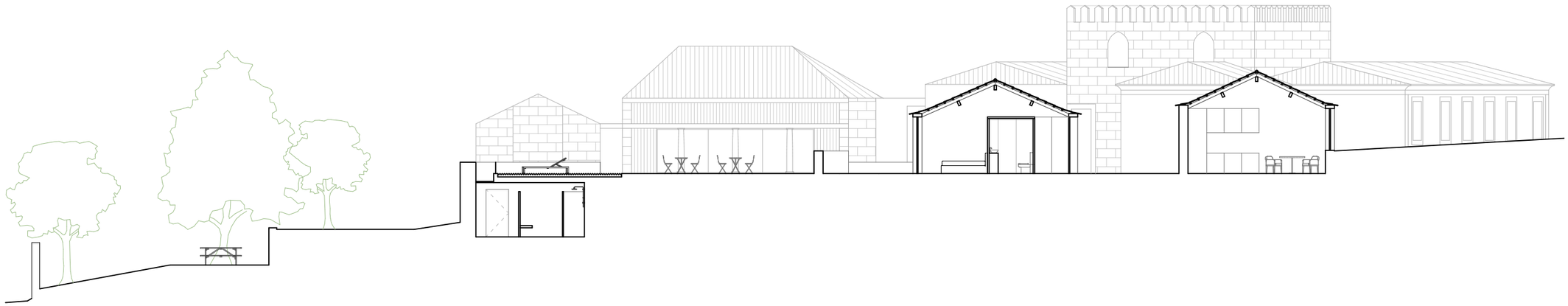


3.12. Corte transversal 3 (C3-C3') | Escala 1:200

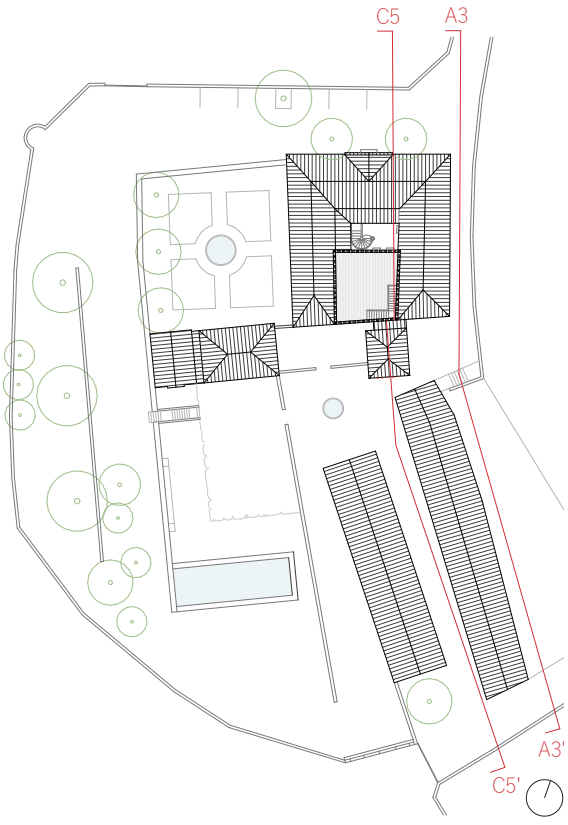

A2
C4
A2'
C4'

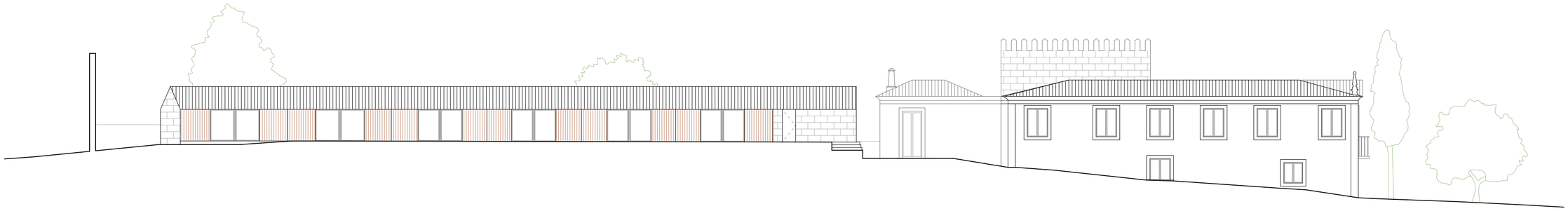


3.13. Alçado Sul (A2-A2') | Escala 1:200

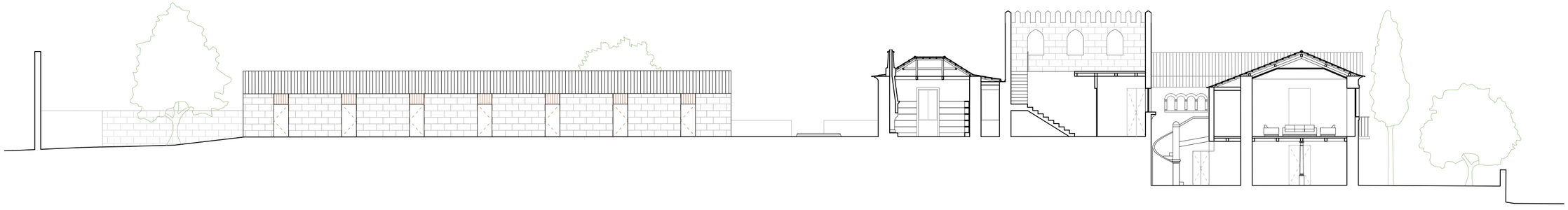


3.14. Corte transversal 4 (C4-C4') | Escala 1:200

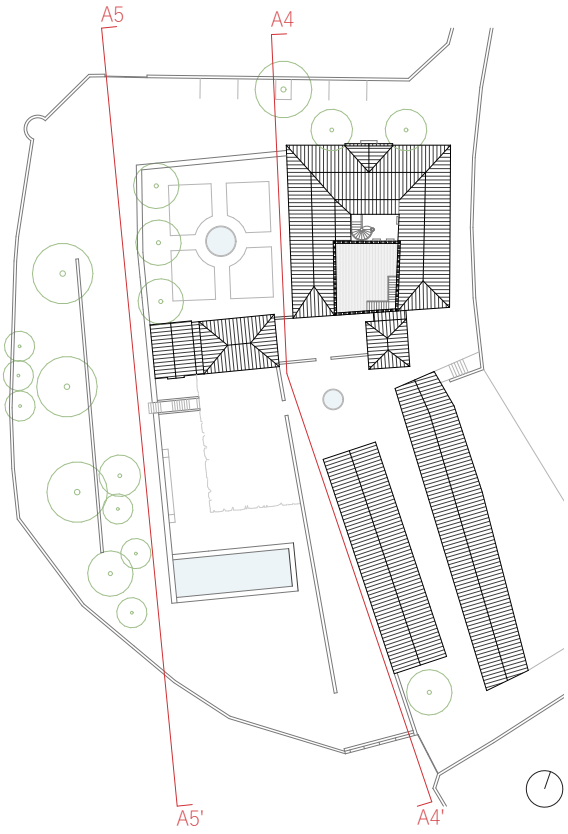

C5
A3
A3'
C5'

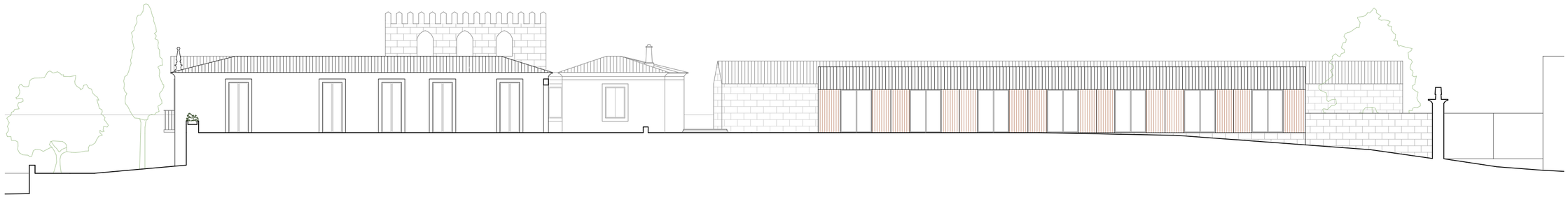


3.15. Alçado Nascente (A3-A3') | Escala 1:200

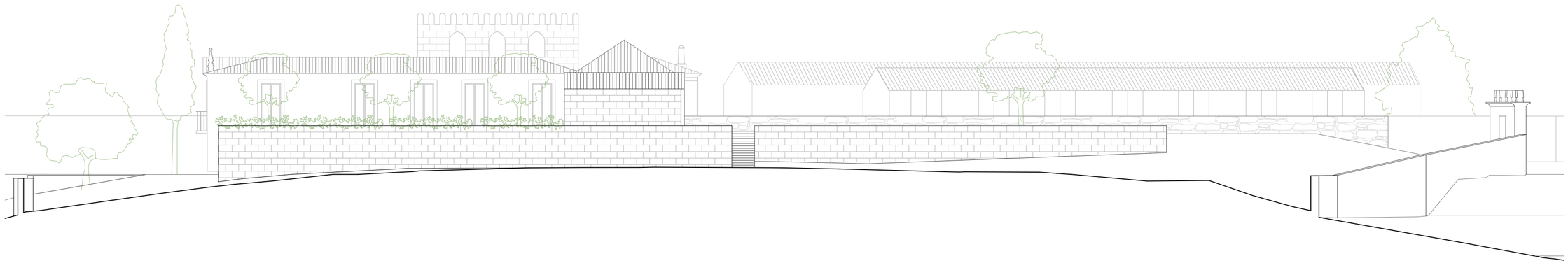


3.16. Corte longitudinal (C5-C5') | Escala 1:200


A5
A4
A5'
A4'

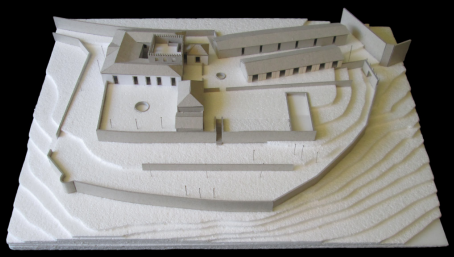


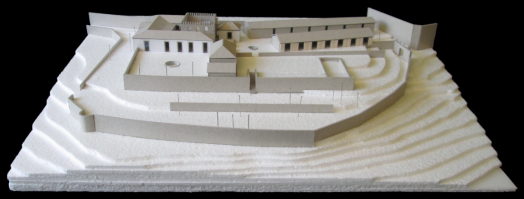
3.17. Alçado Poente 1 (A4-A4') | Escala 1:200

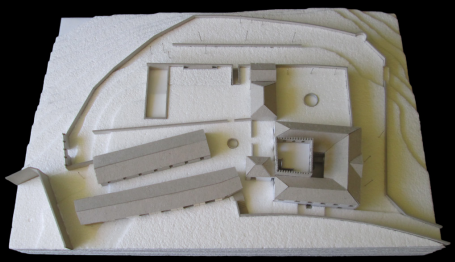


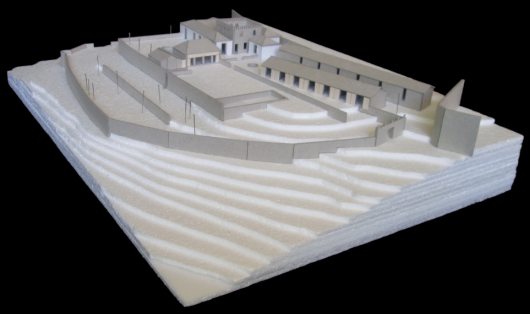
3.18. Alçado Poente 2 (A5-A5') | Escala 1:200

3.19. Fotografias da maquete

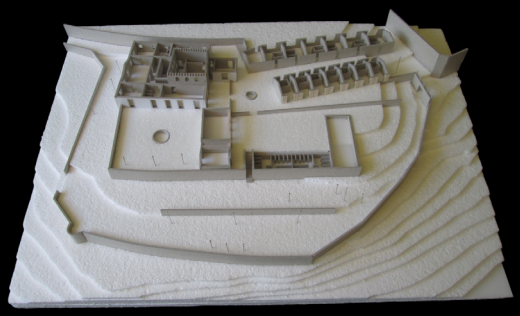


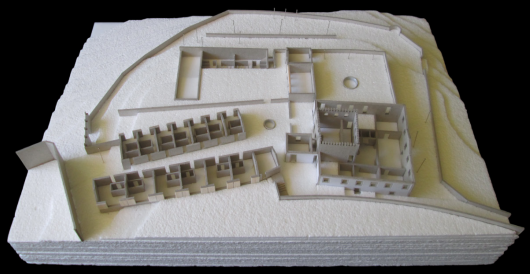


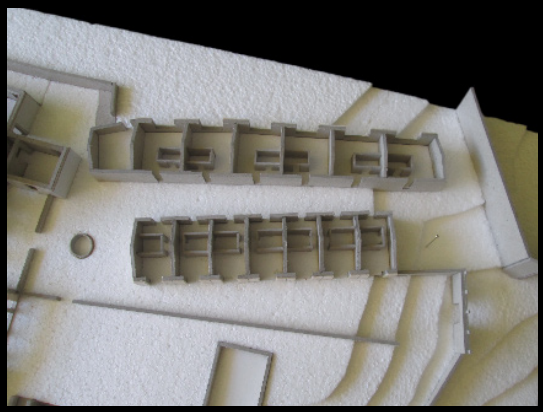


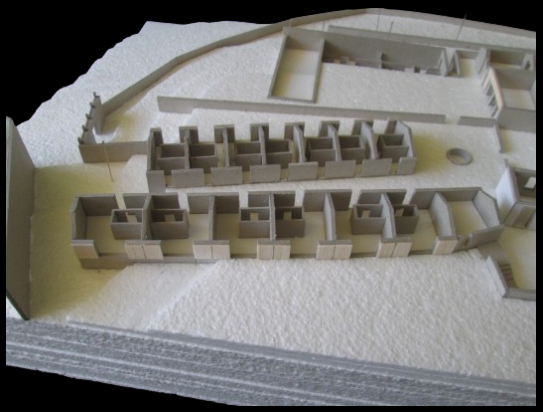


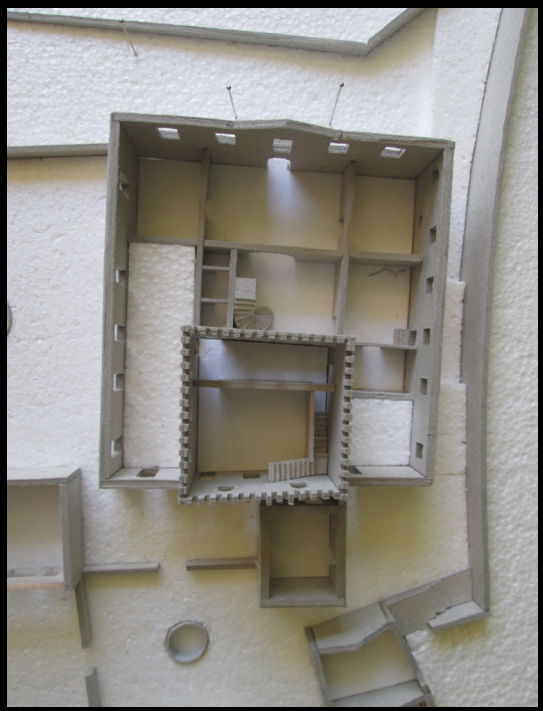
3.19. Fotografias da maquete

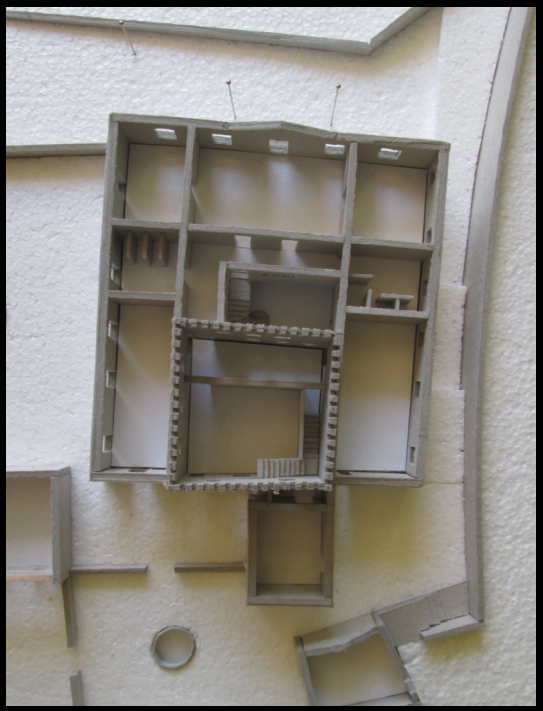












Volume dois de dois

A Memória da Matéria.
Proposta de intervenção na Quinta das Lages

Joana Dias Bandeira de Aguiar

FACULDADE DE ARQUITETURA